

UFRRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
PROFLETRAS

DISSERTAÇÃO

METACOGNIÇÃO, SITUATIVIDADE E ENSINO DE LEITURA:
COMPREENSÃO DE NARRATIVAS DE TERROR

Viviane Ignacio Rosa Cortez

2015



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
PROFLETRAS**

**METACOGNIÇÃO, SITUATIVIDADE E ENSINO DE LEITURA:
COMPREENSÃO DE NARRATIVAS DE TERROR**

VIVIANE IGNACIO ROSA CORTEZ

Sob a Orientação da Professora Doutora
Maria do Rosario da Silva Roxo

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do Título de **Mestre em Letras**, área de concentração em Linguagem e Letramento.

**Seropédica, RJ
Agosto de 2015**

469.07

C828M Cortez, Viviane Ignacio Rosa, 1979-

T Metacognição, situatividade e ensino de leitura: compreensão de narrativas de terror / Viviane Ignacio Rosa Cortez. - 2015.

192 f.: il.

Orientador: Maria do Rosário da Silva Roxo.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de Mestrado Profissional em Letras, 2015.

Bibliografia: f. 94-97.

1. Língua portuguesa (Ensino fundamental) - Estudo e ensino - Teses. 2. Leitura - Estudo e ensino - Teses. 3. Cognição - Teses. 4. Compreensão na leitura - Teses. I. Roxo, Maria do Rosário da Silva, 1961-II. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Curso de Mestrado Profissional em Letras. III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

VIVIANE IGNACIO ROSA CORTEZ

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, no Programa de Mestrado Profissional em Letras, área de concentração em Linguagem e Letramento.

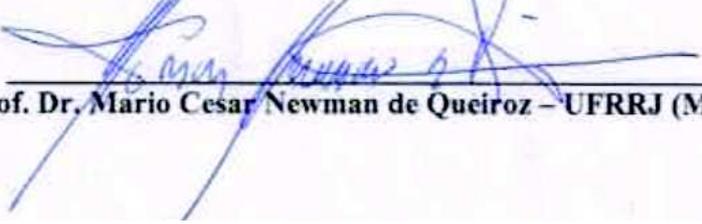
DISSERTAÇÃO APROVADA EM 27/08/2015.

BANCA EXAMINADORA

Aprovada por:


Prof.^a Dr.^a Maria do Rosario da Silva Roxo – UFRRJ (Orientadora)


Prof.^a Dr.^a Ana Flávia Lopes Magela Gerhardt – UFRJ (Membro-Externo)


Prof. Dr. Mario Cesar Newman de Queiroz – UFRRJ (Membro Interno)

Seropédica, RJ
2015

Dedicada a Fernando Cortez, pelo amor, compreensão, carinho, afeto e apoio incondicional.

AGRADECIMENTOS

Em diversas etapas de constituição desta dissertação, inclusive nas etapas antecedentes, houve pessoas especiais que acreditaram em meu potencial, que me apoiaram e me motivaram a prosseguir, nunca desistir. Por isso, não posso deixar de compartilhar a minha felicidade com aqueles que estiveram ao meu lado, apoiando-me e contribuindo direta e indiretamente para que esse sonho pudesse se realizar. Neste momento em que me encontro escrevendo esses agradecimentos, estou finalizando a confecção deste trabalho que me trouxe muitas alegrias, mas também muitas angústias e situações um tanto quanto difíceis. Entretanto, aqui estou. Muito embora alguns tenham duvidado que isso pudesse se concretizar, meu trabalho ficou pronto, a pesquisa se realizou e, no fim das contas, todos os percalços tornaram-se aprendizados que vou levar para toda a vida. Portanto, agradeço também a esses percalços, porque, sem eles, eu não seria o que sou hoje. Agradeço especialmente a Jesus e Maria, pelas bênçãos, pela proteção, pela paz e pelo amor. Eu nada seria sem fé. Aos irmãos e amigos do movimento Aliança de Casais com Cristo, pelo incentivo e pelas orações. À minha pequena grande família, por todo incentivo, força e paciência. Em especial, aos meus filhos Caio e Bernardo, que, desde sempre me compreenderam ao deixá-los para estudar, acreditando em meu potencial e me incentivando. À minha mãe, Edna e seu marido Antônio, pelo apoio, confiança e carinho. Ao meu marido Fernando, pelo seu carinho, pela sua paciência, por não me deixar esmorecer em diversos momentos e por ter acreditado em mim. Há quase 20 anos compartilha dos meus sonhos e desejos, sempre apoiando todas as minhas ideias e escolhas. Ele me viu crescer, de menina para mulher, apoiando-me em absolutamente tudo. Aquele que, nessa reta final, foi quem esteve mais perto, suportando minhas crises, choros, dúvidas e desesperos. Acreditando em mim e me fazendo acreditar quando eu mesma já não acreditava mais. Muito obrigada, meu amor, por seguir comigo, compreendendo meus momentos de estudo. Só tenho a te agradecer por você estar ao meu lado sempre, não importa como, quando, nem onde. Agradeço também ao Colégio Estadual Rubens Farrulla, por permitir e apoiar a minha pesquisa. Aos meus alunos consultados, sem os quais a realização do presente trabalho seria impossível, por serem a inspiração e motivação constante para minha busca por conhecimentos que possibilitem um ensino mais situado, libertador e mais humano. A todos

os meus amigos do Profletras que conquistei nessa jornada acadêmica, em especial: Cristiane, Nanci e Miriam, pelos seminários e artigos que sempre fizemos juntas. A todos os meus professores do mestrado Profletras, pois aprendi muito com todos. À banca mais que especial: professor Mário Newman, obrigada por ler meu trabalho e me conceder a honra de sua presença. À professora Ana Flávia Gerhardt, que me inspirou com seus artigos publicados. São professores, mestres e doutores muito queridos que me ensinaram o verdadeiro sentido de ser professora e que carinhosamente me mostraram a importância de ser pesquisadora. E, principalmente, agradeço de todo meu coração à professora doutora Maria do Rosario, minha orientadora. A pessoa que, diretamente, possibilitou a realização desse trabalho. Agradeço pela confiança em me acolher para discutirmos o trabalho em sua residência. Por sua orientação e por confiar a mim um trabalho tão precioso. Agradeço por me conduzir com tanta dedicação e por me ensinar a trabalhar com seriedade e ética. Ela que, não só me orientou academicamente, mas me orientou para a vida, ensinando-me a respeitar o ser humano como um ser que pensa e que pode aprender sempre. Ensinou-me a olhar para o outro compreendendo suas dificuldades, mas olhando sempre para aquilo que ele tem de melhor dentro de si e que pode ser sempre aprimorado. Ensinou-me que é compartilhando com os outros que aprendemos mais, e que essa é a única forma de crescer. Agradeço por revisar este trabalho dezenas de vezes, de forma atenta e amorosa, ajudando-me a crescer como pesquisadora. Nunca será o suficiente agradecer a você, por isso minha gratidão será eterna. Muito obrigada, minha amiga, Rosario! A CAPES, por investir em meu trabalho. Seu apoio foi fundamental à constituição deste estudo. Finalmente, agradeço à UFRRJ, ao PROFLETRAS em Língua Portuguesa e ao coordenador Gerson pela realização deste trabalho e pelo apoio incondicional. O caminho percorrido foi longo, a batalha foi árdua, mas a minha luta não teria sido possível de ser enfrentada sem todos vocês. A todos, muito obrigada!

EPÍGRAFE

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.

(Paulo Freire, *Pedagogia da autonomia*)

CORTEZ, Viviane Ignacio Rosa. **Metacognição, situatividade e ensino de leitura: compreensão de narrativas de terror**. Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. SEROPÉDICA, 2015.

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação PROFLETRAS, Área de Concentração: Língua Portuguesa, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Língua Portuguesa.

RESUMO

Esta dissertação tem o objetivo de verificar se os alunos do sétimo ano do ensino fundamental encontram-se situados como compreendedores em leitura. Além disso, optou-se em propor atividades metacognitivas utilizando as narrativas de terror, que são o nosso objeto de interesse. Desenvolveu-se este estudo à luz dos pressupostos teóricos apresentados pelos estudos em metacognição. Os estudos em metacognição podem fornecer importantes estratégias que explorem a habilidade cognitiva dos alunos como leitores, pois eles pretendem discutir a compreensão das narrativas de terror. Pretende-se com esse trabalho contribuir para as possibilidades de aplicação dos pressupostos relacionados à metacognição no ensino de leitura de narrativas. As atividades foram elaboradas com o intuito de ajudar os alunos das turmas do sétimo ano do ensino fundamental a se tornarem leitores e compreendedores de textos mais conscientes.

Palavras-chave: Cognição; ensino de leitura; metacognição; narrativas de terror; situatividade.

CORTEZ, Viviane Ignacio Rosa. **Metacognition, situativity and teaching reading: comprehension of horror stories.** Thesis (Master in Portuguese Language). Institute of Human and Social Sciences, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. SEROPÉDICA, 2015.

Abstract of Master's Thesis submitted to the Graduate Program PROFLETRAS, Concentration area: Languages, of Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, as part of the requirements for obtaining the title of Master in Portuguese Language.

ABSTRACT

This work aims to verify if the students of the seventh grade of elementary school are situated as reading comprehension. In addition, it was decided to propose metacognitive activities using the horror stories that are our object of interest. We developed this study in the light of theoretical assumptions contained in the studies on metacognition. Studies in metacognition can provide important strategies to explore the cognitive ability of students as readers, as they intend to discuss the understanding of the horror stories. The aim of this work is to contribute with the application of possibilities of the assumptions related to metacognition in teaching reading narratives. The activities were developed in order to help students of the classes of the seventh year of elementary school to become readers and reading comprehension texts more conscious.

Keywords: Cognition; teaching reading; metacognition; horror narratives; situativity.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO E QUADROS

Figura 1 - Conhecimento metacognitivo como resultado dos processos executivos	25
Quadro 1 – Consultados e testes-protocolos respondidos	43
Quadro 2 – Excerto 1	53
Quadro 3 – Excerto 2	61
Quadro 4 – Excerto 3	66
Quadro 5 – Excerto 4	72

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Questão 1 do excerto 1 e suas respostas.....	53
Tabela 2 – Questão 2 do excerto 1 e suas respostas.....	55
Tabela 3 - Questão 3 do excerto 1 e suas respostas.....	57
Tabela 4 – Comparação das respostas das questões 2 e 3 do excerto 1.....	58
Tabela 5 - Questão 1 do excerto 2 e suas respostas.....	62
Tabela 6 – Questão 2 do excerto 2 e suas respostas.....	63
Tabela 7 - Questão 3 do excerto 2 e suas respostas.....	65
Tabela 8 - Questão 1 do excerto 3 e suas respostas.....	66
Tabela 9 – Questão 2 do excerto 3 e suas respostas.....	67
Tabela 10 – Questão 3 do excerto 3 e suas respostas.....	68
Tabela 11 – Questão 4 do excerto 3 e suas respostas.....	70
Tabela 12 – Questão 1 do excerto 4 e suas respostas.....	72
Tabela 13 – Questão 2 do excerto 4 e suas respostas.....	74
Tabela 14 - Questão 3 do excerto 4 e suas respostas.....	75
Tabela 15 - Questão 4 do excerto 4 e suas respostas.....	76
Tabela 16 - Questão 2 do teste-protocolo II e suas respostas.....	82
Tabela 17 - Questão 3 do teste-protocolo II e suas respostas.....	83
Tabela 18 - Questão 4 letra a do teste-protocolo II e suas respostas.....	84
Tabela 19 - Questão 4 letra b do teste-protocolo II e suas respostas.....	85
Tabela 20 - Questão 4 letra c do teste-protocolo II e suas respostas.....	86
Tabela 21 - Questão 5 do teste-protocolo II e suas respostas.....	87

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
2- LINGUÍSTICA COGNITIVA: LINGUAGEM E CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADO.....	17
3- COGNIÇÃO DE FORMA DISTRIBUÍDA	22
4- METACOGNIÇÃO.....	24
5- APRENDIZADO E IDENTIDADES SITUADAS.....	28
6- ESTUDO DAS PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE LEITURA E SUA RELAÇÃO COM O ENSINO.....	35
7- METODOLOGIA.....	39
7.1 Natureza da pesquisa.....	39
7.2 A escola: lugar de aplicação dos testes.....	41
7.3 Alunos consultados.....	42
7.4 O contexto da aplicação e coleta dos testes-protocolos I e II.....	43
7.5 Procedimentos de coleta de dados.....	44
7.6 Procedimento de análise de dados	51
8- ANÁLISE DOS DADOS.....	52
8.1 Primeiro Excerto do Teste-Protocolo I.....	52
8.2 Segundo Excerto do Teste-Protocolo I.....	61
8.3 Terceiro Excerto do Teste-Protocolo I.....	66
8.4 Quarto Excerto do Teste-Protocolo I.....	72
8.5 Teste-Protocolo II.....	77
9- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	91

ANEXOS	95
ANEXO A – Termos de autorização.....	96
ANEXO B – Teste-Protocolo I.....	100
ANEXO C – Teste-Protocolo II.....	109
ANEXO D – Testes-Protocolos respondidos pelos alunos.....	114

INTRODUÇÃO

Não. Leitura não é esse ato solitário; é interação verbal entre indivíduos, e indivíduos socialmente determinados: o leitor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros; o autor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e os outros; entre os dois: enunciação; diálogo?(Magda Soares, 2000, p. 18)

Nesta Dissertação, o objeto de estudo é a narrativa de terror. E levando-se em conta esse objeto, discutiremos o problema que existe na dificuldade dos alunos do Ensino Fundamental em compreender textos, considerando as avaliações escolares e institucionais SAERJINHO¹ E SAERJ².

A escolha do objeto de investigação desta dissertação justifica-se pela empolgação que estas despertam nos adolescentes, possibilitando-os a vivenciar situações misteriosas e sobrenaturais, bem como promover a articulação dos saberes dos alunos às práticas cognitivas, como a inferência, dando sentido ao texto.

Como objetivo geral, pretendemos promover a compreensão de leitura de narrativas de terror a partir da metacognição, tornando os alunos conscientes desse tipo textual. Tendo como objetivo específico, desenvolver propostas pedagógicas de compreensão de texto, possibilitando consciência e situatividade dos alunos no processo de ensino-aprendizagem.

O que norteia a análise das narrativas de terror nesta dissertação envolve a metacognição, as identidades situadas e a construção do conhecimento relacionado à administração de seus processos cognitivos sendo pensada em relação à leitura de narrativas de terror.

Ao se ler alguns autores como BROWN (1987) e FLAVELL (1979), que demonstraram estar conscientes de que o estudo e a leitura envolvem um tipo de atividade denominada de *metacognitiva*, FULGÊNCIO & LIBERATO (1992), que demonstraram que a compreensão e o aprendizado da leitura serão maiores, quanto melhor forem a legibilidade dos textos e a adequação à realidade do leitor, KATO (1985), que postula sobre o aprendizado

¹ Sistema de Avaliação bimestral.

² Sistema de Avaliação da Educação do Estado do Rio de Janeiro.

e a compreensão da leitura, SINHA (1999), que mostra sobre aprender a ser um aprendiz e pessoas situadas e SOARES (2002) que nomeia comportamentos e práticas sociais na área da leitura e outros, percebemos o quanto é importante ensinar a leitura através da metacognição, para que, no futuro, os índices de leitores com dificuldades em compreender textos apresentados pelo PISA³, IDEB⁴ e pelo IDERJ⁵ não aumentem e sim diminuam considerados os obstáculos a serem vencidos na escola com relação à leitura.

O foco do trabalho parte da constatação de que a leitura na escola é uma atividade pedagógica para além de ensinar a ler. Com base na observação da baixa competência de compreensão leitora apresentada pelos estudantes nas avaliações do Estado do Rio de Janeiro, esta pesquisa trata do ensino da leitura, com fundamento teórico nas Ciências Cognitivas.

Um aspecto que se observa na escola é o insucesso nas avaliações do Estado, principalmente em termos de desempenho dos alunos na compreensão leitora. É comum encontrar alunos que apresentam dificuldade de interpretação de textos. Muitos deles alegam não terem o hábito da leitura, o que se explica pela dificuldade que têm em aferir significado àquilo que leram.

Entender os processos de compreensão é fundamental para o ensino da leitura. Um ponto a ser destacado é que a compreensão é uma das questões mais complexas da leitura. Até mesmo porque a compreensão é um processo que ultrapassa a leitura da palavra, já que compreendemos (ou não) um texto, um contexto e o mundo.

Desta maneira, o trabalho é orientado a partir da seguinte hipótese geral: a metacognição e a situatividade possibilitam um trabalho pedagógico em relação ao ensino de compreensão de textos. Para tanto, partimos da hipótese específica de que o padrão de respostas dos alunos consultados manifesta compreensão e situatividade destes em situação de compreendedores de narrativas de terror.

Sendo assim, esta dissertação compreende nove capítulos:

No capítulo dois apresentamos os pressupostos teóricos.

No capítulo três é abordada a cognição distribuída.

No capítulo quatro, a metacognição.

No capítulo cinco apresentamos o aprendizado e as identidades situadas.

No capítulo seis é abordado o estudo das perspectivas teóricas sobre leitura e sua relação com o ensino.

³ Programa de Avaliação Internacional de Estudantes.

⁴ Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

⁵ Índice de Desenvolvimento Escolar do Estado do Rio de Janeiro.

No capítulo sete mostramos a metodologia utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa.

No capítulo oito contém a análise dos dados, com o intuito de saber se através das atividades metacognitivas os estudantes conseguem identificar que tipos de narrativas estão presentes nos contos apresentados, se sabem o tipo textual e se conseguem compreendê-las.

E finalmente, diante das análises desenvolvidas e dos problemas encontrados, apresentamos no nono capítulo as considerações, discutindo a perspectiva teórica adotada e a abordagem da prática pedagógica relacionada ao ensino da leitura de narrativas de terror e a metacognição.

Nesta seção, trataremos dos pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva, especificamente o estudo da relação da linguagem e construção de significado.

2 LINGUÍSTICA COGNITIVA: LINGUAGEM E CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADO

Com o avanço do empreendimento cognitivista, houve a retomada de antigas questões filosóficas em torno de dicotomias como mente/corpo, objetividade/subjetividade, raciocínio/imaginação, inato/adquirido, lógica/senso comum. Nesse sentido, a Linguística Cognitiva postula que a cognição não pode ser entendida como algo isolado (uma mente sem corpo), subjetivo ou apenas determinado por influências externas (NOBRE, 2012, p.24).

Dentre os trabalhos de análise linguística de Fillmore (1988), Johnson (1987, 1999), Lakoff (1987), Langacker (1991), Fauconnier (1994), Sinha (1999) e Tomasello (2003) destacam-se algumas questões que merecem nossa reflexão, e em termos gerais, a Linguística Cognitiva desenvolveu-se a partir de três importantes pressupostos básicos (cf. CROFT & CRUSE, 2004):

A. Com relação aos fundamentos da relação “linguagem e construções de significado”;

B. A estrutura gramatical de uma língua reflete diferentes processos de conceptualização; e

C. O conhecimento linguístico emerge e se estrutura a partir do uso da linguagem – a partir do uso efetivo da língua em eventos comunicativos reais (NOBRE, 2012, p.17).

De acordo com Feldman (2009) e Bergen (2004), os estudos mais recentes em neurociências e ciências comportamentais sugerem que a linguagem seja a pedra angular das Ciências Cognitivas como um todo. E em conformidade com essas ideias, reivindica-se um papel central na compreensão da linguagem.

Como resultado de complexas relações empreendidas nas experiências sociais, a concepção do “conhecer”, contribui para algumas reformulações na agenda dos estudos acerca da linguagem.

Duque e Costa (2011, p. 108) têm defendido em estudos recentes uma proposta alicerçada nas acomodações mútuas entre cognição e linguagem:

Essa perspectiva nos leva à compreensão de que a linguagem, antes de ser um sistema representacional, é um trabalho intersubjetivo que nos permite estabilizar, mesmo que transitoriamente, o conteúdo variável de nossas experiências. As atividades cognitivas, por sua vez, deixando de ser compreendidas em separado da interação do corpo com o meio e à parte da vida social, passam a ser consideradas como parcela fundamental da ação conjunta que se dá na atividade linguística (DUQUE, P. H; COSTA, M. A, 2011, p. 108).

As atividades cognitivas, por sua vez, deixando de ser compreendidas em separado da interação do corpo com o meio e à parte da vida social, passam a ser consideradas como parcela fundamental da ação conjunta que se dá nas atividades sociais com a linguagem. Desta forma, as Ciências Cognitivas postulam que a linguagem é parte integrante da cognição humana, associada aos diferentes fatores culturais, psicológicos, comunicativos e funcionais (DUQUE; COSTA, 2011, p. 109).

Numa abordagem corporificada, a relação entre linguagem e cognição, é, portanto, de mútua constitutividade. Assim, é por meio da atividade altamente interativa de mentes corporificadas com seu meio que a linguagem e as estruturas cognitivas surgem, desenvolvem-se, estruturam-se e se retroalimentam. Tais conhecimentos são armazenados em forma de domínios conceptuais, aos quais recorremos para dar coerência ao mundo ao nosso redor e os realimentamos por meio de nossas experiências diárias. Esses domínios cognitivos são estáveis, porém não estáticos. Sua principal característica é a flexibilidade, uma vez que são “acessados” a todo o momento para dar sentido a novas informações e por elas são retroalimentados (DUQUE; COSTA, op. cit., p. 109).

De acordo com Tomasello (2003, p. 282), os seres humanos possuem de fato uma adaptação cognitiva exclusiva da espécie, porque altera de modo fundamental o processo de evolução cognitiva.

Contudo, no caso da linguagem, sabemos apenas a história relativamente recente das poucas línguas que foram registradas, ou seja, todas as culturas possuem linguagens complexas e todas as crianças que se desenvolvem de maneira típica dentro de uma cultura adquirem basicamente aptidões linguísticas equivalentes. Esses fatos deixam claro que a linguagem é diferente da matemática e do xadrez, por exemplo, mas não esclarecem a razão dessa diferença (TOMASELLO, 2003, p.291).

Para entender a complexidade cognitiva, as crianças modernas começam a empregar línguas naturais com muita sofisticação bem antes de dominarem a matemática complexa ou estratégias de xadrez. Talvez a razão pela qual a linguagem seja cognitivamente primária é

que ela é uma manifestação direta da capacidade simbólica humana que, por sua vez deriva diretamente de atividades comunicativas e de atenção conjunta que a compreensão dos outros como agentes intencionais engendra. A questão, portanto, é que a linguagem é especial, mas não tão especial em termos de natureza perspectiva dos símbolos linguísticos como cita (TOMASELLO, 2003, p. 298):

O domínio por parte das crianças de um artefato cultural muito especial – a linguagem – opera efeitos transformadores sobre sua cognição. A linguagem não cria novos processos cognitivos do nada, é claro, mas, quando as crianças interagem com outras pessoas intersubjetivamente e adotam suas convenções comunicativas, esse processo social cria uma nova forma de representação cognitiva – uma forma que não encontra contrapartida em outra espécie animal. A novidade é que os símbolos linguísticos são ao mesmo tempo intersubjetivos e perspectivos. A natureza intersubjetiva dos símbolos linguísticos humanos implica que eles são socialmente “compartilhados” de uma maneira que os sinais dos animais não são e isso forma a matriz pragmática nas quais muitas inferências sobre as intenções comunicativas dos outros podem ser feitas – por que eles escolhem um símbolo e não outro que eles também compartilham com o ouvinte, por exemplo. A natureza perspectiva dos símbolos linguísticos implica que, quando as crianças aprendem a usar palavras e construções linguísticas da maneira dos adultos, acabam percebendo que exatamente o mesmo fenômeno pode ser interpretado de muitos modos diferentes para diferentes propósitos comunicativos, dependendo de muitos fatores no contexto comunicativo (TOMASELLO, 2003, p. 298).

Segundo Tomasello (2003) e Langacker (1991), a linguagem é uma forma de cognição condicionada para fins de comunicação interpessoal. Os seres humanos desejam trocar experiências entre si e por isso, ao longo do tempo, criaram convenções simbólicas para fazer isso.

O processo de aquisição dessas convenções simbólicas leva os seres humanos a conceituar tudo de forma que não fariam se não fosse para isso – o que Slobin (1991) chama de “pensar para falar” -, porque a comunicação simbólica humana exige algumas formas singulares de conceituação para funcionar efetivamente (TOMASELLO, 2003, p. 209).

Os seres humanos vivem num mundo de linguagens. A alternativa é a ideia de que na ontogênese individual, ou seja, no desenvolvimento, os seres humanos aprendem desde cedo a usar suas habilidades de aprendizagem cognitiva, sociocognitiva e cultural universais da espécie para aprender e adquirir as construções linguísticas que suas culturas particulares criaram ao longo do tempo histórico por processos de sociogênese (TOMASELLO, op. cit., p. 301).

No que tange à linguagem, as construções linguísticas são tipos especiais de símbolos linguísticos, e aprender construções linguísticas completas – símbolos linguísticos

internamente complexos que foram historicamente convencionados para lidar com funções comunicativas complexas, mas recorrentes – orienta as crianças para aspectos de sua experiência para os quais não se orientariam não fosse à linguagem como as atividades descritas abaixo:

- A. analisar o mundo em eventos e participantes;
- B. perceber eventos complexos de várias perspectivas, que se conectam mais ou menos bem com determinada cena de atenção conjunta; e
- C. criar construções abstratas com as quais podem perceber praticamente qualquer fenômeno experiencial com relação a praticamente qualquer outro (ações como objetos, objetos como ações e todo tipo de outras metáforas conceituais) (TOMASELLO, 2003, p. 302).

Portanto, adquirir linguagem leva as crianças a conceituar, categorizar e esquematizar eventos de maneiras bem mais complexas do que o fariam se não estivessem engajadas na aprendizagem de uma linguagem convencional e esse tipo de representações de eventos acrescenta grande complexidade e flexibilidade à cognição humana (TOMASELLO, op. cit., p. 299).

A linguagem também está estruturada para simbolizar de maneira complexa e variada eventos e seus participantes, o que é instrumental para que as crianças “esmiúcem” sua experiência dos eventos de muitas maneiras complexas. Construções linguísticas abstratas podem então ser usadas para pensar e intercambiar cenas experienciais de modo analógico e metafórico. As narrativas agregam ainda mais complexidade ao ligarem entre si eventos simples de uma maneira que incita à análise causal e intencional, e que, na verdade, exige marcadores explicitamente causais ou intencionais para torná-las coerentes (TOMASELLO, op. cit., p. 300).

Vinculando-se à pesquisa, o papel de narrativas na cognição humana mostra que as histórias contadas são um elemento importante no que se refere à maneira como o estudante vê a si mesmo, acabando por moldar também a cognição de cada um. Por exemplo, Brunner (1986, 1990) afirmou que as histórias canônicas de uma cultura sobre suas origens, seus heróis e suas heroínas, acontecimentos centrais de sua história, ou mesmo eventos mitológicos

de sua pré-história, são como são por bons motivos – que supostamente têm a ver com o tipo de coisa que uma cultura acredita ser importante, com o tipo de explicações que valoriza com o tipo de interpretações e gêneros narrativos que ela tornou convencionais pela razão que for, e assim por diante. Portanto, também as narrativas extensas servem para canalizar a cognição linguística humana para direções que de outra maneira ela não tomaria (TOMASELLO, 2003, p. 281).

Segundo Tomasello (2003, p.283) percebe-se, desta forma, que conversas prolongadas bem como outros tipos de interações sociais entre os alunos ao trabalharem as narrativas de terror em sala de aula, os levam para espaços cognitivos ainda mais ocultos, ao possibilitarem que eles compreendam perspectivas conflituosas sobre coisas que têm de ser conciliadas de alguma forma. Por fim, o tipo de interação no qual um aluno comenta as atividades cognitivas do outro, ou os instrui explicitamente, o leva a adotar uma perspectiva externa sobre sua própria cognição em atos de metacognição, autorregulação e redescrição representacional, o que resulta em estruturas cognitivas mais sistemáticas em formatos dialógicos. Isso parece ser um ingrediente essencial da intersubjetividade humana e da cognição perspectiva, da representação de eventos e da metacognição (TOMASELLO, op. cit., p.283).

Como se pode notar, a linguagem é um fenômeno social e, portanto, precisa ser tratada como tal. Sendo assim, precisamos de práticas pedagógicas de leitura que considere esses aspectos como sendo relevantes para explicar a compreensão de textos.

Na próxima seção, trataremos do estudo da cognição distribuída.

3. COGNIÇÃO DE FORMA DISTRIBUÍDA

Nesta seção, olhar para uma ampla classe de eventos cognitivos e não esperar que todos esses eventos se confinem à pele ou ao crânio de um indivíduo é a definição que Hutchins (2000) dá à Cognição Distribuída, como parte integrante da cognição humana:

Cognição distribuída tem como principal objeto de estudo a compreensão da organização dos sistemas cognitivos (Hutchins, 2000). Em primeira instância, numa tentativa de enquadramento na área de investigação, pode-se afirmar que é do domínio da Psicologia. No entanto, para a correta percepção do conceito associado é relevante que se tenha em consideração que a cognição distribuída busca fundamentação à área da sociologia e da ciência cognitiva. A cognição distribuída olha para uma ampla classe de eventos cognitivos e não espera que todos esses eventos se confinem à pele ou ao crânio de um indivíduo (HUTCHINS, 2000, p.20).

Assim, a abordagem à cognição distribuída enfatiza a natureza de fenômenos cognitivos entre indivíduos, objetos e representações internas ou externas. Desta forma, as tradicionais divisões criadas por antropólogos e psicólogos, entre aquilo que está dentro/fora ou cultura/cognição do indivíduo, tendem a desaparecer permitindo uma maior interação entre os diversos agentes (ROGERS, 1997, p. 10).

O modelo de cognição distribuída assenta em três propriedades, segundo FRANÇOZO (2004, p. 50):

A. Os sistemas cognitivos são constituídos por mais do que uma pessoa, com propriedades intelectuais diferenciadas;

B. Como existe mais do que um membro do sistema, o conhecimento possuído é altamente variável e pode ser em alguns casos, redundante;

C. O acesso e partilha de conhecimento, viabiliza a coordenação de expectativas que emergem do sistema, e desta forma leva à concretização de ações coordenadas (Dillenbourg et al, 1992; Rogers, 1997).

Salientamos a pertinência deste conceito para o estudo de questões como a da educação.

Os processos mentais envolvidos no aprendizado, nas escolhas, na tomada de decisões, na solução de problemas e no uso de tecnologias são objetos de interesse das Ciências da Cognição. Neste campo, pesquisadores como HUTCHINS (2000) e ROSSINI (2013, p. 132) defendem a tese da cognição distribuída, segundo a qual a cognição humana não se restringe aos limites do cérebro e do corpo, mas estende-se pelo ambiente e por artefatos e tecnologias que auxiliam, modificam ou simplesmente alteram a forma como os humanos resolvem problemas, executam tarefas e atingem objetivos.

Pensando com nichos e artefatos cognitivos MINSKY (1985), HUTCHINS (2000) e ROSSINI (2013, p. 133) propõem o termo “cognição situada”, no sentido de que nas tarefas em que agentes interagem com nichos e artefatos (acoplados ou incorporados) a cognição situa-se tanto no cérebro como nos artefatos externos. Para Hutchins (2000), os artefatos passam a integrar o sistema cognitivo do ser humano a partir do momento em que transformam, aumentam ou possibilitam variadas atividades cognitivas.

Assim, a cognição distribuída compromete-se com dois princípios teóricos: (a) os limites da unidade de análise para cognição e (b) os mecanismos que supostamente participam dos processos cognitivos (HUTCHINS, 2000, p.15). Desta forma, os processos distribuem-se no sentido de que a operação do sistema cognitivo envolve coordenação entre estruturas internas e externas (materiais e ambientais) e, ao longo do tempo, de maneira que produtos de eventos anteriores podem transformar a natureza de eventos posteriores (ROSSINI, 2013, p.134)

Os autores BARDONE e MAGNANI (2008, p. 4) partem do pressuposto de que nossas decisões são tomadas e solucionamos problemas com base em hipóteses e respostas que podem ser revertidas por desdobramentos futuros. Para eles, o processo de construção de nichos cognitivos permite que os seres explorem recursos externos e incorporem ao sistema cognitivo aqueles que consideram oportunos para a realização de tarefas.

Consustanciando o que GERHARDT (2014, p.103) e BARDONE; MAGNANI (2008, pp. 9-10) denominam nicho cognitivo, os alunos são indivíduos que têm papel de agentes na construção semiótica da sala de aula, portanto, é parte integrante do ambiente escolar como um espaço de ação e cognição. O seu fazer constrói e, ao mesmo tempo, é também afetado pela organização estrutural da sala de aula.

4. METACOGNIÇÃO

O termo *metacognição* refere-se ao conhecimento que o indivíduo tem sobre seus processos cognitivos e produtos (FLAVELL, 1979; MILLER & MILLER, 1993 e CORREA, 2004, p. 69). Em outras palavras, é o ato de consciencializar, analisar e avaliar como se conhece.

De acordo com Kuhn e Dean (2004, pp. 268-273) a metacognição é uma construção que está assumindo um lugar cada vez mais central na pesquisa cognitiva de desenvolvimento, é definida em termos semelhantes aos da consciência e gestão do próprio pensamento, ou "pensar sobre o pensamento." Para esses autores, a Metacognição começa cedo, quando as crianças, primeiramente, tornam-se conscientes de sua própria mente.

Segundo Ribeiro (2003, p. 110) a metacognição diz respeito, entre outras coisas, ao conhecimento do próprio conhecimento, à avaliação, à regulação e à organização dos próprios processos cognitivos. (RIBEIRO, 2003, p. 110)

Dessa forma, a metacognição exerce influência em áreas fundamentais da aprendizagem escolar, tais como, na comunicação e compreensão oral e escrita e na resolução de problemas, constituindo assim, um elemento chave no processo de “aprender a aprender” (MORAIS & CRUZ, 1989, p. 35).

Inicialmente, os trabalhos sobre metacognição detiveram-se apenas no conhecimento que os indivíduos tinham sobre sua cognição, a exemplo do que sabiam sobre sua memória (metamemória) e do que sabiam sobre sua atenção ou metatenção (FLAVELL & WELLMAN, 1977). Defini-se, então, metacognição como a “cognição sobre a cognição”, ou como o processo mediante o qual o indivíduo realiza operações cognitivas, além de acompanhá-las enquanto elas acontecem (FLAVELL, 1979). Posteriormente, nas últimas décadas, novos conceitos foram sendo incorporados ao estudo de metacognição (JOU & SPERB, 2006, p. 178).

Segundo Brown (1987, p.10), o reconhecer a dificuldade na compreensão de uma tarefa, ou tornar-se consciente de que não se compreendeu algo, é uma habilidade que parece distinguir os bons dos maus leitores. Os primeiros sabem avaliar as suas dificuldades e/ou ausências de conhecimento, o que lhes permite, nomeadamente, superá-las, recorrendo, muitas vezes, a inferências feitas a partir daquilo que sabem. A autora ressalta que a

importância do conhecimento não só sobre aquilo que não se sabe evita o que designa de *ignorância secundária* – não saber que não se sabe.

Nesses termos, observa-se que o uso de atividades metacognitivas conduz a uma melhoria da atividade cognitiva e motivacional e, portanto, a uma potencialização do processo de aprender. Isto é, o conhecimento que o aluno possui sobre o que sabe e o que desconhece acerca do seu conhecimento e dos seus processos, parece ser fundamental, por um lado, para o entendimento da utilização de estratégias de estudo, pois, presume-se que tal conhecimento auxilia o sujeito a decidir quando e que estratégias utilizar e, por outro, ou conseqüentemente, para a melhoria do desempenho escolar (RIBEIRO, 2003, p. 112)

Com relação ao conhecimento metacognitivo, o ato de refletir envolve a avaliação do curso/fluxo da cognição, incluindo, deste modo, a análise do progresso em termos de planos, monitorização e modificação da cognição. Isto sugere que os sujeitos se tornam conscientes da própria consciência, envolvendo processos de execução e conhecimentos metacognitivos como demonstra Ribeiro (2003, p.112) ao apresentar o esquema desenvolvido por Lawson (1984, p. 89) na Figura 1:

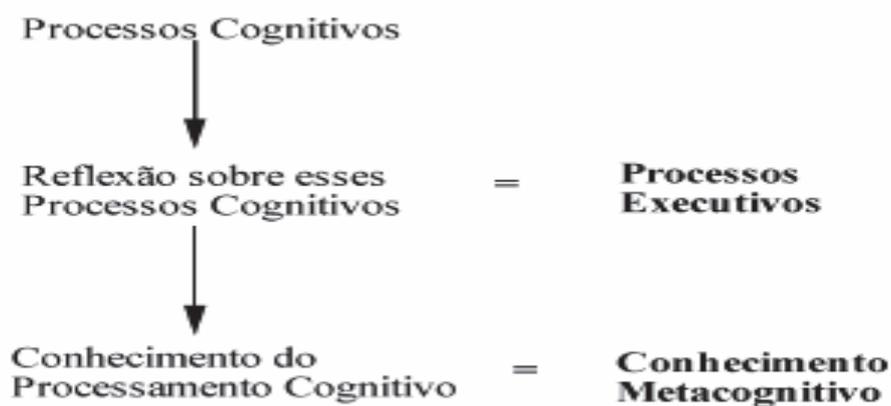


Figura 1. Conhecimento metacognitivo como o resultado dos processos executivos (adaptado de Lawson, 1984 *apud* RIBEIRO, 2003, p. 112).

De acordo com o referido autor, a designação metacognição deve ser aplicada ao conhecimento metacognitivo, visto como distinto e resultante da operação dos processos executivos, que, por sua vez, estão relacionados com o controle da cognição. A aplicação deste conceito à aprendizagem sugere que a aquisição do conhecimento metacognitivo deve

ser vista como um processo controlado, que requer uma constante e consciente monitorização (RIBEIRO, *op.cit.*, p. 113).

O trabalho sobre metacognição e o *self* desenvolvido por Jou & Sperb (2006, p.177) mostra que a metacognição tem como essência a capacidade do ser humano de ter consciência de sua própria existência (*self*):

a compreensão que as pessoas têm de seu próprio processamento cognitivo é denominada pela psicologia cognitiva de metacognição. O conceito de metacognição é a capacidade do ser humano de monitorar e autorregular os processos cognitivos (FLAVELL,1979; NARENS, 1996; STERNBERG, 2000). A essência do processo metacognitivo parece estar no próprio conceito de *self*, ou seja, na capacidade do ser humano de ter consciência de seus atos e pensamentos. Na língua portuguesa, utiliza-se a palavra consciência com múltiplos significados: para referir-se à vigília (estar consciente), à função superegóica (princípios morais que regem o indivíduo) e ao *self*, o qual remete à percepção do indivíduo de sua própria existência. O *self* se relacionaria ao que Damasio (1996) chamou de consciência ampliada, referindo-se à capacidade do indivíduo de ter consciência de quantidades enormes de entidades e eventos subjetivos, gerando uma perspectiva individual (JOU & SPERB, *op. cit.*, p.177).

Um ponto que se pode destacar é que o conhecimento metacognitivo requer um envolvimento ativo do aprendiz em determinadas ações. Segundo RIBEIRO (2003, p. 113), as *ações* podem ser entendidas como *estratégias metacognitivas*, produzindo igualmente experiências metacognitivas e resultados cognitivos. Enquanto as *estratégias cognitivas* são destinadas simplesmente a levar o sujeito a um objetivo cognitivo, as *estratégias metacognitivas* propõem-se avaliar a eficácia das cognitivas. Como exemplo, por vezes nós procedemos a uma leitura lenta simplesmente para aprender o conteúdo (*estratégia cognitiva*) e outras vezes, lemos rapidamente para ter uma ideia acerca da dificuldade ou facilidade da aprendizagem do conteúdo (*estratégia metacognitiva*).

A partir desses conhecimentos, se dá a realização do processo inferencial, que consiste no estabelecimento de conexões entre os enunciados, com o preenchimento de lacunas deixadas pelo texto. O envolvimento do professor é de suma importância para melhorar as propostas de atividades de leitura usando a metacognição no contexto escolar, já que é exclusivamente através do convívio com os alunos, que o professor pode desenvolver e dispor de uma metodologia adequada para possibilitar o conhecimento. (RIBEIRO, *op. cit.*, p. 113)

Segundo Tomasello (2003, p. 270), a metacognição e a autorregulação são essenciais para o desenvolvimento cognitivo humano. Para ele, esse processo é importante porque

quando os indivíduos reapresentam o conhecimento para si mesmos em diferentes formatos, tornando-se capazes de usar seu conhecimento de maneira mais flexível num leque mais amplo de contextos relevantes, ou seja, sua cognição torna-se mais “sistemática”, como na construção de profundas generalizações em matemática e construções gramaticais abstratas no campo da linguagem. (TOMASELLO, *op.cit.*, p.272)

Observa-se, assim, que uma forma de apoiar o desenvolvimento metacognitivo é incentivar os alunos a refletir e avaliar suas atividades. Se o fizer constantemente, isso aumentará o interesse no propósito dessas atividades, pois se os alunos participam de um discurso onde são frequentemente perguntados: "Como você sabe?" ou "O que te faz dizer isso?" ou “Como você chegou a essa conclusão?” ou ainda “Justifique sua resposta/escolha.”, eles se tornam mais suscetíveis a sempre se autoquestionarem ao ler qualquer texto.

5. APRENDIZADO E IDENTIDADES SITUADAS

Segundo Gerhardt (2013, p. 77), na maioria das vezes, os problemas ocorridos no ensino de leitura advêm de questões não trabalhadas e, portanto, não resolvidas nas aulas de português. Diante desse cenário, observam-se, de um lado, os problemas de prática da língua portuguesa por parte dos alunos, especialmente a leitura, e por outro lado, há uma necessidade de trazer as identidades situadas ou os *selves* situados dos alunos para o centro do cenário educacional, equacionando-as e requerendo que elas se configurem como elementos estruturadores dos projetos curriculares, conforme GERHARDT (*op. cit.*, p. 78).

De acordo com Duque e Costa (2011, p.3) em relação à compreensão de um texto:

o conhecimento prévio sobre o mundo, adquirido por meio das experiências corporificadas e interação social, é crucial para o processo de compreensão de um texto. Envolve desde o reconhecimento de objetos, por meio de seus atributos, identificação de cenários, até a simulação de procedimentos como *ir ao dentista, portar-se em um restaurante, resolver uma pendência no trabalho* etc (DUQUE; COSTA, *op. cit.*, p.3).

Por esse motivo, durante a leitura de um texto, não são necessários os detalhes de uma cena para que o leitor a recupere por inteiro. Por meio do seu conhecimento prévio do mundo, o leitor é capaz de realizar inferências, na tentativa de (re) construir os itens apagados, preenchendo os *slots* vazios à medida que processa as informações de um texto (DUQUE; COSTA, 2011, p.3).

Nesses termos, quando ouvimos/lemos sobre “um jantar”, imediatamente imaginamos pessoas em torno de uma mesa, fazendo uso de talheres específicos e degustando comidas e bebidas variadas. Isso ocorre porque o *frame*⁶ ativado para “jantar” apresenta valores padrão. Entretanto, se posteriormente nos é exibida a imagem de um esqueleto à mesa junto aos convidados, somos obrigados a re-preencher alguns "slots" do *frame* original a fim de torná-lo apropriado à realidade recém-apresentada. No caso, uma cena, no mínimo, macabra. Mas é a

⁶ Os “frames” são sistemas de conhecimento altamente estruturados nos quais as pessoas confiam para interpretar o mundo e gerar comportamento adequado (Lord e Foti, 1986; Gail e Sims Jr., 1991). São também regras que direcionam o processamento de informações. Os *frames* organizam logicamente o conhecimento na mente do indivíduo, que o suporta. (FUNCK & VARGAS, 2005, p.5)

noção de *frame* que nos direciona a procurar uma caixa de leite na geladeira e nos impede de procurá-la no guarda-roupa, por exemplo (DUQUE; COSTA, *op. cit.*, p.3).

Segundo Tavares (2011, p. 17) a cognição, de um modo geral, tem um caráter mais amplo, incluindo não só processos cognitivos, como também representações mentais (Jakendoff, 2007). Sendo assim, conceitos como *frames* pertencem, também, ao paradigma cognitivista de leitura. Paralelamente aos *frames*, encontram-se os *esquemas*⁷, que estão relacionados a estruturas de “memória pessoal” e os *frames*, a estruturas de “memória social”.

Durante o processo de compreensão do texto, nós construímos e simulamos diferentes cenários que envolvem várias pessoas, lugares, tempos e outros fatores mencionados na história (FELDMAN, 2009, p. 223). Nesse sentido, enquanto produzimos discursos ou compreendemos textos, estamos nos movendo através de espaços simulados e mudando pontos de vista e perspectivas. Dessa forma, a linguagem é apenas a ponta do *iceberg* da construção de significados (DUQUE; COSTA, 2011, p.5).

Assim, conforme GERHARDT (2013, p. 81), abrir caminhos para um ensino que realmente seja de qualidade e possa proporcionar aprendizado a quem busca a escola é uma discussão sobre um ensino baseado em *práticas com a língua*, como está presente na grande maioria dos materiais que discutem criticamente o ensino de português, mas também em *saberes sobre a língua*, o que vai fazer emergir a necessidade do desenvolvimento de uma consciência metacognitiva e metalinguística norteando as práticas didáticas com a língua portuguesa, a fim de resgatar o saber do aluno como elemento constitutivo da elaboração pedagógica e didática, favorecendo o aprendizado e provendo a necessária construção da autonomia das pessoas como produtoras de significados linguísticos na vida pública.

A ausência dos conhecimentos, experiências e criações cotidianas dos alunos na reflexão oficial sobre o ensino de língua portuguesa acarreta o não estabelecimento de pontes entre o conhecimento prévio dos alunos e os novos conhecimentos que a escola em princípio traria, como se vê em GERHARDT (2013, p. 83):

À ausência das experiências sociais dos alunos, soma-se também a ausência de suas experiências cognitivas, já que a forma como eles selecionam informações e as vinculam a conhecimentos já adquiridos para produzir novos conceitos em sala de aula, articulando o “lado de dentro”, da organização das experiências dos alunos em *frames* (Minsky, 1974) e esquemas (Östman, 2004), e o “lado de fora”⁸, constituído

⁷ Os “esquemas” constituem o modo como a memória de um indivíduo se organiza em termos de experiências corpóreas.

⁸ As expressões “lado de dentro” e “lado de fora”, são emprestadas do texto de Robert Wilson e Andy Clark (2009).

pelas informações novas com as quais eles têm contato, não é considerada um fator relevante (GERHARDT, 2013, p. 83).

De acordo com essa abordagem, Gerhardt (2013, p. 84) postula que, no ambiente escolar e na relação entre agentes escolares e alunos, essa percepção estabelece uma condição de assimetria em termos de conteúdos, forças e poder de fala. Mas o problema não é a existência dessa assimetria, mas sim a de uma prática didática que impede a sua superação, embargando a “passagem da competência para o aprendiz” (Moita Lopes, 1996, p. 105) e eliminando a possibilidade de que os alunos conquistem alguma autonomia como pessoas que cognizam e usam uma língua, seja materna, seja estrangeira⁹.

É nesse estado de coisas que reside o paradoxo inerente à instituição escolar, instalado a partir da pressuposição de que ela pode promover o aprendizado, mas esse mesmo aprendizado, pelo seu caráter absolutamente imprevisível, pessoal e fortuito (Gerhardt, 2010), precisa, para acontecer, desfazer-se das normatizações escolares que, na prática, produzem *sujeitos* (Foucault, 1995), mas não favorecem as *singularidades*, a criação de conceitos e de significados – muito embora todos nós professores saibamos que de uma forma ou de outra isso acaba acontecendo, apesar da escola (GERHARDT, 2013, p. 84)

Consoante Duque e Costa (2011, p. 6), um compreendedor deve captar tanto o conteúdo proposicional básico do enunciado quanto o significado pretendido pelo falante no contexto instaurado. As dificuldades envolvidas nessa tarefa podem ser facilmente ampliadas, tendo em vista que os falantes insinuem, limitam, especificam, obedecem (e transgridem), fazem uso de ironia e analogias e até mesmo os mais banais dos enunciados podem estar repletos de ambiguidade e polissemia.

Em relação ao texto, Fillmore (1982, p. 117) afirma que:

(...) saber que um texto é, digamos, um obituário, uma proposta de casamento, um contrato de negócios ou um conto popular, fornece o conhecimento sobre como interpretar algumas passagens específicas nesses textos, como esperar que o texto se desenvolva e como saber quando termina. É frequentemente o caso de tais expectativas combinarem com o material efetivo do texto para levar a interpretação correta do texto. E mais uma vez isso é feito tendo em mente uma estrutura abstrata de expectativas que trazem consigo os papéis, propósitos, sequências naturais ou convencionadas de tipos de eventos e todo o resto do aparelho que deseja associar a noção de 'frame' (FILLMORE, 1982b, p. 117).

⁹ Cognição e intersubjetividade em contextos de aprendizado, Premack e Premack (2000).

Em outras palavras, conforme DUQUE e COSTA, (2011, p.8), durante o uso linguístico, há uma associação entre um *frame* a uma dada situação de duas maneiras diferentes: (a) o material lexical e gramatical observável no texto aciona os *frames* relevantes na mente do intérprete em virtude do fato de essas estruturas gramaticais existirem como índices desses *frames*; e (b) o compreendedor atribui coerência a um texto ao indexar um *frame* interpretativo particular.

Segundo GERHARDT (2013, p. 89), o entendimento de que a cognição existiria apenas como um acervo de saberes que são ativados e usados no momento da enunciação linguística, sem se ponderar que essa própria enunciação por si já é uma ação cognitiva, que produz conceitos que precisam ser levados em conta na investigação sobre ensino, revela como funciona a mente do aluno quando ele está em sala de aula exercendo o seu *self* de aluno, e também porque evidenciam quais são de fato os conteúdos e aprendizados que ele aquire na escola.

De acordo com Gerhardt (*op. cit.*, p.92), não se testemunhou no Brasil a evolução das Ciências Cognitivas nas últimas décadas, portanto ainda é muito forte e presente a percepção entre os pesquisadores em ensino de língua de que os estudos em cognição limitam-se à perspectiva gerativista de investigação da mente, que não supõe que a pessoa cogniza de forma distribuída, intersubjetiva e normatizada. Para esses estudiosos, o chamado “componente cognitivo” seria meramente a organização de conhecimentos em esquemas e *frames* que as pessoas acessam para interpretar os textos que estão lendo.

Em relação à aprendizagem desses conhecimentos, as ciências cognitivas atualmente podem oferecer o entendimento de como a construção do significado em “coparticipação social” (Moita Lopes, 1996, p. 88) se manifesta *em termos dos processos cognitivos realizados pelas pessoas*. Essa contribuição contrapõe-se à ideia de tomar o aprendizado como mera internalização de conceitos, para definir que o aluno, via integração conceptual, constrói significados através de uma troca transformadora com o ambiente, no sentido de que o ambiente afeta e melhora seus saberes prévios, e essa melhoria em si modifica o ambiente e as relações de coparticipação à sua volta (GERHARDT, 2013, p. 92).

Conforme Gerhardt (*op. cit.*, p. 95) as ações cognitivas situadas dos alunos devem ser compreendidas da seguinte maneira:

os estudos em cognição e ensino de língua permitem realizar uma associação entre o uso da linguagem e a construção mais geral da cognição humana, detectando as evidências linguísticas do que desencadeiam as ações cognitivas, quais são os seus objetivos, e quais tipos de problemas elas buscam resolver. Essa detecção pode subsidiar a formulação de propostas didático-pedagógicas que, em vez de definir *a priori* qual é a relação entre as pessoas e a linguagem busque associar a cognição cotidiana dos alunos, mais próxima das realidades vividas por eles fora da escola, às suas ações cognitivas situadas dentro da sala de aula (GERHARDT, 2013, p. 95).

Diante disso, podem-se identificar, pelo menos, dois problemas ao estabelecer um paralelo que pretenda compreender as interferências de uma forma de cognição sobre outra: (a) a cognição cotidiana interferindo em demasia na cognição escolar, fenômeno que diminui a qualidade de apreensão dos conteúdos escolares, e (b) a cognição escolar sendo construída de forma excessivamente institucionalizada, impedindo que o aluno afaia aprendizados que lhes serão interessantes e úteis na vida social (GERHARDT E SILVA, 2009).

Os estudos em cognição, sobretudo aqueles relacionados ao caráter processual da construção do significado, oferecem um arcabouço teórico-descritivo capaz de nos auxiliar a compreender os mecanismos, elementos e processos relacionados ao aprendizado, visto como integração conceptual que conta com a articulação entre bases de conhecimento existentes no “lado de dentro” e no “lado de fora”, para que sejam criados novos conceitos, novas ideias. Associando-se tais trabalhos aos estudos em cognição distribuída, é possível definir parâmetros razoavelmente precisos acerca do que é necessário proceder para que se possa instaurar em sala de aula um ambiente de intersubjetividade que seja favorecedor do aprendizado, mesmo com o engessamento que a forte institucionalização e normatização das relações escolares impõem sobre os nossos comportamentos (GERHARDT, 2013, p.95)

De acordo com Gerhardt (*op. cit.*, p. 97), articular e refinar a percepção notacional do aluno sobre a língua portuguesa é uma das tarefas primordiais do ensino de português como língua materna, e está perfeitamente articulada às determinações atuais de observação pedagógica e didática da língua. Além disso, os estudos atuais em Ciência Cognitiva podem contribuir para uma reflexão acerca da necessidade de um ensino de língua baseado em práticas e saberes, para a definição de um conjunto integrado de ações escolares que possam proporcionar aos alunos chances de tornarem-se usuários autônomos e conscientes das formas de linguagem com as quais mantém contato cotidiano (GERHARDT, 2013, p. 91)

Num tipo narrativo, por exemplo, encontramos enunciados ordenados sequencialmente em causa/efeito, a partir do esquema Origem/Caminho/Meta, de modo a corresponder à ordem em que os eventos têm lugar no mundo real. Quanto aos diferentes gêneros, percebemo-los como configurações contextuais sugeridas a partir de diferentes atividades em que as pessoas se envolvem para determinados fins: as conversas telefônicas, contos de fadas, aulas, cartas etc (MARCUSCHI, 2008). É possível que um conto fantástico (ou seja, uma instância do gênero conto) possa ser produzido sob a forma de um tipo narrativo, o que não impede que apareça sob a forma de um tipo argumentativo ou expositivo, por exemplo. Por outro lado, os tipos de texto narrativo não se restringem aos contos e relatos de experiência. Um manual de instruções pode ser elaborado de forma narrativa. O que ocorre é que certos pareamentos tipo/gênero são muito recorrentes, como é o caso de injunção/receita, e, portanto, acabam se tornando protótipos de um determinado padrão discursivo, como afirmam DUQUE; COSTA (2011, p.10) em:

Os padrões discursivos não são simplesmente formas, mas eles funcionam como *frames* para o entendimento. E se estão diretamente relacionados com a coerência em termos de compreensão, o padrão discursivo de similaridade implica semelhança na forma de compreensão cognitiva, e à semelhança na maneira como percebemos e processamos textos (DUQUE; COSTA, 2011, p. 10).

Para Duque e Costa (op. cit., p.10) apesar de todos os contos tomarem a forma de um tipo de texto narrativo, o fazem de diferentes maneiras em diferentes momentos, com diferentes propósitos e em diferentes culturas: há contos de amor, contos fantásticos, contos folclóricos, contos de fadas etc., cada qual constitui um padrão discursivo específico.

Ainda segundo Duque e Costa (2011, p.13), a narrativa representa a consciência de um mundo. Contar histórias enriquece e desenha novas experiências que se interligam com as ações experienciadas:

Contar histórias tem uma relação direta com a forma como experienciamos o mundo, uma vez que nossas experiências forjam as histórias, e as histórias enriquecem (e desenham novas) experiências. (...) A narrativa é um esquema cognitivo, uma vez que representa a consciência de um mundo, cujas ações humanas estão interligadas, tomando por base efeitos sobre a realização de desejos e objetivos (DUQUE; COSTA, 2011, p.13).

Os resultados das pesquisas de Duque e Costa (op. cit., p.12) evidenciam que um compreendedor (leitor/ouvinte) aciona muito do que não está expresso. É o que se verifica

com certa facilidade nas narrativas. Através das narrativas, o compreendedor faz inferências que não estão, necessariamente, expressas nas relações de acontecimentos, pessoas e objetos. Que características de um texto fornecem suporte às inferências dessas relações? Quais são os recursos cognitivos do compreendedor para realizar essa tarefa? E o que o compreendedor precisa conhecer para elaborar suas expectativas? Questões como essas podem ser respondidas ao se assumir que, quando alguém lê um texto predominantemente narrativo, assume uma perspectiva particular no mundo da história apresentada.

Cabe, assim, a partir das postulações dos autores citados, promover um olhar mais preciso sobre os estudos que permitam a conjugação desses conceitos a estudos aplicados na área e na prática de ensino.

6. ESTUDO DAS PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE LEITURA E SUA RELAÇÃO COM O ENSINO

No que se refere à concepção de leitura, KATO (1985, p. 62) considera o ato de ler como um processo discursivo no qual se inserem o autor e o leitor, ambos são os sujeitos produtores de sentidos sócio-historicamente determinados e ideologicamente constituídos. É, segundo a autora, o momento histórico-social que determina o comportamento, as atitudes, a linguagem de um e de outro e a própria configuração do sentido.

O entendimento em relação às perspectivas de leitura é o ponto de partida para que se possa instaurar qualquer reflexão concernente ao ensino na escola. Por esta razão, analisaremos os estudos desenvolvidos por Soares (2000), Kato (1985), Bortoni-Ricardo (2012), Geraldi (1997), Marcuschi (2008) e Fulgêncio e Liberato (2007), destacando ponderações relevantes que proporcionarão comentários e discussões produtivas ao trabalho de pesquisa.

Nesse sentido, SOARES (2000, p.19) destaca que são absolutamente indiscutível os benefícios que a leitura pode trazer para o indivíduo:

Atribui-se à leitura um valor positivo absoluto: ela traria benefícios óbvios e indiscutíveis ao indivíduo e à sociedade – forma de lazer e de prazer, de aquisição de conhecimentos e de enriquecimento cultural, de ampliação das condições de convívio social e de interação. Apesar dessa afirmação, colocar a leitura em uma posição um tanto quanto difícil de salvadora da humanidade, explica bem quanto pensamos no ensino da leitura. O ensino existe para ajudar alguém a adquirir conhecimentos e enriquecimento cultural e esse parece ser também uma das consequências da leitura (SOARES, 2000, p. 19).

Segundo a definição de Soares (2000, p. 20), a leitura é também uma fração de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta, ou seja, um momento na evolução contínua, em todas as direções de um grupo social determinado. E são indiscutível os benefícios trazidos pela leitura aos indivíduos e para toda a sociedade.

Ao refletir sobre o ensino da leitura e metacognição, é importante ressaltar que tanto a Kato (1985) quanto Soares (2000) abordam a leitura como um processo cognitivo. Nesse sentido, há uma relação direta entre essas propostas e abordagens de natureza cognitiva e compreensão de linguagem.

Com relação ao ensino da leitura, Kato (*op. cit.*, p. 115) afirma que o professor criativo e experiente poderá utilizar-se do conhecimento que tem o aluno e da situação de aprendizagem para, a partir delas, propor atividades significativas que levem o estudante a utilizar e desenvolver toda sua capacidade cognitiva e metacognitiva. Assim, a autora mostra a importância do professor valorizar o conhecimento de mundo do aluno e elaborar exercícios que os possibilitem a despertarem e desenvolverem suas capacidades cognitivas.

Kato (*op. cit.*, p. 112) destaca ainda, que a escola não mostra aos alunos os objetivos claros para a leitura e, por isso, muitos não têm prazer em ler, leem apenas por obrigação:

A falha no ensino da leitura pode estar na falta de objetivos claros para a leitura. Se o estudante enfrenta o texto sem nenhum objetivo prévio, ele dificilmente poderá monitorar sua compreensão tendo em vista esse objetivo. Sua monitoração, quando muito, poderá se dar apenas em nível de uma compreensão vaga e geral. Ou ainda, ele poderá ler o texto, tendo em mente apenas o tipo de perguntas que a escola está acostumada a lhe fazer. Sua compreensão, nesse caso, será monitorada apenas para atender à expectativa da escola e não dele mesmo.

Observa-se, portanto, que há a necessidade de explicar aos alunos qual é a real importância da leitura e explicitar o objetivo, sem veicular as avaliações e notas.

Em suas considerações sobre a prática de leitura, Geraldi (1997, p. 92) cita as posturas que o leitor deverá ter ante o texto, já que é possível, por meio da leitura, estabelecer as relações de interlocução com o texto/autor. Na primeira postura, o leitor tem como objetivo extrair do texto informações; na segunda, o professor deveria desenvolver as mais variadas formas de interlocução leitor/texto/autor; na terceira, o texto deveria ser usado como pretexto para produção de outro texto; e a última consistiria em ler por ler, ler por prazer.

A respeito do trabalho de compreensão do texto, Bortoni-Ricardo (2012, p. 16) afirma que o estudante não consegue atingir a compreensão satisfatória do material lido porque lhe faltam conhecimentos, não propriamente da estrutura de sua língua materna, da qual é falante competente, mas sim de todos os componentes curriculares cujo domínio lhe ficou precário, principalmente porque não desenvolveu habilidades de leitura para aquisição de informações.

No trato da noção de texto, percebe-se que o aluno consegue compreender um texto quando ele tem o conhecimento anterior e de mundo sobre o assunto, e, desta forma, Fulgêncio e Liberato (2007, p. 27), afirmam que, “para que um texto seja legível, é indispensável que o leitor tenha conhecimentos prévios que lhe forneçam os instrumentos para a construção das relações lógicas e das pontes de sentido”.

Sobre compreensão textual, Marcuschi (2008, p. 233) escreve que entender um texto não equivale a entender palavras ou frases...entender é produzir sentidos e não extrair conteúdos prontos:

[...] a compreensão não é um simples ato de identificação de informações, mas uma construção de sentidos com base em atividades inferenciais. Para se compreender bem um texto, tem-se que sair dele, pois o texto sempre monitora o seu leitor para além de si próprio e esse é um aspecto notável quanto à produção de sentido. (MARCUSCHI, 2008, p. 233)

No campo das Ciências Cognitivas, Kato (*op. cit.*, p.102) remete as estratégias cognitivas ao comportamento automático, inconsciente do leitor e os processos metacognitivos como aspectos conscientes, levando o leitor a compreender o texto:

As estratégias cognitivas em leitura designam os princípios que regem o comportamento automático e inconsciente do leitor; as metacognitivas remetem aos princípios que regulam a desautomatização consciente das estratégias cognitivas. Nesse sentido, os processos cognitivos dizem respeito aos aspectos automáticos e inconscientes ou aos aspectos pré-conscientes utilizados pelos indivíduos quando desempenham alguma tarefa. Como não são conscientes, não podem ser controlados ou monitorados. Os processos metacognitivos, por sua vez, são aspectos conscientes. O ser humano, ao mesmo tempo em que desempenha uma atividade cognitiva, utiliza estratégias de ação e de reflexão para atingir o propósito desejado. Ele estaria monitorando seu comportamento, utilizando, assim, estratégias metacognitivas. Estratégias essas, próprias da leitura que levam à compreensão do texto. (KATO, 1985, p.102)

É indiscutível que as estratégias cognitivas de leitura permitem o leitor fazer uso de várias estratégias para sua compreensão: utiliza seus conhecimentos de mundo, recorre a outros textos, estabelece relações entre o que lê e o que já sabe, argumenta e modifica seu próprio conhecimento. Percebe-se, assim, que para haver uma compreensão do que se lê, devem-se utilizar estratégias adequadas para a leitura e a compreensão do texto. (KATO, 1985, p. 103)

Segundo Kato (*op. cit.*, p. 104), o que ocorre, na verdade, é que normalmente as estratégias cognitivas possibilitam uma grande eficiência na leitura e que elas só não funcionam quando há uma situação marcada, que foge aos padrões esperados pelo leitor. No que diz respeito à cognição e à metacognição em leitura, a referida autora as diferencia sob a égide de máximas.

Kato (*op. cit.*, p. 109) afirma que as estratégias cognitivas têm merecido atenção constante por parte da literatura referente à aquisição da linguagem, mas parece-nos que as

metacognitivas é que têm um interesse especial para a aprendizagem formal na escola em virtude de sua natureza consciente. Conforme a autora acrescenta, as estratégias munem o leitor de procedimentos altamente eficazes e econômicos, responsáveis pelo processamento automático e inconsciente, enquanto as metacognitivas orientam o uso dessas estratégias para desautomatizá-las em situações de problema (KATO, 1985, p. 12).

De acordo com Kato (*op.cit.* p. 62), a leitura, neste sentido, constitui-se minuciosa, vagarosa, em que todas as pistas visuais devem ser utilizadas. E é um processo de composição, uma vez que as partes gradativamente vão formando o todo.

Sendo assim, só as informações contidas no texto não são suficientes para que o leitor possa compreendê-lo. Ao mesmo tempo, não se pode desconsiderar o seu conteúdo semântico nem os mecanismos visuais utilizados, uma vez que são necessários para a apreensão rápida do material escrito. Durante a leitura, o uso da metacognição através do conhecimento prévio é peça fundamental para a realização de inferências. Conforme se mencionou anteriormente, o leitor, no momento da leitura, deixa aflorar o seu conhecimento de mundo, as suas crenças, as suas vivências, isto é, todo o seu conhecimento prévio (KATO, *op. cit.*, p. 63).

Em se tratando de ensino de leitura de narrativas de terror, precisamos pensar em estratégias que auxiliem a percepção consciente do aluno para melhorar a compreensão leitora.

7. METODOLOGIA

7.1 Natureza da pesquisa

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa experimental e qualitativa, tendo em vista a tentativa de mapear as estratégias cognitivas utilizadas no processo de compreensão leitora por meio de testes-protocolos que buscam dar uma clara e mensurável percepção da complexidade desse processo de construir significados para o texto. A aplicação dos testes-protocolos baseia-se na hipótese de que a metacognição e a situatividade possibilitam um trabalho pedagógico em relação ao ensino de compreensão de textos. E o padrão de respostas dos alunos manifesta a situatividade destes em situação de compreendedores de narrativas.

Um aspecto a ser ressaltado é que a análise e a interpretação dos dados gerados pelos testes-protocolos de leitura não se deram por meios quantitativos, como comumente acontece nas pesquisas experimentais, mas sim pelo uso da metodologia que consiste na atenção consciente do usuário da língua com relação ao manuseio da linguagem como algo manifesto da própria cognição em situações pedagógicas relativas ao ensino da leitura de narrativas de terror. Nesse sentido, Talmy (2005, p.50) argumenta que a acessibilidade consciente a um aspecto da linguagem é dependente de fatores como a organização cognitiva geral, as diferenças individuais na cognição, a situação atual, as condições de atendimento e o objeto categorial da atenção.

Dessa forma, a análise configurou-se por meio da análise de *corpus*, dados gerados pela resposta dos alunos (Teste-Protocolo 1 e Teste-Protocolo 2) e orientados pelos fundamentos teóricos anteriormente apresentados.

A partir de tais considerações, tem-se como orientação para a feitura e aplicação dos protocolos as diretrizes teóricas relativas aos estudos da metacognição (JOU & SPERB, 2006), especificamente a concepção de que as pessoas usam de modo progressivo as habilidades metacognitivas. Tais habilidades envolvem a compreensão e o monitoramento consciente dos processos cognitivos, por meio da modificação de algumas atividades cognitivas, adequando-as durante o desempenho de tarefas, ou seja, promovendo a autorregulação, conforme se nota no trecho destacado:

As habilidades metacognitivas abrangem a compreensão e o monitoramento dos processos cognitivos e desenvolvem-se com o passar dos anos, dando-nos competência para distinguirmos a aparência falsa do que é “real”. Além disso, envolvem vários processos, como, por exemplo, prestar atenção deliberadamente à informação, a fim de compreendê-la melhor; fazer conexões ou associações entre uma informação nova e outra anterior. Estas habilidades abrangem, também, a compreensão e o monitoramento dos processos cognitivos e, com o passar dos anos, vão-se desenvolvendo (NEVES, 2004, p.4).

Assim, quando utilizamos as estratégias metacognitivas, especificamente no trabalho pedagógico de leitura da “Narrativa de terror”, espera-se que sejam realizadas conexões entre os conhecimentos prévios e as novas informações apresentadas no texto num processo conscientemente, indo além de ações cognitivas que envolvem apenas o reconhecimento de informações na superfície do texto (APPLEGATE *et al*, 1999).

Kato (1985, p. 102) ressalta também a importância do uso de estratégias cognitivas e metacognitivas em leitura:

Estratégias cognitivas em leitura designarão os princípios que regem o comportamento automático e inconsciente do leitor, enquanto estratégias metacognitivas em leitura designarão os princípios que regulam a desautomatização consciente das estratégias cognitivas.

Além dos estudos da metacognição, a aplicação dos testes-protocolos se deu num contexto interacional cujas identidades de aluno como aprendiz-leitor foi repensada à luz de uma perspectiva situada, exigindo, sobretudo, o abandono da pressuposição universalista de que os aprendizes são, em sua essência, os mesmos em todos os momentos e lugares, e de que suas relações com as outras pessoas e o meio ambiente também são, em um adequado grau de abstração, universais (SINHA, 1999, p. 32).

Para Chris Sinha (1999, pp. 32-34), o aprendizado e a cognição como *situados* implica, normalmente, repensar esses processos em termos de seu *enquadramento* pelo contexto e pelas práticas sociocomunicativas, em contraposição a perspectivas tradicionais que enfocam um sujeito individual e isolado. Repensar o aluno como aprendiz-leitor é essencial para que ele seja valorizado como tal.

7.2 A escola: lugar de aplicação dos testes

A presente pesquisa-ação educacional (TRIPP, 2005) desenvolvida tem o intuito de contribuir para o aprimoramento do ensino da leitura em situações de aprendizagem escolar ocorridas na sala de aula, com os alunos do sétimo ano do ensino fundamental, considerando que determinadas estratégias metacognitivas têm, em decorrência, o aprendizado dos alunos como leitor (SINHA, 1999, p. 32).

As informações foram coletadas paulatinamente e interpretadas dentro de um processo interativo de co-participação e cooperação dos alunos investigados nas situações de aplicação dos testes-protocolos.

Para as atividades metacognitivas de leitura das narrativas “Acidente na estrada” e “As flores da morte”, do gênero textual “Conto de terror”, foram consideradas atividades que ajudassem o aluno a desenvolver seu conhecimento prévio, sua cognição e sua identidade situada.

Ao contrário do que é promovido na sala de aula em termos de ensino da leitura voltado para a coleta do texto, o que se percebe no dia a dia do ambiente escolar é uma mera aplicação de atividades mnemônicas e/ou de localização e memorização de informações disponíveis em livros didáticos ou em textos avulsos do caderno de atividades pedagógicas de aprendizagem autorregulada de Língua Portuguesa do Estado do Rio de Janeiro¹⁰.

Dentro desse contexto mais amplo, o grupo de alunos do sétimo ano consultado nesta pesquisa estuda em um Colégio Estadual na Baixada Fluminense, localizado no bairro Vila Rosali no município de São João de Meriti, RJ. A escola pesquisada recebe um grande número de alunos nessa série. Essa investigação envolveu duas das sete turmas de alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental.

O motivo de ser feita essa pesquisa nesta escola é o fato de eu lecionar na mesma desde 2009, e ser razoavelmente equipada em termos físicos, com a estrutura padrão das escolas do estado: salas de aula com quadro branco e piloto, carteiras de madeira, ventiladores e ar condicionado. Também possui duas quadras, que é utilizada diariamente pelos alunos de

¹⁰ Este suporte didático é direcionado ao sétimo ano do Ensino Fundamental e foi elaborado pela Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro para ser utilizado pelos professores da rede pública em termos de aprendizagem e de leitura.

toda a escola nas aulas de educação física ou em outros eventos escolares. Há uma biblioteca com clássicos literários e materiais de pesquisa disponibilizados pelo governo do estado, e aproximadamente quatro professores e dez alunos em média frequentam-na mensalmente.

O corpo docente do sétimo ano é composto por sete professores. Na área da Licenciatura em línguas, são ministradas as disciplinas de Língua Portuguesa, Produção Textual e Língua Inglesa. Os demais professores ministram as disciplinas de ciências, história, artes, educação física, geografia; e a disciplina de matemática é dividida em álgebra e resolução de problemas.

A equipe de funcionários da escola no turno vespertino ainda é composta de duas coordenadoras pedagógicas, uma orientadora educacional, uma secretária, uma agente de leitura, três diretoras adjuntas, três assistentes de serviços gerais e três vigias. A diretora geral divide seus horários presenciais entre os turnos matutino, vespertino e noturno.

7.3 Alunos consultados

A coleta de dados se deu no primeiro semestre de 2015. As turmas escolhidas foram a 703 e a 705, ambas do sétimo ano, uma vez que o teste exigia leitura e as respostas eram dadas por escrito. As turmas do sétimo ano pesquisadas são compostas por 47 estudantes matriculados. Sendo vinte e cinco alunos, onze do sexo feminino e quatorze, do masculino na turma 703 e na turma 705 havia vinte dois alunos, sendo doze meninos e dez meninas. A faixa etária dos participantes variou entre 12 e 14 anos.

Na análise comparativa inicial, os grupos 703 e 705 foram considerados homogêneos quanto à variável idade, gênero e condições socioeconômicas, gosto, preferências à leitura e importância atribuída às práticas de leitura.

Na aplicação dos testes-protocolos, participaram 11 alunos, pois foram os únicos autorizados pelos responsáveis para participarem da pesquisa. Destes, um teve as respostas das questões 1, 4 e 5 do segundo teste-protocolo descartadas, devido à incompletude ou ilegibilidade do texto produzido e o mesmo não respondeu a questão de reescrita do teste-protocolo; um respondeu apenas ao primeiro teste-protocolo; e dez responderam aos dois testes-protocolos. Sendo assim, ao todo, onze alunos responderam ao primeiro teste-protocolo, oito ao segundo, pois dois alunos ficaram com o teste-protocolo 2 incompleto; e um não respondeu, como se vê no quadro:

Quadro 1: Consultados e testes-protocolos respondidos

<i>Teste-Protocolo 1</i>	<i>Teste-Protocolo 2</i>	<i>Consultados</i>
SIM	SIM	Loira
SIM	SIM	Rippi
SIM	SIM	Ryan
SIM	SIM	Betão
SIM	SIM	Duda
SIM	Respondeu apenas às questões 2, 3, 4 e 5	Kbça
SIM	SIM	Thur
SIM	Ilegibilidade nas respostas das questões 1, 4 e 5	DJ GDN Wagner
SIM	SIM	L F Dantas
SIM	SIM	Tamara
SIM	NÃO	Anjo de fogo

7.4 O contexto da aplicação e coleta dos testes-protocolos I e II

Para obter o *corpus* deste trabalho, foram utilizados instrumentos e procedimentos comumente utilizados nas pesquisas das Ciências Cognitivas e Metacognitivas que serão descritos a seguir.

Os protocolos de leitura constituem-se de um instrumento de pesquisa do conhecimento declarativo e procedimental dos leitores. Tal instrumento, descrito no âmbito das Ciências Cognitivas como “janela para a compreensão”, possibilita a investigação do processo de compreensão textual uma vez que torna “visível” o fluxo da consciência por meio de uma descrição da atividade mental durante a compreensão textual. (AMARAL, 2009)

Em ambos os testes-protocolos foram utilizados o registro escrito, devido ao número de consultados necessários a constituição de um *corpus* significativo, modelo que possibilitou a participação simultânea de todos os consultados em cada sessão de aplicação dos

protocolos. Tal escolha possibilitou também que a coleta de dados fosse realizada em cinco encontros, não interferindo no calendário e na rotina escolar das turmas pesquisadas.

Além disso, o registro escrito revela o processamento metacognitivo dos leitores, como organizam, inferem e constroem significados em relação às informações do texto no fluxo da interação, realizada na sala de aula.

Na aplicação do teste-protocolo I, optou-se pelo relato em tempo real, no primeiro teste-protocolo, pois esse procedimento apresenta as vantagens de ser uma válida medida da compreensão de leitura: é textualmente mais embasado do que as questões de múltipla escolha, além de ser a avaliação mais direta do resultado da interação leitor-texto, uma vez que conta com elementos ainda em ativação na memória de curto tempo.

No teste-protocolo II, foi utilizado o relato retrospectivo, uma vez que possibilita reconhecer as informações que foram retidas do processo de leitura. (cf. HIRANO, 2007)

Além disso, foram escolhidos para a construção dos protocolos I e II, respectivamente, os contos de terror “Acidente na estrada”, de Paulo Henrique Garcia, disponível em <http://www.contosehistoriasdeterror.com/2015> e “As flores da morte”, de autoria desconhecida, publicado no site <http://www.sobrenatural.org/2015>, por se configurarem, o primeiro, sendo misterioso; o segundo, por ter uma temática sobrenatural, e ambos por serem contos de terror.

7.5 Procedimentos de coleta de dados

Primeiramente, foi realizado um contato com a diretora da referida escola para verificar a disponibilidade de a pesquisa ser realizada no primeiro semestre do período escolar de 2015.

Foram esclarecidos os objetivos e características do trabalho com os alunos e assegurado que as atividades previstas no cronograma respeitariam a liberdade e a privacidade dos participantes, não interferindo na rotina da escola e que os dados coletados teriam caráter confidencial. Foram igualmente observados os princípios e os procedimentos éticos para pesquisa com seres humanos conforme os Termos de Autorização no (anexo A) desta pesquisa.

As narrativas escolhidas “Acidente na estrada” e “As flores da morte”, por se tratarem do gênero textual conto de terror, sempre empolga leitores – principalmente os adolescentes –

ao possibilitar o sentimento de medo e vivenciar situações misteriosas e sobrenaturais. Esse gênero textual tem como marca a disseminação de fatores fúnebres, grotescos, misteriosos, sobrenaturais e sombrios. O gênero conto de terror prolifera não só fatores sobrenaturais e sombrios, como também a narração de fato/acontecimentos os quais abrangem mistérios, crimes e suspense, bem como a resolução destes. Essas narrativas são permeadas de crimes e mistérios, exteriorizando, assim, outros elementos, tais como: o doentio, o obsessivo e, em especial, a morte. Em virtude dessas características, no leitor, são despertadas inúmeras sensações e sentimentos, como, por exemplo: medo, horror, pavor e susto. O leitor faz uso não só das marcas e pistas linguísticas disseminadas pelo texto, mas, sobretudo, de práticas cognitivas, como é o caso da inferência. Assim, o leitor promove a articulação com seus saberes. E, a partir desses saberes, entra em foco a atribuição de sentido perante o texto.

A pesquisa ocorreu em dois momentos distintos, sendo a aplicação do Teste-Protocolo I e do Teste-Protocolo II. O primeiro teste-protocolo foi organizado através da estratégia de verbalização em tempo real, seguindo os seguintes passos: (a). leitura das orientações para a aplicação dos protocolos; (b). leitura do texto, apresentado em partes, e (c). a interrupção da leitura para se responder a questões relacionadas ao segmento lido.

A aplicação do segundo teste-protocolo, por se tratar de verbalização retrospectiva, seguiu a seguinte forma: (a) leitura do texto, em sua íntegra; (b) reescrita da história; (c) respostas a questões de reconhecimento de gênero ou tipo textual e (d) resposta à questão sobre o grau de dificuldade na compreensão (metacognição) do texto lido.

Apresentada a justificativa pela escolha dos textos usados na intervenção didática, passa-se a detalhar, passo a passo, as sessões de intervenção aplicadas pela pesquisadora, conforme se vê abaixo:

TESTE-PROTOCOLO I (Anexo B)

TEXTO 1: ACIDENTE NA ESTRADA

Todos os anos eu passava as férias de julho na fazenda dos meus tios, no interior do Rio de Janeiro. Os fatos que vou contar aconteceram em 1989, quando eu tinha 17 anos. Eles mudaram minha fé e visão do mundo. Meu tio, dois primos e eu estávamos jogando baralho enquanto, esperava minha tia terminar o jantar. A fazenda era muito antiga. Minha família morava ali há várias gerações. Infelizmente, nessa época, não havia eletricidade no campo. E os geradores eram muito caros para meu tio, então, era tudo iluminado através da vela e do lampião, o que dava um aspecto tenebroso ao lugar. Nesse dia, chovia muito forte e os cachorros estavam dentro da casa, mesmo assim estavam muito inquietos.

1. Em sua opinião, sobre o que esse texto vai falar?
2. Que parte (título, palavra, frase, trecho) do texto lhe faz imaginar isso? Justifique sua resposta.
3. Que fatos poderiam “mudar a fé e a visão do mundo” de uma pessoa de 17 anos em 1989?

“Eu não gosto quando eles estão assim, sempre acontece algo estranho” – disse meu tio apontando os cachorros.

Todos nós rimos do comentário, que, no momento, pareceu engraçado. Ainda estávamos rindo, quando ouvimos alguém bater forte na porta. Todos nós pulamos, por conta do susto. Meu tio foi atender a porta, seguido de minha tia que veio rápido da cozinha ver quem era a visita inesperada. Quando meu tio abriu a porta, vimos um homem que estava todo molhado da chuva. Eu sabia que não era conhecido, porque eu conhecia todos os vizinhos da redondeza.

“Eu capotei meu carro ali na estrada. Preciso de ajuda, pois minha mulher está machucada e precisa de cuidados médicos. Eu vi sua casa da estrada e...” – disse o homem, sem fôlego, até ser interrompido por meu tio.

“Não precisa explicar mais.” – disse meu tio pegando a chave da caminhonete e saindo.

1. Sua opinião acerca do que vai acontecer continua a mesma ou se modificou?
2. Transcreva a(s) parte(s) do texto que confirmaram ou modificaram suas expectativas, e justifique sua resposta.
3. Com base no cenário descrito até agora, que fatos terríveis vêm a sua mente?

Sem perguntar nada, eu entrei com eles no veículo e partimos. Em um minuto, já estávamos onde o carro se encontrava. Eu e meu tio corremos para o carro, o homem ficou lá dentro do carro, paralisado, olhando na direção do carro e chorando quieto. Eu e meu tio agachamos, para ver a situação da mulher dele e para nosso choque ali estava o homem que bateu na porta da fazenda, todo ensanguentado. Sua mulher não estava diferente. Eu fiquei com medo, mas meu tio me olhou e disse:

“Rápido temos que levar os dois para o hospital.” – Disse ele, ignorando o fato sinistro e forçando a porta para abrir.

1. Você já consegue sentir (compreender) o que vai acontecer?
2. O que vem a sua mente com as informações que você já tem?
3. Então, o que você acha que vai acontecer?
4. Por que você acha que isso (sua resposta anterior) vai acontecer?

Tiramos os dois do carro e os levamos para o hospital. O homem, como eu e meu tio sabíamos, já estava morto. A mulher estava com ferimentos bastante graves, mas sobreviveu. Algumas horas depois, saímos do hospital e fomos de volta para a fazenda. Quando chegamos, contamos a história para meus primos e minha tia. Eles ficaram morrendo de medo. Terminei de contar a história e alguém bateu na porta. Meus primos correram para o quarto com medo. Meu tio abriu a porta, só que desta vez não tinha ninguém.

1. Qual foi o desenrolar da história (o que aconteceu)?
2. Em que partes deste último trecho você se apoiou para responder a questão anterior? Por quê?
3. Suas expectativas se confirmaram?
4. Você achou que os fatos ocorridos neste conto de terror mudaram a fé e visão do mundo do rapaz? Por quê?

TESTE-PROTOCOLO II (Anexo C)

TEXTO 2: AS FLORES DA MORTE

Conta-se que uma moça estava muito doente e teve que ser internada em um hospital. Desenganada pelos médicos, a família não queria que ela soubesse que iria morrer. Todos os seus amigos já sabiam. Menos ela. E para todo mundo que ela perguntava se ia morrer, a afirmação era negada.

Depois de muito receber visitas, ela pediu durante uma oração que lhe enviassem flores. Caso fosse voltar para casa, queria rosas brancas. Caso fosse ficar mais um tempo no hospital e estivesse em estado grave, queria rosas amarelas. E, rosas vermelhas, caso estivesse próxima sua morte.

Certa hora, bate a porta de seu quarto uma mulher e entrega a mãe da moça um maço de rosas vermelhas murchas e sem vida. A mulher se identifica como "mãe da Berenice". Nesse meio tempo, a moça que estava dormindo acordou, e a mãe avisou para ela que uma mulher havia deixado um buquê de rosas. Isso, sem saber do pedido que sua filha havia realizado em oração.

Ela ficou com uma cara de espanto, quando foi informada pela mãe que quem havia trazido as rosas era a mãe da Berenice. A única coisa que a moça conseguiu responder era que a mãe da Berenice estava morta há dez anos. A moça morreu naquela mesma noite. No hospital, ninguém viu a tal mulher entrando ou saindo.

1. Reescreva a história que acabou de ler com suas palavras:
2. Após ler e reescrever o texto, diga qual é o gênero ou tipo textual?
3. Explique como você sabe e como você chegou a essa conclusão?
4. A que situações específicas remetem os trechos abaixo? E o que te faz dizer isso?

a) “Certa hora, bate a porta de seu quarto uma mulher e entrega a mãe da moça um maço de rosas vermelhas murchas e sem vida.”

b) “Ela ficou com uma cara de espanto, quando foi informada pela mãe que quem havia trazido as rosas era a mãe da Berenice.”

c) “No hospital, ninguém viu a tal mulher entrando ou saindo.”

5. Em sua opinião, compreender o texto lido foi fácil ou difícil? Por quê?

7.6 Procedimento de análise de dados

Após a geração de dados, as respostas foram organizadas sob a forma de tabelas. Cada tabela do primeiro teste-protocolo contém as respostas de todos os consultados a uma mesma questão, possibilitando maior facilidade em compará-las e perceber regularidades e diferenças.

No segundo teste-protocolo foram transcritas para o corpo do texto as respostas da primeira questão que era de reescrita. As demais questões foram colocadas em tabelas, pois visava confirmar de modo mais específico o que já fora sendo apontado pela primeira questão.

Em seguida, guiado pelo aparato teórico, será analisado o processo de compreensão dos textos “Acidente na estrada” e “As flores da morte” e a situatividade dos consultados em relação às propostas pedagógicas veiculadas na sala de aula.

A análise dos dados baseia-se nos critérios situatividade mais focada, situatividade tangenciada e situatividade menos focada referentes ao aluno. Desta maneira, propõe-se a análise considerando as teorias das Ciências Cognitivas.

8. ANÁLISE DOS DADOS

Consoante a discussão teórica relativa a Identidades Situadas (GERHARDT, 2013), Metacognição (TOMASELLO, 2003) e Leitura (KATO, 1985), ao ler as primeiras palavras de um texto, um compreendedor busca em sua memória informações que possibilitem a ativação do tipo ou gênero textual, a partir do qual o texto será compreendido.

Na busca de compreender como se dá o processamento cognitivo com relação à leitura de texto narrativo de terror, considerando os pressupostos apresentados, foram analisadas as respostas do Teste-Protocolo I e do Teste-Protocolo II.

Ao apresentar o primeiro Teste-Protocolo aos consultados, nada lhes foi dito com relação às formas de responder tanto no que diz respeito aos padrões textuais quanto ao assunto a ser respondido.

Desta forma, a partir das pistas linguísticas e discursivas que advém do foco da pergunta foi trabalhada pedagogicamente a compreensão do texto. A única informação dada *a priori* foi que o texto, embora estivesse na íntegra, seria apresentado aos poucos e em partes; outra questão esclarecida foi que, para cada parte, seriam apresentadas algumas perguntas para serem respondidas uma a uma quanto às peculiaridades do tipo narrativo, o de terror, associadas à compreensão do conteúdo do texto.

8.1 Primeiro Excerto do Teste-Protocolo I

Para o primeiro excerto do teste-protocolo I, acompanhado do texto “Acidente na estrada” em partes, foram formuladas três questões:

TEXTO 1: ACIDENTE NA ESTRADA

Quadro 2: Excerto 1

Todos os anos eu passava as férias de julho na fazenda dos meus tios, no interior do Rio de Janeiro. Os fatos que vou contar aconteceram em 1989, quando eu tinha 17 anos. Eles mudaram minha fé e visão do mundo. Meu tio, dois primos e eu estávamos jogando baralho enquanto, esperava minha tia terminar o jantar. A fazenda era muito antiga. Minha família morava ali há várias gerações. Infelizmente, nessa época, não havia eletricidade no campo. E os geradores eram muito caros para meu tio, então, era tudo iluminado através da vela e do lampião, o que dava um aspecto tenebroso ao lugar. Nesse dia, chovia muito forte e os cachorros estavam dentro da casa, mesmo assim estavam muito inquietos.

Tabela 1: Questão 1 do excerto 1 e suas respostas

<i>Questão</i>	<i>Respostas</i>	<i>Consultados</i>
1. Em sua opinião, sobre o que esse texto vai falar?	Sobre alguma morte ou acidente	Loira
	Sobre o mundo hoje em dia como mudou, como que ele vivia e a convivência.	Rippi
	Sobre a vida da pessoa.	Ryan
	Que viver no sítio é ruim que não tem muita eletricidade	Betão
	De uma fazenda e de uma garota que morava lá.	Duda
	Das férias de uma garota bem humilde	Kbça
	Sobre uma história de uma garota que sofreu um acidente durante as férias	Thur

	Que ele adorava ficar na casa dos seus tios.	DJGDN Wagner
	Sobre uma criança que está nas férias de julho	L F Dantas
	Sobre pessoas que ele não queria sair da casa do tio	Tamara
	Saindo para o hospital	Anjo de fogo

Na primeira questão do excerto 1, percebe-se que os consultados (Loira e Thur) conseguiram associar o título do texto ao assunto que seria tratado. Como se pode observar nos exemplos abaixo (situatividade mais focada):

Exemplo 1: *“Sobre alguma morte ou acidente”*

Exemplo 2: *“Sobre uma história de uma garota que sofreu um acidente durante as férias”*

Os demais consultados (Rippi, Betão, Duda, Kbça, DJ DGN Wagner, L F Dantas e Tamara) fizeram uma relação aleatória entre o conteúdo do texto e a resposta construída por eles, como podemos observar acima na tabela 1 e nos exemplos abaixo (situatividade tangenciada):

Exemplo 3: *“Sobre o mundo hoje em dia como mudou, como que ele vivia e a convivência”*

Exemplo 4: *“Que viver no sítio é ruim que não tem muita eletricidade”*

Exemplo 5: *“De uma fazenda e de uma garota que morava lá.”*

Exemplo 6: *“Das férias de uma garota bem humilde”*

Exemplo 7: *“Que ele adorava ficar na casa dos seus tios.”*

Exemplo 8: *“Sobre uma criança que está nas férias de julho”*

Exemplo 9: *“Sobre pessoas que ele não queria sair da casa do tio”*

Os consultados (Ryan e Anjo de fogo) não conseguiram associar o foco da pergunta a resposta, não estabelecendo construções, como nos exemplos abaixo (situatividade menos focada):

Exemplo 10: “Sobre a vida da pessoa.”

Exemplo 11: “Saindo para o hospital”

Tabela 2: Questão 2 do excerto 1 e suas respostas

<i>Questão</i>	<i>Respostas</i>	<i>Consultados</i>
2. Que parte (título, palavra, frase, trecho) do texto lhe faz imaginar isso? Justifique sua resposta.	Nesse dia, chovia muito forte e os cachorros estavam dentro da casa, mesmo assim estavam muito inquietos.	Loira
	“Infelizmente, nesse época, não havia eletricidade no campo:” hoje em dia tem eletricidade em todos os lugares o mundo mudou.	Rippi
	Ele falou sobre ele que na época de 1989 quando ele tinha 17 anos.	Ryan
	Que no sitio tinha que ter muita eletricidades é no sitio as vezes e muito bom. Porque da pra fazer muitas coisas divertidas.	Betão
	“Minha família morava ali há várias gerações.”	Duda
	“Todos os anos eu passava as férias de julho na fazenda”	Kbça
	O título	Thur
	Não entendi não.	DJ GDN Wagner
	No interior rio de janeiro por que quase todas pessoas que morram no rio de janeiro som pobres	L F Dantas
	Não sei...	Tamara

	* deixou em branco	Anjo de fogo
--	--------------------	--------------

Na segunda questão, os consultados (Loira e Thur) relacionaram o assunto do texto com o título, só não justificaram a resposta, como observamos nos exemplos:

Exemplo 1: *“Nesse dia, chovia muito forte e os cachorros estavam dentro da casa, mesmo assim estavam muito inquietos.”*

Exemplo 2: *“O título”*

Os consultados (Rippi, Ryan, Betão, Duda e Kbça) associaram os fatos a estruturas de conhecimento de mundo:

Exemplo 3: *“Infelizmente, nesse época, não havia eletricidade no campo:” hoje em dia tem eletricidade em todos os lugares o mundo mudou.”*

Exemplo 4: *“Ele falou sobre ele que na época de 1989 quando ele tinha 17 anos.”*

Exemplo 5: *“Que no sitio tinha que ter muita eletricidades é no sitio as vezes e muito bom. Porque da pra fazer muitas coisas divertidas.”*

Exemplo 6: *“Minha família morava ali há várias gerações.”*

Exemplo 7: *“Todos os anos eu passava as férias de julho na fazenda”*

Os consultados (DJ GDN Wagner, LF Dantas, Anjo de fogo e Tamara) não estabeleceram relação entre o conteúdo da proposta e o conteúdo do texto:

Exemplo 8: *“Não entendi não.”*

Exemplo 9: *“No interior rio de janeiro por que quase todas pessoas que morram no rio de janeiro som pobres”*

Exemplo 10: *“Não sei...”*

Exemplo 11: *“deixou em branco”*

Tabela 3: Questão 3 do excerto 1 e suas respostas

<i>Questão</i>	<i>Respostas</i>	<i>Consultados</i>
3. Que fatos poderiam “mudar a fé e a visão do mundo” de uma pessoa de 17 anos em 1989?	Sobre algum assidente ou algo que o espantou ele naquele dia	Loira
	Que poderiam mudar a fé e a visão do mundo, que eles ajudaram o garoto de 17 anos ver melhor o mundo.	Rippi
	* deixou em branco	Ryan
	Não ter muita bandidagem, não ter trafico de drogas é não ter corrupitos.	Betão
	O acidente.	Duda
	Não sei.	Kbça
	Uma salvação em um acidente.	Thur
	Que ele não queria sair do casa do tio dele para a sua fazenda.	DJ GDN Wagner
	Não sei.	L F Dantas
	Eles mudaram minha fé e visão do mundo meu tio, dois primos e eu estavam jogando Baralho	Tamara
	O carro todo amachado e pegando fogo e todo mundo machucado	Anjo de fogo

Na terceira questão, apenas os consultados (Loira, Duda e Thur) situaram os fatos ao conteúdo do texto:

Exemplo 1: “*Sobre algum assidente ou algo que o espantou ele naquele dia*”

Exemplo 2: “*O acidente.*”

Exemplo 3: “*Uma salvação em um acidente.*”

Os consultados (Betão e Anjo de fogo) estabeleceram uma relação aleatória entre o foco da pergunta e a resposta dada pelo aluno:

Exemplo 4: *“Não ter muita bandidagem, não ter trafico de drogas é não ter corruptitos.”*

Exemplo 5: *“O carro todo amachado e pegando fogo e todo mundo machucado”*

Os consultados (Rippi, Ryan, Kbça, DJ GDN Wagner, L F Dantas e Tamara) não estabeleceram relação alguma, nem associação entre o foco da pergunta e a resposta do aluno, não ocorrendo, assim, o estabelecimento de construções:

Exemplo 6: *“Que poderiam mudar a fé e a visão do mundo, que eles ajudaram o garoto de 17 anos ver melhor o mundo.”*

Exemplo 7: *“* deixou em branco”*

Exemplo 8: *“Não sei.”*

Exemplo 9: *“Que ele não queria sair do casa do tio dele para a sua fazenda.”*

Exemplo 10: *“Não sei.”*

Exemplo 11: *“Eles mudaram minha fé e visão do mundo meu tio, dois primos e eu estavamos jogando Baralho”*

Tabela 4: Comparação das respostas das questões 2 e 3 do excerto 1

Expressão focalizada <i>(Respostas à questão 2)</i>	Tema possível <i>(Respostas à questão 3)</i>	Consultados
<i>Nesse dia, chovia muito forte e os cachorros estavam dentro da casa, mesmo assim estavam muito inquietos.</i>	<i>Sobre algum assidente ou algo que o espantou ele naquele dia</i>	<i>Loira</i>
“Infelizmente, nesse época, não havia eletricidade no campo:” hoje em dia tem eletricidade em todos os lugares o mundo mudou.	Que poderiam mudar a fé e a visão do mundo, que eles ajudaram o garoto de 17 anos ver melhor o mundo.	Rippi

Ele falou sobre ele que na época de 1989 quando ele tinha 17 anos.	* deixou em branco	Ryan
Que no sitio tinha que ter muita eletrificadas é no sitio as vezes e muito bom. Porque da pra fazer muitas coisas divertidas.	Não ter muita bandidagem, não ter trafico de drogas é não ter corrupitos.	Betão
<i>“Minha família morava ali há várias gerações.”</i>	<i>O acidente.</i>	<i>Duda</i>
“Minha família morava ali há várias gerações.”	Não sei.	Kbça
<i>O título “Acidente na estrada”</i>	<i>Uma salvação em um acidente.</i>	<i>Thur</i>
Não entendi não.	Que ele não queria sair do casa do tio dele para a sua fazenda.	DJ GDN Wagner
No interior rio de janeiro por que quase todas pessoas que morram no rio de janeiro som pobres	Não sei.	L. F. Dantas
Não sei...	Eles mudaram minha fé e visão do mundo meu tio, dois primos e eu estavam jogando Baralho	Tamara
<i>*Deixou em branco</i>	<i>O carro todo amachado e pegando fogo e todo mundo machucado</i>	<i>Anjo de fogo</i>

Na tabela 4 foi realizada uma comparação das respostas das questões 2 e 3 do excerto 1 e os consultados (Loira, Duda e Thur) conseguiram compreender os enunciados e os trechos da narrativa apresentados a eles, construindo relações de situatividade entre o texto e às perguntas.

Observamos que os consultados (Loira, Duda, Thur e Anjo de fogo) estabeleceram temas possíveis ao associarem a questão 3 ao conhecimento de mundo deles, realizando inferências, à medida que processavam as informações do texto, conforme Gerhardt (2013, p.95) postula sobre a associação da cognição cotidiana dos alunos às suas ações cognitivas situadas dentro da sala de aula:

os estudos em cognição e ensino de língua permitem realizar uma associação entre o uso da linguagem e a construção mais geral da cognição humana, detectando as evidências linguísticas do que desencadeiam as ações cognitivas, quais são os seus objetivos, e quais tipos de problemas elas buscam resolver. Essa detecção pode subsidiar a formulação de propostas didático-pedagógicas que, em vez de definir *a priori* qual é a relação entre as pessoas e a linguagem, busquem associar a cognição cotidiana dos alunos, mais próxima das realidades vividas por eles fora da escola, às suas ações cognitivas situadas dentro da sala de aula (GERHARDT, 2013, p. 95).

Os demais consultados (Rippi, Ryan, Betão, Kbça, DJ GDN Wagner, L F Dantas e Tamara) não conseguiram acionar o que não estava expresso no texto, não fizeram inferências.

Os consultados (Rippi, Betão e L F Dantas) assumiram uma perspectiva particular no mundo da história apresentada:

Exemplo 1: **Expressão focalizada** - *“Infelizmente, nesse época, não havia eletricidade no campo: hoje em dia tem eletricidade em todos os lugares o mundo mudou.”* **Tema possível** - *“Que poderiam mudar a fé e a visão do mundo, que eles ajudaram o garoto de 17 anos ver melhor o mundo.”*

Exemplo 2: **Expressão focalizada** - *“Que no sitio tinha que ter muita eletricidades é no sitio as vezes e muito bom. Porque da pra fazer muitas coisas divertidas.”* **Tema possível** - *“Não ter muita bandidagem, não ter trafico de drogas é não ter corruptitos.”*

Exemplo 3: **Expressão focalizada** - *“No interior rio de janeiro por que quase todas pessoas que morram no rio de janeiro som pobres.”* **Tema possível** - *“Não sei.”*

Conforme Duque e Costa (2011) mostram:

Os resultados das pesquisas de Duque e Costa (2011, p. 12) evidenciam que um compreendedor (leitor/ouvinte) aciona muito do que não está expresso. É o que se verifica com certa facilidade em padrões discursivos de base narrativa. Desses padrões, o compreendedor faz inferências que não estão, necessariamente, expressas nas relações de acontecimentos, pessoas e objetos. Que características de um texto fornecem suporte às inferências dessas relações? Quais são os recursos cognitivos do compreendedor para realizar essa tarefa? E o que o compreendedor precisa conhecer para elaborar suas expectativas? Questões como essas podem ser respondidas ao se assumir que, quando alguém lê um texto predominantemente

narrativo, assume uma perspectiva particular no mundo da história (*story world*) apresentada (DUQUE; COSTA, 2011, p.12).

Com a leitura das respostas dadas às questões 2 e 3, observamos que as identidades situadas na compreensão de narrativas nos possibilitam perceber o conhecimento dos consultados, como eles leem uma história, e como esse conhecimento é construído a partir das sentenças. Assim, podemos notar que durante a compreensão de uma narrativa (ou qualquer outra configuração complexa de informações), a natureza e as interrelações das unidades de informação que são compreendidas e lembradas dependem das estruturas cognitivas estáveis acionadas pelas inferências possibilitadas pela percepção de um tipo textual e construção e monitoramento dinâmico da cognição e das identidades situadas, além da compreensão dos eventos difusos por meio das relações vitais, onde os consultados acionam muito do que não está expresso e assumem uma perspectiva particular no mundo da história.

8.2 Segundo Excerto do Teste-Protocolo I

O segundo excerto apresentado traz a descrição no qual desenrolar-se-á a ação apresentada no texto, bem como as personagens que vivenciarão o enredo.

Para esse excerto foram apresentadas três questões:

Quadro 3: Excerto 2

“Eu não gosto quando eles estão assim, sempre acontece algo estranho” – disse meu tio apontando os cachorros.

Todos nós rimos do comentário, que, no momento, pareceu engraçado. Ainda estávamos rindo, quando ouvimos alguém bater forte na porta. Todos nós pulamos, por conta do susto. Meu tio foi atender a porta, seguido de minha tia que veio rápido da cozinha ver quem era a visita inesperada. Quando meu tio abriu a porta, vimos um homem que estava todo molhado da chuva. Eu sabia que não era conhecido, porque eu conhecia todos os vizinhos da redondeza.

“Eu capotei meu carro ali na estrada. Preciso de ajuda, pois minha mulher está machucada e precisa de cuidados médicos. Eu vi sua casa da estrada e...” – disse o homem, sem fôlego, até ser interrompido por meu tio.

“Não precisa explicar mais.” – disse meu tio pegando a chave da caminhonete e saindo.

Tabela 5: Questão 1 do excerto 2 e suas respostas

<i>Questão</i>	<i>Respostas</i>	<i>Consultados</i>
1. Sua opinião acerca do que vai acontecer continua a mesma ou se modificou?	Sim.	Loira
	Modificou.	Rippi
	Ele podia ajudar as pessoas.	Ryan
	Modificou.	Betão
	Modificou.	Duda
	Continua a mesma	Kbça
	Mudou	Thur
	Não gosto do texto	DJ GDN Wagner
	A mesma	L F Dantas
	Sim	Tamara
	Saindo para o hospital	Anjo de fogo

Na primeira questão do excerto 2, os consultados (Rippi, Betão, Duda, Kbça, Thur e L F Dantas) responderam de acordo com a pergunta proposta (situatividade mais focada):

Exemplo 1: “*Modificou*”

Exemplo 2: “*Continua a mesma*”

Exemplo 3: “*Mudou*”

Exemplo 4: “*A mesma*”

Os consultados (Betão e Duda) apesar de responderem “modificou”, não associaram o conteúdo da primeira parte do texto a segunda, como observamos na tabela 6 abaixo, pois deixaram a segunda questão em branco, não confirmando assim, a situatividade.

Na primeira questão do excerto 2, esperávamos respostas como: “*continua a mesma ou modificou*”, porém, os consultados (Ryan, DJ GDN Wagner e Anjo de fogo) demonstraram não serem leitores, não estavam situados, pois suas respostas foram: “*Ele podia ajudar as pessoas; Não gosto do texto; Saindo para o hospital.*” E as consultadas (Loira e Tamara) responderam apenas “sim”.

Tabela 6: Questão 2 do excerto 2 e suas respostas

<i>Questão</i>	<i>Respostas</i>	<i>Consultados</i>
2. Transcreva a(s) parte(s) do texto que confirmaram ou modificaram suas expectativas, e justifique sua resposta.	“Eu capotei meu carro ali na estrada. Preciso de ajuda, pois minha mulher esta machucada e precisa de cuidados médicos. Eu vi sua casa da estrada...”	Loira
	“Não preciso explicar mais” – disse meu tio pegando a chave da caminhonete e saindo	Rippi
	Se fosse eu ajudava as pessoas que morava na rua e colocava ambulância pela rua.	Ryan
	* deixou em branco	Betão
	* deixou em branco	Duda
	Não entendi	Kbça
	“Eu capotei meu carro ali na estrada...”	Thur
	Nao porque eu não gostei do texto	DJ GDN Wagner

	Não sei	L F Dantas
	Não Sei	Tamara
	* deixou em branco	Anjo de fogo

Na segunda questão, nenhum dos consultados justificou suas respostas.

Apenas (Loira, Rippi e Thur) transcreveram parte do texto que confirmavam ou modificavam as suas expectativas e demonstraram situatividade no texto:

Exemplo 1: *“Eu capotei meu carro ali na estrada. Preciso de ajuda, pois minha mulher esta machucada e precisa de cuidados médicos. Eu vi sua casa da estrada...”*

Exemplo 2: *“Não preciso explicar mais – disse meu tio pegando a chave da caminhonete e saindo”*

Exemplo 3: *“Eu capotei meu carro ali na estrada...”*

O consultado (Ryan) associou os fatos ao conhecimento de mundo dele:

Exemplo 4: *“Se fosse eu ajudava as pessoas que morava na rua e colocava ambulância pela rua.”*

Os consultados (Betão, Duda, Kbça, DJ GDN Wagner, L F Dantas, Tamara e Anjo de fogo) deram respostas sem vincular ao conteúdo do texto por não entender, deixando em branco, declarando-se como não compreendedores e dizendo que não gostaram do texto:

Exemplo 5: *“* deixou em branco”*

Exemplo 6: *“Não entendi”*

Exemplo 7: *“Nao porque eu não gostei do texto”*

Exemplo 8: *“Não sei”*

Tabela 7: Questão 3 do excerto 2 e suas respostas

<i>Questão</i>	<i>Respostas</i>	<i>Consultados</i>
3. Com base no cenário descrito até agora, que fatos terríveis vêm a sua mente?	Uma morte, que possa ter assustado a todos... Não sei de quem possa ser a morte, mas suspeito que seja da mulher do homem que capotou o carro.	Loira
	Que não tem mulher nenhuma machucada, que o homem só quer matar ele e aterorizar a família dele.	Rippi
	Ajuda as pessoas	Ryan
	Do home que capotou com o carro	Betão
	O homem capotando com o carro	Duda
	Tempestades, monstros etc	Kbça
	Um possível assalto	Thur
	Porque eu acho que o garoto morreu	DJ GDN Wagner
	Quem era na porta um motro quem era	L F Dantas
	Tio apontando os cachorro	Tamara
	O carro todo amachado e pegando fogo e todo mundo machucado	Anjo de fogo

Na questão 3, tabela 7, podemos observar que os consultados (Loira, Rippi, Betão, Duda, Kbça, Thur, DJ GDN Wagner, LF Dantas e Anjo de fogo) estão situados, pois relacionaram acontecimentos negativos ao conto de terror (*morte* (Loira), *matar* (Rippi), *morreu* (DJ GDN Wagner), *capotar com o carro* (Betão e Duda), *carro todo amachado* (Anjo de fogo)) referindo-se a acidente.

Os demais consultados (Kbça e Thur) associaram *monstros e assalto* aos fatos terríveis que poderiam vir nos trechos adiante, mostrando assim, que todos estavam situados nas respostas da terceira questão do segundo excerto.

8.3 Terceiro Excerto do Teste-Protocolo I

Para esse terceiro excerto, foram dadas quatro questões:

Quadro 4: Excerto 3

Sem perguntar nada, eu entrei com eles no veículo e partimos. Em um minuto, já estávamos onde o carro se encontrava. Eu e meu tio corremos para o carro, o homem ficou lá dentro do carro, paralisado, olhando na direção do carro e chorando quieto. Eu e meu tio agachamos, para ver a situação da mulher dele e para nosso choque ali estava o homem que bateu na porta da fazenda, todo ensanguentado. Sua mulher não estava diferente. Eu fiquei com medo, mas meu tio me olhou e disse:

“Rápido temos que levar os dois para o hospital.” – Disse ele, ignorando o fato sinistro e forçando a porta para abrir.

Tabela 8: Questão 1 do excerto 3 e suas respostas

<i>Questão</i>	<i>Respostas</i>	<i>Consultados</i>
1. Você já consegue sentir (compreender) o que vai acontecer?	Sim.	Loira
	Não	Rippi
	Podia todo mundo morrer.	Ryan
	As vezes	Betão
	Sim	Duda
	Sim eles vão os salvar	Kbça
	Mais ou menos	Thur
	sim	DJ GDN Wagner

	Mais ou menos	L F Dantas
	não	Tamara
	sim	Anjo de fogo

Ao analisar as respostas da questão 1 do excerto 3, observa-se que apenas (Loira, Duda, Kbça, DJ GDN Wagner e Anjo de fogo) dizem compreender o que vai acontecer (situatividade mais focada).

Os consultados (Betão, Thur e L F Dantas) responderam “às vezes”, “mais ou menos.” (situatividade tangenciada)

O consultado (Ryan) respondeu “Podia todo mundo morre” e os consultados (Rippi e Tamara) não conseguiram compreender o que iria acontecer no texto (situatividade menos focada).

Tabela 9: Questão 2 do excerto 3 e suas respostas

<i>Questão</i>	<i>Respostas</i>	<i>Consultados</i>
2. O que vem a sua mente com as informações que você já tem?	Algo estranho vai acontecer.	Loira
	Veio que eles não sobreviver	Rippi
	Que podia todo mundo morre e as pessoas ficar triste .	Ryan
	Vem as coisas ruim e boa	Betão
	Que o cara que bateu na porta estava todo ensanguentado	Duda
	Que vai ter um fim aterrorizante	Kbça
	Que algo terrível vai acontecer	Thur
	* deixou em branco	DJ GDN Wagner
	Que vai acontecer uma coisa de mal com a familia	L. F. Dantas
	Não Sei	Tamara

	Eles vão para o médico	Anjo de fogo
--	------------------------	--------------

Na segunda questão do excerto 3, os consultados (Loira, Rippi, Ryan, Betão, Duda e Kbça) constroem inferências, permitindo a eles relacionarem a informação dada em cada frase sucessiva e a narrativa como um todo:

Exemplo 1: *“Algo estranho vai acontecer.”*

Exemplo 2: *“Veio que eles não sobreviver”*

Exemplo 3: *“Que podia todo mundo morre e as pessoas ficar triste.”*

Exemplo 4: *“Que vai ter um fim aterrorizante”*

Exemplo 5: *“Que algo terrível vai acontecer”*

Exemplo 6: *“Que vai acontecer uma coisa de mal com a família”*

Os consultados (Thur, L F Dantas e Anjo de fogo) demonstraram uma situatividade tangenciada ao responderem:

Exemplo 7: *“Eles vão para o médico”*

Exemplo 8: *“Vem as coisas ruim e boa”*

Exemplo 9: *“Que o cara que bateu na porta estava todo ensanguentado”*

Percebe-se que (DJ GDN Wagner e Tamara) ainda não se situaram, pois (DJ GDN Wagner) deixou em branco e (Tamara) respondeu que não sabia.

Tabela 10: Questão 3 do excerto 3 e suas respostas

<i>Questão</i>	<i>Respostas</i>	<i>Consultados</i>
3. Então, o que você acha que vai acontecer?	Acho que alguém morre.	Loira
	Não penso em nada	Rippi
	Todo mundo se salva e ninguém fica triste.	Ryan

	Não sei o que vai acontecer, deve acontecer coisas ruins e boas	Betão
	Que o homem e a mulher estavam no hospital.	Duda
	Não salva-los	Kbça
	Muitas mortes	Thur
	augo errado	DJ GDN Wagner
	Eles vão morrer no final	L. F. Dantas
	Muita coisa	Tamara
	Que eles ia morrer	Anjo de fogo

Na questão 3, os consultados (Loira, Kbça, Thur, L F Dantas e Anjo de fogo) recuperaram por inteiro os detalhes da cena, por meio do conhecimento prévio, sendo capazes de realizar inferências, na tentativa de (re) construir os itens apagados, à medida que processa as informações do texto:

Exemplo 1: “*Acho que alguém morre.*”

Exemplo 2: “*Não salva-los*”

Exemplo 3: “*Muitas mortes*”

Exemplo 4: “*Eles vão morrer no final*”

Exemplo 5: “*Que eles ia morrer*”

Podemos confirmar esse acionamento do conhecimento prévio através das palavras de Duque e Costa (2011, p.3):

o conhecimento prévio sobre o mundo, adquirido por meio das experiências corporificadas e interação social, é crucial para o processo de compreensão de um texto. Envolve desde o reconhecimento de objetos, por meio de seus atributos, identificação de cenários, até a simulação de procedimentos como *ir ao dentista, portar-se em um restaurante, resolver uma pendência no trabalho* etc. (DUQUE; COSTA, 2011, p.3)

Sobre a situatividade tangenciada, podemos dizer que os consultados (Ryan, Duda e DJ GDN Wagner) estabeleceram uma relação aleatória entre o conteúdo da pergunta, o conteúdo do texto e a resposta construída por eles, associando os fatos ocorridos no texto a estruturas do conhecimento de mundo dos alunos pesquisados:

Exemplo 7: *“Todo mundo se salva e ninguém fica triste.”*

Exemplo 9: *“Que o homem e a mulher estavam no hospital.”*

Exemplo 10: *“augo errado”*

Os demais consultados (Rippi, Ryan, Betão, Duda, DJ GDN Wagner e Tamara) não conseguiram compreender o que não estava expresso no texto. Eles não realizaram o processo inferencial, que consiste no estabelecimento de conexões entre os enunciados, com o preenchimento de lacunas deixadas pelo texto:

Exemplo 6: *“Não penso em nada”*

Exemplo 8: *“Não sei o que vai acontecer, deve acontecer coisas ruins e boas”*

Exemplo 11: *“Muita coisa”*

Tabela 11: Questão 4 do excerto 3 e suas respostas

<i>Questão</i>	<i>Respostas</i>	<i>Consultados</i>
4. Por que você acha que isso (sua resposta anterior) vai acontecer?	Porque parece terror	Loira
	...	Rippi
	Por vai esta na presenca de deus.	Ryan
	Porque eu não vejo o futuro	Betão
	Porque eu quero fazer uma de terror.	Duda
	Rápido temos que levar os dois para o hospital	Kbça

	Pelo que está contando na história	Thur
	Porque sim.	DJ GDN Wagner
	Por que ta acontecendo com todo mundo	L. F. Dantas
	Não sei	Tamara
	Não sei	Anjo de fogo

De acordo com os autores Bardone e Magnani (2008) tomamos nossas decisões e solucionamos problemas com base em informações incompletas, de forma que formulamos hipóteses, respostas e conclusões questionáveis, que podem ser revertidas por desdobramentos futuros. Para eles, o processo de construção de nichos permite que os seres explorem recursos externos e incorporem ao sistema cognitivo aqueles que consideram oportunos para a realização de tarefas. (BARDONE; MAGNANI, 2008, pp.9-10)

Depois da apresentação da quarta pergunta do excerto 3, apenas (Loira e Duda) parecem continuar lendo o texto como um conto de terror.

Os consultados (Ryan, Kbça, Betão, Thur e L F Dantas) concentram-se na ação narrada e nas personagens apresentadas e por isso constroem outros sentidos para o texto, distanciando-se, assim, da compreensão da narrativa:

Exemplo 1: *“Por vai esta na presensa de deus.”*

Exemplo 2: *“Porque eu não vejo o futuro”*

Exemplo 3: *Rápido temos que levar os dois para o hospital*

Exemplo 4: *Pelo que está contando na história*

Os demais consultados (Rippi, DJ GDN Wagner, Tamara e Anjo de fogo) parecem não perceber nada de aterrorizante no desenrolar desse texto:

Exemplo 1: *“...”*

Exemplo 2: *“Porque sim.”*

Exemplo 3: *“Não sei”*

Exemplo 4: “*Não sei*”

Exemplo 5: “*Não sei*”

8.4 Quarto Excerto do Teste-Protocolo I

Assim, o último excerto do Teste-Protocolo I e suas quatro questões foram apresentadas:

Quadro 5: Excerto 4

Tiramos os dois do carro e os levamos para o hospital. O homem, como eu e meu tio sabíamos, já estava morto. A mulher estava com ferimentos bastante graves, mas sobreviveu. Algumas horas depois, saímos do hospital e fomos de volta para a fazenda. Quando chegamos, contamos a história para meus primos e minha tia. Eles ficaram morrendo de medo. Terminei de contar a história e alguém bateu na porta. Meus primos correram para o quarto com medo. Meu tio abriu a porta, só que desta vez não tinha ninguém.

Tabela 12: Questão 1 do excerto 4 e suas respostas

<i>Questão</i>	<i>Respostas</i>	<i>Consultados</i>
1. Qual foi o desenrolar da história (o que aconteceu)?	“O dia já estava muito estranho, quando derrepente um homem bate na porta e diz que sua mulher estava ferida em seu carro, pois tinham sofrido um acidente e quando foram para o hospital em deles tinham morrido.”	Loira
	A mulher sobreviveu e o cara ajudou o homem e a mulher e vai continuar ajudando	Rippi
	* deixou em branco	Ryan
	* deixou em branco	Betão

	De um homem que capotou com o carro e foi pedir ajuda, e esse homem (da casa) o ajudou de forma boa.	Duda
	O tio e a sobrinha dele foram heróis pra salvar as pessoas	Kbça
	Um homem que sofreu um acidente e uma mulher também, nas férias da garota.	Thur
	Que ele queria ajudar mais não conseguiu	DJ GDN Wagner
	Que quem e que estar batendo na porta	L. F. Dantas
	Eles tiramos os dois carro E as levamos para o hospital O homem como Eu meu tio sabíamos Já Estava morto	Tâmara
	Foi que eles ia morrer.	Anjo de fogo

As respostas da primeira questão do quarto excerto mostram que (Thur, Tamara e Anjo de fogo) retomaram a leitura, mostrando através de suas respostas que estavam adequadamente situados na narrativa:

Exemplo 1: *“Um homem que sofreu um acidente e uma mulher também, nas férias da garota.”*

Exemplo 2: *“Eles tiramos os dois carro E as levamos para o hospital O homem como Eu meu tio sabíamos Já Estava morto”*

Exemplo 3: *“Foi que eles ia morrer.”*

A consultada (Loira) transcreveu um trecho do texto, estabelecendo uma resposta aleatória em relação ao conteúdo da pergunta (situatividade tangenciada).

Os consultados (Ryan e Betão) deixaram a questão em branco, demonstrando que não estavam situados e não estavam estabelecendo uma associação entre o foco da pergunta e suas respostas.

Tabela 13: Questão 2 do excerto 4 e suas respostas

<i>Questão</i>	<i>Respostas</i>	<i>Consultados</i>
2. Em que partes deste último trecho você se apoiou para responder a questão anterior? Por quê?	Na parte o menino diz que o homem morreu. Porque é a parte onde diz o mistério daquele dia.	Loira
	“A mulher estava com ferimentos bastante graves, mas sobreviveu”	Rippi
	* deixou em branco	Ryan
	* deixou em branco	Betão
	O homem, como eu e... Porque foi mas interessante.	Duda
	Meu tio abriu a porta, só que dessa vez não tinha ninguém	Kbça
	em todo o texto	Thur
	metio abriu a porta mas para choque os otros	DJ GDN Wagner
	Tiramos os dois do carro para hospital	L. F. Dantas
	Por que Eles sabia que Estava morto	Tamara
	Não sei	Anjo de fogo

Na segunda questão do excerto 4, as consultadas (Loira, Duda e Tamara) estabeleceram uma relação intrínseca entre o último trecho do texto ao conto de terror em sua totalidade ao retirar e justificar a questão anterior respondida sobre o desenrolar da história:

Exemplo 1: “*Na parte o menino diz que o homem morreu. Porque é a parte onde diz o mistério daquele dia.*”

Exemplo 2: “O homem, como eu e... Porque foi mas interessante.”

Exemplo 3: “Por que Eles sabia que Estava morto”

Os consultados (Rippi, Kbça, Thur, DJ GDN Wagner e L F Dantas) estabeleceram uma relação aleatória entre o conflito à parte do texto e não justificaram suas respostas:

Exemplo 4: “A mulher estava com ferimentos bastante graves, mas sobreviveu”

Exemplo 5: “Meu tio abriu a porta, só que dessa vez não tinha ninguém”

Exemplo 6: “em todo o texto”

Exemplo 7: “metio abriu a porta mas para choque os outros”

Exemplo 8: “Tiramos os dois do carro para hospital”

Os consultados (Ryan e Betão) deixaram a questão em branco e (Anjo de fogo) respondeu “*não sei*”, não associando o trecho do texto à narrativa de terror como um todo, ao deixar a questão em branco e respondendo que não sabia.

Tabela 14: Questão 3 do excerto 4 e suas respostas

<i>Questão</i>	<i>Respostas</i>	<i>Consultados</i>
3. Suas expectativas se confirmaram?	Sim.	Loira
	Não	Rippi
	Sim	Ryan
	Não	Betão
	Sim	Duda
	Sim	Kbça
	Não	Thur
	Sim.	DJ GDN Wagner
	mesma	L. F. Dantas
	Não	Tamara
	*deixou em branco	Anjo de fogo

Na terceira questão do excerto 4, os consultados (Loira, Ryan, Duda, Kbça, DJ GDN Wagner e L F Dantas) confirmaram suas expectativas em relação ao texto.

Os consultados (Rippi, Betão, Thur e Tamara) não confirmaram suas expectativas.

E (Anjo de fogo) deixou a questão em branco, mostrando que ainda não estabeleceu relação alguma de situatividade.

Tabela 15: Questão 4 do excerto 4 e suas respostas

<i>Questão</i>	<i>Respostas</i>	<i>Consultados</i>
4. Você achou que os fatos ocorridos neste conto de terror mudaram a fé e visão do mundo do rapaz? Por quê?	Sim. Porque ele deve ter ficado traumatizado com isto.	Loira
	Acho que não mudou, por que não aconteceu com ele.	Rippi
	*deixou em branco	Ryan
	*deixou em branco	Betão
	Sim. Porque teve fé e sabia que o homem precisava de ajuda.	Duda
	não	Kbça
	Não, por quê não aconteceu nada demais.	Thur
	Sim, porque não sei	DJ GDN Wagner
	Por que ele estava com muito medo	L. F. Dantas
	Não sei...	Tamara
	Não sei	Anjo de fogo

Na última questão do excerto 4, observou-se que (Loira e Duda) conseguiram estabelecer uma relação de situatividade entre o texto e às perguntas, pois usaram a metacognição na qual adotaram uma perspectiva sobre sua própria cognição, o que resultou em uma compreensão da leitura do texto.

Neste sentido de compreensão leitora, Kato (1985, p. 62) ressalta que a leitura deve ser constituída minuciosa, vagarosa, em que todas as pistas visuais devem ser utilizadas. E é um processo de composição, uma vez que as partes gradativamente vão formando o todo (KATO, 1985, p. 62).

Assim, observou-se que apenas (Loira) leu todo o texto como uma narrativa de terror. Ainda assim, o final do texto a deixa intrigada quanto ao que realmente aconteceu. (Duda) que parecia ter se distanciado do conto de terror após a leitura do excerto anterior, parece retomar a perspectiva do narrador dentro do domínio da narrativa.

No entanto, a mesma compreensão focalizada pelas consultadas (Loira e Duda) possibilitou uma leitura diferente para os consultados (Rippi, Ryan, Betão, Kbça, Thur e DJ GDN Wagner) que estabeleceram uma relação aleatória entre o foco da pergunta e suas respostas, não se situando cognitivamente no texto.

Os alunos consultados (Tamara e Anjo de fogo) se distanciaram da categorização do texto como sendo um conto de terror ao responder “não sei”.

8.5 Primeiro Excerto do Teste-Protocolo II

No segundo teste-protocolo, foi apresentado aos alunos o texto “As flores da morte.” Esse se configurava como um conto que apresentava, resumidamente, o desespero de uma moça que estava à beira da morte.

TEXTO 2: AS FLORES DA MORTE

Conta-se que uma moça estava muito doente e teve que ser internada em um hospital. Desenganada pelos médicos, a família não queria que ela soubesse que iria morrer. Todos os seus amigos já sabiam. Menos ela. E para todo mundo que ela perguntava se ia morrer, a afirmação era negada.

Depois de muito receber visitas, ela pediu durante uma oração que lhe enviassem flores. Caso fosse voltar para casa, queria rosas brancas. Caso fosse ficar mais um tempo no hospital e estivesse em estado grave, queria rosas amarelas. E, rosas vermelhas, caso estivesse próxima sua morte.

Certa hora, bate a porta de seu quarto uma mulher e entrega a mãe da moça um maço de rosas vermelhas murchas e sem vida. A mulher se identifica como "mãe da Berenice". Nesse meio tempo, a moça que estava dormindo acordou, e a mãe avisou para ela que uma mulher havia deixado um buquê de rosas. Isso, sem saber do pedido que sua filha havia realizado em oração.

Ela ficou com uma cara de espanto, quando foi informada pela mãe que quem havia trazido as rosas era a mãe da Berenice. A única coisa que a moça conseguiu responder era que a mãe da Berenice estava morta há dez anos. A moça morreu naquela mesma noite. No hospital, ninguém viu a tal mulher entrando ou saindo.

Para o quinto excerto apresentado, foram formuladas cinco questões na tentativa de analisar se foram acionadas as identidades situadas, a metacognição e a compreensão leitora dos consultados. Na primeira questão, foi pedido aos consultados que reescrevessem a história que haviam lido com suas palavras. Conforme exemplificado nas respostas abaixo:

1. Reescreva a história que acabou de ler com suas palavras:

Respostas –

“Conta de uma moça que estava internada em um hospital, a sua família soube que ela iria morrer, mas não quiseram contar nada para ela, ela sempre perguntava se iria morrer mas eles sempre negavam a afirmação.

Serto dia sua mãe à entrega umas rosas vermelhas muchas e sem vidas que uma mulher havia entregado à ela.

A moça morreu naquela mesma noite. No hospital, ninguém viu a tal mulher entrando e saindo.”

(LOIRA)

A mulher no hospital estava muito ruim e iria morrer, todos sabem menos ela. Em uma das noites no hospital ela pediu a Deus que caso fosse voltar pra casa recebia rosas brancas, caso fosse ficar mas um tempo no hospital queria rosas murchas e caso fosse morrer recebia flores vermelhas. Depois daquela oração ela recebeu flores vermelhas de uma mulher que se indentificou como “mãe da Berenice”. Espantada com as rosas ela soube que essa “mãe da Berenice” tinha falecido.

(RIPPI)

Uma moça estava muito doente, e seus familiares não queriam que ela soubesse que ia morrer, todos sabiam menos ela.

Depois de muita visita, pediu em uma oração que lhe enviassem flores, se fosse voltar para casa: flores brancas, se estivesse em estado grave, flores amarelas e vermelhas caso já estivesse perto de sua morte.

Certa hora, bate a porta de seu quarto, e entrega a mãe da moça um maço de rosas vermelhas murchas e sem vida. A mulher se indentificou como mãe da Berenice, nesse tempo a moça que estava dormindo acordou, e sua mãe avisou que uma mulher havia deixado um buquê de rosa. Sem saber do pedido da filha.

Ficou com cara de espanto ao saber que quem lhe enviara as flores havia sido a mãe da Berenice. A única coisa que conseguiu dizer foi a mãe da Berenice está morta a 10 anos. A moça morreu naquela noite. Do hospital, ninguém viu a moça entrando ou saindo.

(DUDA)

Uma mulher morreu mas ela estava muito doente e ela já sabia e iria morrer mas se ela morresse ela queria que os familiares, mas os amigos dela já sabiam que ela já estava morta. E as pessoas que Le perguntava que ela já havia morrido elas falavam que não. E elas recebia muitas visitas e elas pediram uma oração e enviaram muitas flores.

(BETÃO)

Conta-se que uma moça estava muito triste e teve que ser internada em um hospital muito conhecido pelos médicos a família queria que ela soubesse que ia morrer. Todos Seu amigo não sabia. E para todo mundo que la pergunta se ia morrer, as afirmação era afirmativa. Depois de muito receber visitas, ela pediu durante uma oração que lhe enviassem um pano. Caso fosse morrer.

(RYAN)

É uma história de uma mulher doente que estava internada no hospital que logo logo iria morrer, mas a sua família não queria que ela soubesse. Ela recebeu muitas visitas.

(THUR)

Para mim os amigos tinha que ela iria morrer por que ela poderia curtir a vida por que ajudar ela.

(L F DANTAS)

Eu conta-se uma moça Estava muito doente E teve que ser morre todos do meu Flores Ele ficar nesse tempo a moça.

(TAMARA)

Na primeira questão do Teste-Protocolo II, pediu-se para que os consultados reescrevessem o conto de terror que haviam acabado de ler. Observou-se que ao monitorar a compreensão da narrativa foi considerado como o conhecimento é representado mentalmente pelos consultados, como eles leem uma história, e como esse conhecimento é construído a partir da escrita.

É claro que os consultados (Loira, Rippi, Duda, Betão, Ryan, Thur e Tamara) ao escreverem, situaram-se na narrativa. As informações compreendidas foram lembradas

através das estruturas cognitivas estáveis acionadas pelas inferências possibilitadas pela percepção do tipo textual narrativa e pela construção e monitoramento dinâmico usando a metacognição, além da compreensão leitora.

GERALDI (1997, p. 92), em suas considerações à prática de leitura, cita as posturas que o leitor deverá ter ante o texto, já que é possível, por meio da leitura, estabelecer as relações de interlocução com o texto/autor. Na primeira postura, o leitor tem como objetivo extrair do texto informações; na segunda, o professor deveria desenvolver as mais variadas formas de interlocução leitor/texto/autor; na terceira, o texto deveria ser usado como pretexto para produção de outro texto; e a última consistiria em ler por ler, ler por prazer.

Assim, observamos que os consultados (Loira, Rippi e Duda) usaram as estratégias metacognitivas avaliando a eficácia das cognitivas. Isso foi percebido porque fizeram uma leitura rápida a fim de ter uma ideia acerca da dificuldade ou facilidade para compreender a narrativa lida e depois reescrevê-la. Enquanto os demais consultados usaram as estratégias cognitivas que foram destinadas simplesmente a levá-los a um objetivo cognitivo. (Rippi, Ryan, Betão, Thur e Tamara) fizeram uma leitura lenta simplesmente para aprender o conteúdo, não revisaram, nem releeram o que haviam reescrito. Podemos observar isto na falta de elementos importantes no desfecho da reescrita. Já (L F Dantas) diz que a personagem iria *morrer*, demonstrando que está situado na narrativa pautada nas ações de personagens e que ativou as mesmas estratégias cognitivas que os demais consultados (*morte*). No entanto, ele não construiu uma narrativa para recontar o que lera no texto. E ao fazer uma análise de sua resposta, fica claro uma dificuldade na utilização da modalidade escrita, acarretando, assim, em uma dificuldade de leitura e compreensão.

Outra seção foi dedicada ao estudo do tipo textual, considerando os pressupostos teóricos da metacognição.

Tabela 16: Questão 2 e suas respostas

<i>Questão</i>	<i>Respostas</i>	<i>Consultados</i>
2. Após ler e reescrever o texto, diga qual é o gênero ou tipo textual?	Narrativa	Loira
	Um fato que já aconteceu	Rippi
	leitor observador	Ryan
	Narrativa	Duda
	Narrativa	Kbça
	Narrador-observador	Thur
	Narrativa	DJ GDN Wagner
	mesma	L. F. Dantas
	amor	Tamara

O objetivo da questão 2 da tabela 16 é mostrar o aprendizado e a situatividade dos consultados quanto ao tipo textual narrativa. Apenas os consultados (Loira, Duda, Kbça, Thur e DJ GDN Wagner) conseguem identificar qual o tipo de texto estava sendo lido. (Thur) responde que o tipo textual é *narrador-observador*, ou seja, ele consegue situar-se lendo uma narrativa, porém escreve o tipo de narrador. Os demais consultados não estabeleceram relação nem associaram o texto lido ao tipo textual narrativa de terror.

Tabela 17: Questão 3 e suas respostas

<i>Questão</i>	<i>Respostas</i>	<i>Consultados</i>
3. Explique como você sabe e como você chegou a essa conclusão?	Porque ele conta uma história inteira de uma mulher que morreu.	Loira
	lendo o texto	Rippi
	lendo o texto	Ryan
	pois alguém conta a história	Duda
	por não ser narrador personagem	Kbça
	por que ele não é personagem	Thur
	porque e ele que conta	DJ GDN Wagner
	por que poderia ajudar	L. F. Dantas
	não Sei	Tamara

Na questão 3 confirmamos que os consultados (Loira, Duda, Kbça, Thur e DJ GDN Wagner) estão situados e compreendem o que leem. Eles responderam na questão anterior que o tipo textual era narrativo e explicaram na terceira questão o motivo de terem classificado o texto como tal.

Os demais consultados não conseguiram mostrar suas identidades situadas: (Rippi e Ryan) “*lendo o texto*”, (L F Dantas) “*por que poderia ajudar*”, (Tamara) “*não Sei*”. Essa questão foi elaborada com o intuito de analisar a compreensão através da metacognição.

Para construir a questão 4, foram retirados três excertos do texto que apresentavam características do gênero textual conto de terror como Suspense/Mistério: *a) sem vida, b) espanto, c) ninguém viu a mulher entrando ou saindo do hospital:*

Tabela 18: Questão 4 letra a e suas respostas

<i>Questão</i>	<i>Respostas</i>	<i>Consultados</i>
4. A que situações específicas remetem os trechos abaixo? E o que te faz dizer isso?	a) Uma situação bem estranha.	Loira
a) “Certa hora, bate a porta de seu quarto uma mulher e entrega a mãe da moça um maço de rosas vermelhas murchas e sem vida.”	a) que rosas vermelhas ela pediu caso ele fosse morrer	Rippi
	a) Ela queria flores brancas.	Ryan
	a) Que a mulher estava perto da morte, foi o que ela pediu em oração.	Duda
	a) não entendi	Kbça
	a) Que uma mulher trouxe flores para ela.	Thur
	a) nossa	L. F. Dantas
	a) e a vida	Tamara

Na quarta questão letra a), os consultados (Rippi e Duda) situaram o trecho retirado do texto aos fatos ocorridos na narrativa, foram realizadas estratégias metacognitivas, conexões entre os conhecimentos prévios e as novas informações apresentadas no texto num processo conscientemente, indo além de ações cognitivas que envolvem apenas o reconhecimento de informações na superfície do texto.

Os consultados (Loira, Ryan e Thur) estabeleceram uma relação aleatória entre o foco da pergunta e a resposta.

Os consultados (Kbça, L F Dantas e Tamara) não estabeleceram relação alguma, nem associação entre o foco da pergunta e a resposta do aluno, não ocorrendo, assim, o estabelecimento de construções cognitivas, nem situatividade.

Tabela 19: Questão 4 letra b e suas respostas

<i>Questão</i>	<i>Respostas</i>	<i>Consultados</i>
4. A que situações específicas remetem os trechos abaixo? E o que te faz dizer isso?	b) Uma situação muito mais estranha.	Loira
b) “Ela ficou com uma cara de espanto, quando foi informada pela mãe que quem havia trazido as rosas era a mãe da Berenice.”	b) porque mãe de Berenice morreu.	Rippi
	b) Ela não gosto	Ryan
	b) sim, a mãe da Berenice havia morrido a 10 anos.	Duda
	a) não entendi	Kbça
	b) que ela ficou espantada com as flores	Thur
	b) não sei	L. F. Dantas
	b) não sei tia	Tamara

Na quarta questão letra b), os consultados (Rippi, Duda e Thur) conseguiram compreender o trecho do texto, construindo relações de situatividade entre o trecho retirado do texto e às perguntas.

Os consultados (Loira, Ryan, Kbça, L F Dantas e Tamara) não estabeleceram relação alguma, nem associação entre o foco do enunciado e a resposta, não ocorrendo, assim, o estabelecimento de construções cognitivas, nem situatividade.

Tabela 20: Questão 4 letra c e suas respostas

Questão	Respostas	Consultados
4. A que situações específicas remetem os trechos abaixo? E o que te faz dizer isso?	c) Um suspense, pois ninguém viu essa mulher.	Loira
c) “No hospital, ninguém viu a tal mulher entrando ou saindo.”	c) Porque ela morreu, está morta.	Rippi
	c) porque ela ficou escondida	Ryan
	c) por que ela já era morta	Duda
	c) não entendi	Kbça
	c) que ninguém viu a mulher	Thur
	c) mesma	L. F. Dantas
	c) Sumiu	Tamara

Sobre o aprendizado e a cognição como *situados*, Chris Sinha (1999) nos diz que:

Implica, normalmente, repensar esses processos em termos de seu *enquadramento* pelo contexto e pelas práticas sociocomunicativas, em contraposição a perspectivas tradicionais que enfocam um sujeito individual e isolado. Repensar o aluno como aprendiz-leitor é essencial para que ele seja valorizado como tal. (SINHA, 1999, pp. 32-34)

Na questão 4, tabela 20, podemos observar que (Loira, Rippi, Duda, Thur e Tamara) construíram significados para o texto, estão situados, pois relacionaram acontecimentos negativos ao conto de terror (“*um suspense*” (Loira), “*morreu, está morta*” (Rippi), “*morta*” (Duda), “*ninguém viu a mulher*” (Thur), “*Sumiu*” (Tamara)). Entretanto, os consultados (Ryan, Kbça e L F Dantas) *não* relacionaram o trecho extraído do texto ao conteúdo da narrativa de terror lida: (Ryan) – “*porque ela ficou escondida*”, (Kbça) – “*não entendi*”, (L F Dantas) – “*mesma*”.

A quinta e última questão do segundo teste-protocolo pedia aos alunos pesquisados para que comentassem o grau de dificuldade de compreensão do texto (estratégia metacognitiva).

Tabela 21: Questão 5 e suas respostas

<i>Questão</i>	<i>Respostas</i>	<i>Consultados</i>
5. Em sua opinião, compreender o texto lido foi fácil ou difícil? Por quê?	Difícil. Porque é um acontecimento muito estranho.	Loira
	Fácil, porque não tem dificuldades	Rippi
	Difícil e não consegui fazer nada.	Ryan
	* Não respondeu	Betão
	Fácil, por que.....sim	Duda
	Sim por ser narrado	Kbça
	Fácil, por que é só lê com atenção para saber	Thur
	Mais ou menos	L. F. Dantas
	não	Tamara

Todas as respostas da tabela 21, questão 5, podem ser divididas em dois grupos:

Grupo I: Os três consultados (*Rippi, Duda e Thur*) acharam fácil compreender o texto, (*Loira*) achou difícil por ser um acontecimento muito estranho, (*Ryan*) achou difícil não a compreensão do texto, mas a atividade proposta (situatividade mais focada);

Grupo II: O consultado (*Betão*) não respondeu, (*Kbça*) respondeu “*sim por ser narrado*”, (*L F Dantas*) respondeu “*mais ou menos*”, e (*Tamara*) respondeu “*não*” (situatividade menos focada).

Uma análise de cada um dos grupos de respostas mostra que a facilidade de compreensão apontada pela maioria se deu devido à familiaridade com a temática do texto (*Rippi, Duda e Thur*). Assim sendo, mesmo que o texto deixe apenas subentendidos elementos essenciais para a narrativa, não causa dificuldade de compreensão.

Os alunos do grupo II não conseguiram refletir de forma situada, acerca do porquê de sua dificuldade /facilidade em realizar a tarefa, não se fazendo claros na exposição de seus comentários. Ou seja, apesar de serem capazes de julgar e perceber que há dificuldade/facilidade na realização da atividade, ainda não refletem sobre o que os levou a ter a tal dificuldade/facilidade e explicitá-la.

Ora, os alunos (*Loira e Ryan*) que alegaram ter encontrado dificuldade para compreender o texto não tiveram dificuldade em recontar a história, ou responder a qualquer parte do teste-protocolo, demonstrando, assim, que os problemas enfrentados na compreensão de texto não apontam para um déficit cognitivo. Provavelmente, o fato de saberem estar participando de uma pesquisa, estarem respondendo a um dever escolar, estarem diante de uma atividade que lhes solicita mais do que localizar e reproduzir informações de um texto modifica seu olhar para esse texto e os faz achar que não o compreenderam.

Ressaltamos que uma análise de dados em relação à metacognição por meio da leitura de texto dos alunos acerca de um diferente gênero textual seria uma interessante forma de constatar o impacto das atividades de intervenção didática na compreensão leitora dos alunos. Infelizmente, essa aplicação não foi possível de ser realizada, por falta de tempo durante as sessões de intervenção da presente pesquisa. Contudo, acena para futuras pesquisas na área.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente pesquisa, tivemos como foco a discussão acerca da cognição do aluno em relação à compreensão de narrativas de terror, com o intuito de auxiliar no desenvolvimento da leitura interpretativa, utilizando atividades metacognitivas que possibilitem o desenvolvimento de um pensamento mais crítico e situado na sociedade. A discussão levantada pela Dissertação serviu de base para a aplicação de atividades metacognitivas que pudessem ajudar os alunos a compreender as narrativas.

Um dos objetivos da investigação dessa proposta encontra-se em verificar se os alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental encontram-se situados como compreendedores em leitura, aprimorando, assim, a compreensão de narrativas, a partir da aplicação das atividades - as estratégias metacognitivas.

Esse processamento foi utilizado para a análise da compreensão de narrativas, sendo monitorado através da compreensão de duas narrativas de terror, que possibilitou observarmos como é o conhecimento dos alunos, como eles leem uma história, e como esse conhecimento é construído a partir das sentenças. Durante a compreensão de uma informação, as estruturas cognitivas dos alunos foram acionadas pelas inferências que possibilitaram a percepção do tipo textual narrativa.

Além disso, as bases de nossas discussões foram os postulados teóricos da metacognição (BROWN, 1987) e (FLAVELL, 1979) que atribuíram a designação de *metacognição ao perceber* que alguns alunos são mais aptos tanto na utilização de estratégias para adquirir, organizar e utilizar o seu conhecimento, como na regulação do seu progresso cognitivo; os teóricos da leitura (FULGÊNCIO & LIBERATO, 1992) e (KATO, 1985) que postulam que o aprendizado e a compreensão da leitura serão maiores, quanto melhor forem a legibilidade dos textos e a adequação à realidade do leitor; (SINHA, 1999) que mostra sobre aprender a ser um aprendiz e pessoas situadas e (SOARES, 2000) que nomeia comportamentos e práticas sociais na área da leitura, a fim de subsidiar todas as etapas previstas pela metodologia utilizada: os alunos devem alcançar níveis de consciência cada vez mais elevados ao longo de todo o processo de produção. Nas atividades propostas pelos testes-protocolos, estabelecemos critérios de análise das respostas dos alunos e tecemos comentários analíticos sobre os dados apresentados.

Essas atividades tiveram como principal objetivo trazer as identidades situadas dos alunos para o centro do cenário educacional. Ademais, outro ponto mais ou menos esclarecido no âmbito desta temática é de que o conhecimento metacognitivo requer um envolvimento ativo do aprendiz na aprendizagem. Por isso, optou-se em propor atividades metacognitivas utilizando as narrativas de terror, que são o nosso objeto de interesse.

Nosso trabalho mostrou-se importante no que diz respeito a entender os processos de compreensão fundamentais para o ensino da leitura. Um ponto a ser destacado é que a compreensão é uma das questões mais complexas da leitura. Até mesmo porque a compreensão é um processo que ultrapassa a leitura da palavra, já que compreendemos (ou não) um texto e o mundo.

Ao percebermos, a partir da análise dos resultados finais, uma sensível melhora na situatividade dos alunos em relação à leitura das narrativas, defendemos que os princípios norteadores das atividades desenvolvidas mostraram-se profícuos no que tange ao desenvolvimento da reflexão metacognitiva do aluno.

Assim, podemos confirmar as hipóteses de que a metacognição e a situatividade possibilitam um trabalho pedagógico em relação ao ensino de compreensão de texto, pois o padrão de resposta dos alunos manifestou a situatividade destes em situação de compreendedores de narrativas de terror.

Dessa forma, consideramos que, por conta das limitações apresentadas na aplicação das atividades propostas, é imperativo que se dê continuidade às investigações aqui iniciadas, de modo que diferentes projetos de intervenção didática aliados a atividades práticas de compreensão leitora sejam delineadas, abrindo possibilidades para novas pesquisas na área. E esperamos que este trabalho seja uma contribuição aos estudos em ensino de leitura, levando em conta os conceitos referentes à pesquisa em metacognição, uma área que se encontra em expansão.

Acreditamos na singela contribuição de nossa dissertação para os estudos que abordam a reflexão do aprendiz sobre as estratégias envolvidas no processo de aprendizagem e construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPLEGATE, M. D.; QUINN, K. B.; APPLEGATE, A. J. **Levels of thinking required by comprehension questions in informal reading inventories.** *Reading Teacher*, 56 (2), 174-180, 1999.

AMARAL, R. M. B. **A metáfora na compreensão e interpretação do texto literário.** Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade do Porto. LISBOA, 2009. Disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/19276>. Acessado em: 10/02/15.

Autoria desconhecida. **As flores da morte.** Disponível em: <http://www.sobrenatural.org/2015>. Acessado em: fevereiro/2015.

BARDONE, E.; MAGNANI, L. **Sharing representations through cognitive niche construction.** *Data Science Journal*, 6-9, p.87-91, 2008.

BERGEN, B. K. **Simulated Action in an Embodied Construction Grammar.** In Proceedings of the Twenty-Fifth Annual Conference of the Cognitive Science Society. (With Nancy Chang and Shweta Narayan), 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; MACHADO, Veruska Ribeiro & CASTANHEIRA, Salette Flores. **Formação do professor como agente letrado.** 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

BOTELHO, Patrícia Ferreira. **Textos factuais e problematizantes em livros didáticos de história: leitura e metacognição.** Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2010.

BROWN, A. L., BRANSFORD, J. D., FERRARA, R. A., & CAMPIONE, J. C. **Learning, remembering and understanding.** In: FLAVELL, J. H. & MARKHAN, E. M. (eds.), *Handbook of child psychology: Vol. III. Cognitive development.* New York: Wiley, 1987.

CORREA, Jane. **A avaliação da consciência sintática na criança: uma análise metodológica.** *Psicologia: teoria e pesquisa*, Vol. 20 n. 1, p. 69-75, Rio de Janeiro, 2004.

CROFT, W & CRUSE, A. **Cognitive Linguistics.** Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

DUQUE, P. H; e COSTA, M. A. **A análise construcional do discurso: uma alternativa cognitiva para o estudo dos gêneros discursivos.** In: Anais do 6º SIGET – Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, 2011. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/visiget/>. Acessado em: 10/02/15.

FAUCONNIER, G. **Mental Spaces.** Cambridge: University Press, 1994.

FLAVELL, J. H. **Metacognition and cognitive monitoring: A new area of cognitive-developmental inquiry.** *American Psychologist*, 34 (10), 906-911, 1979.

FELDMAN, J.A. **From molecule to metaphor: a neural theory of language**. Cambridge: MIT Press, 2009.

FILLMORE, Charles J. **Lectures on deixis**. Stanford University: CSLI, 1982.

FILLMORE, Charles J.; KAY, Paul; O' CONNOR, Mary Kay. **Regularity and idiomacity in grammatical constructions: the case of let alone**. Language, 1988.

FRANÇOZO, E. **Brincando com a linguagem e criando sentidos, ou cognição distribuída e emergência da linguagem**. Multiciência (UNICAMP), Campinas, v. 3, 2004.

FULGÊNCIO, Lúcia. & LIBERATO, Yara. **A leitura na escola**. São Paulo: Contexto, 4ª edição, 2001.

_____. **Como facilitar a leitura**. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. **É possível facilitar a leitura: um guia para escrever claro**. São Paulo: Contexto, 2007.

FUNCK, Roberto. & VARGAS, Lilia Maria. **Uma representação formal da estrutura organizacional do conhecimento**. Rio Grande do Sul: REAd Edição 48 vol.11, p. 5, 2005.

GARCIA, Paulo Henrique. **Acidente na estrada**. Disponível em: <http://www.contoehistoriasdeterror.com/2015>. Acessado em: 13/02/2015.

GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro e João, pp. 103-112, 2010.

GERHARDT, A. F. L. M. **As identidades situadas, os documentos curriculares e os caminhos abertos para o ensino de língua portuguesa no Brasil**. In: GERHARDT, A. F. L. M.; AMORIM, M. A.; CARVALHO, A. M. (Orgs.). **Linguística aplicada e ensino: Língua e literatura**. Campinas, SP: Pontes Editores, pp. 77-113, 2013.

GERHARDT, A. F. L. M. **A cognição distribuída e a pesquisa em ensino**. In: RODRIGUES, M. G.; ALVES, M. P.; FABIANO, S. (Org.). **Ensino de língua portuguesa: gêneros, textos, leitura e gramática**. Natal: Ed. da UFRN, pp.103-137, 2014.

_____. **Comprometimento conjunto, normatividade e situatividade entre os muros da escola**. Educação e Realidade, 2014.

_____. **Integração conceptual, formação de conceitos e aprendizado**. Revista Brasileira de Educação, v. 16 n. 44, pp. 247-263, 2010.

GERHARDT, A. F. L. M.; SILVA, A. B. **A intersubjetividade referencial e a interação em sala de aula**. Anais do 17º COLE – Congresso de Leitura do Brasil. Campinas: Universidade de Campinas/Associação de Leitura do Brasil, 2009.

GERHARDT, A. F. L. M.; VARGAS, D. S. **A pesquisa em cognição e as atividades escolares de leitura**. Trab. Ling. Aplic. Campinas: Universidade de Campinas/Associação de Leitura do Brasil, 2010.

HIRANO, Kinue. **Recall Protocols as measure of reading comprehension: Advantages and disadvantages**. Bull. Joetsu Univ. Educ., vol 26, Fev, 2007.

HUTCHINS, E. **Cognition in the wild**. Cambridge: The MIT Press, 1995.

HUTCHINS, E. **Distributed Cognition**. IESBS Distributed Cognition, 2000.

JOU, Graciela I. de, & SPERB, Tânia M. **A metacognição como estratégia reguladora da aprendizagem.** *Psicologia: Reflexão e Crítica*, vol.19, no.2, pp. 177-185, 2006.

KATO, Mary. **O aprendizado da leitura.** 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

KUHN, D.; DEAN, D. **Metacognition: A Bridge Between Cognitive Psychology and Educational Practice.** In: *Theory Into Practice*, Vol 43, N 4, pp. 268-273. Ohio State University College of Education, 2004. Disponível em: <http://muse.jhu.edu/journals/tip/summary/v043/43.4kuhn.html>. Acessado em: 7-2-2015

LANGACKER, Ronald W. **Foundations of Cognitive Grammar**, vol 1/2, descriptive application. Stanford: Stanford University Press, 1991.

LAWSON, M. J. **Being executive about metacognition.** In: J. R. Kirby (Org.), *Cognitive strategies and educational performance* (pp. 89-109). Orlando: Academic Press, 1984.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo, Parábola editorial, 2008.

MINSKY, M. A. **Framework for Representing Knowledge.** MIT-AI, Laboratory Memo 306, June, 1985.

MOITA LOPES, L. P. **Da aplicação de linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar.** In: PEREIRA, Regina Celi Mendes e PILAR ROCA, Maria Del (orgs.). *Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos.* São Paulo: Contexto, (pp. 11-24), 1996.

MORAIS, M. M. & CRUZ, M. O. V. **Pensar sobre o pensar: Ensino de estratégias metacognitivas para recuperação de alunos com dificuldades na compreensão da leitura na disciplina de língua portuguesa.** *Revista de Educação*, 2(1), 35-56, 1989.

NEVES, D. **Leitura e Metacognição: uma experiência em sala de aula.** Florianópolis, 2004.

NOBRE, Natália Lima. **O processamento discursivo e suas bases corpóreas: estratégias cognitivas de alunos da educação de jovens e adultos na compreensão de narrativas.** UFRN, 2012.

PREMACK, D.; PREMACK, A., J. **Por que os animais não possuem pedagogia e algumas culturas a têm mais que outras.** In: D. Olson, N. Torrance (Eds.). *Educação e desenvolvimento humano.* Porto Alegre: Artmed, p.253-269, 2000.

RAPAPORT, W. J; et al. **Deitic centers and the cognitive structure of narrative comprehension** (PDF), Paper, 05.26.1994 (Buffalo: SUNY Buffalo department of computer science). Disponível em: <http://www.cse.buffalo.edu/~rapaport/Papers/DC.knuf.pdf>. Acessado em: 30. 03.2015

RIBEIRO, Célia. **Metacognição: Um apoio ao processo de aprendizagem.** Portugal, Coimbra, pp. 109-116, 2003.

ROGERS, Y. A **Brief Introduction to Distributed Cognition**. Retrieved from <http://mcs.open.ac.uk/yr258/papers/dcog/dcog-brief-intro.pdf>, 1997.

ROSSINI, Patrícia G. C. **Sites de redes sociais sob a perspectiva da cognição distribuída: um diálogo com a teoria ator-rede**. UFMG, 2013.

SINHA, C. **Situated Selves: learning to be a learner**. In: Joan Bliss, Roger Säljö and Paul Light (Eds.) *Learning Sites: Social and Technological Resources for Learning*. Oxford, Pergamon, pp. 32-48, 1999.

SOARES, Magda Becker et al. **Ensinando comunicação em língua portuguesa no 1º grau: sugestões metodológicas 5ª a 8ª séries**. Rio de Janeiro: MEC/DEF/UFMG, 2000.

SOARES, Magda B. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 7ª ed. São Paulo: Ática, 95p. 2002.

TALMY, L. **Foreword**. In: GONZALEZ-MARQUEZ, M; MITTELERG, I; COULSON, S; SPIVEY, M (Eds). *Methods in cognitive linguistics*. Amsterdam: John Benjamin, 2005.

TAVARES, Kátia Cristina do Amaral, BECHER-COSTA, Sílvia B. A., FRANCO, Cláudio de Paiva. **Ensino de leitura: fundamentos, práticas e reflexões para professores da era digital**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 220p. 2011.

TOMASELLO, Michael. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TRIPP, D. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. São Paulo, pp. 443-466, 2005.

ANEXOS

ANEXO A - TERMOS DE AUTORIZAÇÃO

1. Termo de autorização da utilização das respostas elaboradas pelos alunos de acordo com os testes-protocolos

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Autorizo a utilização das respostas elaboradas pelo (a) aluno (a) em resposta às atividades de compreensão dos textos “Acidente na estrada” e “As flores da morte”, ministrada pela professora Viviane para fins de conclusão do Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ.

São João de Meriti, _____, _____, 2015

Assinatura

2. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Caro Participante: _____

Gostaríamos de convidá-lo a participar como voluntário da pesquisa intitulada “METACOGNIÇÃO E ENSINO DE LEITURA: Compreensão de narrativas de terror” que se refere a um projeto de Mestrado Profissional em Letras vinculado ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

O objetivo geral deste estudo é “abordar a leitura nos seus aspectos metacognitivos, de modo que a pesquisa possibilite a formação de leitores proativos para o exercício da cidadania numa sociedade letrada”. Os resultados contribuirão para melhor conhecermos possíveis problemas de compreensão textual nas salas de aulas, especificamente no 7º ano do ensino fundamental e avaliar, na medida do possível, através de um contato direto com esses estudantes o quanto os mesmos aprendem da Língua Portuguesa na escola pública, principalmente no que diz respeito à leitura nesta série.

Sua forma de participação consiste em permitir que sua produção escrita, imagem e demais informações coletadas por meio de anotações de campo sejam objeto de investigação e publicação na dissertação produzida.

Seu nome não será utilizado em qualquer fase da pesquisa o que garante seu anonimato e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os voluntários.

Não será cobrado nada; não haverá gastos, nem riscos na sua participação neste estudo; como também não estão previstos ressarcimentos ou indenizações.

Gostaríamos de deixar claro que sua participação é voluntária e que poderá recusar-se a participar ou retirar o seu consentimento, ou ainda descontinuar sua participação se assim o preferir, sem penalização alguma ou sem prejuízo ao seu cuidado.

Desde já, agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para melhores informações.

Você ficará com uma cópia deste Termo e em caso de dúvida(s) e outros esclarecimentos sobre esta pesquisa você poderá entrar em contato com a pesquisadora/profa – Viviane Ignacio Rosa Cortez – através do telefone ou e-mail: _____

Eu _____ (nome do participante) confirmo que a profa Viviane Ignacio Rosa Cortez explicou-me os objetivos desta pesquisa, bem como, a forma de participação. As alternativas para minha participação também foram discutidas. Eu li e compreendi este Termo de Consentimento, portanto, concordo em dar meu consentimento para participar como voluntário desta pesquisa.

São João de Meriti/RJ, ____ de _____ de 2015.

(Assinatura)

(Identificação e assinatura do pesquisador responsável)

3. Termo de autorização da direção da escola

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 2015

Para: A Diretora do Colégio Estadual Rubens Farrulla

VIVIANE IGNACIO ROSA CORTEZ, na qualidade de aluna do Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, venho solicitar autorização para que os seus educandos do Colégio Estadual Rubens Farrulla participem deste projeto.

A participação limita-se às atividades de leitura, ministradas por mim, na respectiva escola, em data e hora a marcar oportunamente, nas quais os educandos participarão das atividades de compreensão de texto, com base nos Testes-Protocolos distribuídos. Os dados obtidos na referida atividade serão confidenciais e utilizaremos unicamente para fins de pesquisa, com identificação fictícia.

Agradeço antecipadamente toda a colaboração

VIVIANE IGNACIO ROSA CORTEZ
PROFLETRAS - Discente

4. Carta de Anuência – Escola Pública

Pela presente, o COLÉGIO ESTADUAL RUBENS FARRULLA, sediado na Avenida Plácido Figueiredo Júnior, s/nº, Vila Rosali, São João de Meriti, representado por sua diretora MÔNICA TADEU NEVES DE AZEVEDO, declara que tem plena e total consciência e concordância com a realização da pesquisa “METACOGNIÇÃO E ENSINO DE LEITURA: Compreensão de narrativas de terror” realizada pela pesquisadora VIVIANE IGNACIO ROSA CORTEZ, para a obtenção do Título de seu Mestrado pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, sob orientação da Profa. Dra. MARIA DO ROSARIO DA SILVA ROXO, durante o ano letivo de 2015.

São João de Meriti/RJ, _____ de _____ de 2015.

Diretora

ANEXO B - TESTE-PROCOLO I

TESTE-PROCOLO DE LEITURA I

Data: ____/____/____ Idade: ____

Identifique-se na linha abaixo com o pseudônimo escolhido por você.

Observe atentamente as orientações a seguir antes de realizar esta atividade de leitura e compreensão.

- O texto abaixo está reproduzido em sua totalidade. No entanto, encontra-se dividido em partes que serão apresentadas aos poucos, a cada página virada.
- Para cada trecho apresentado há uma ou mais questões que deverão ser respondidas antes da leitura do trecho seguinte.

Portanto:

- Leia cada parte do texto quantas vezes achar necessário para sua compreensão, só então responda o que se pede;
- Não vire a página antes de responder as questões e não volte às páginas já viradas.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
Instituto de Ciências Humanas e Sociais
Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS
Mestranda: Viviane Ignacio Rosa Cortez
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria do Rosario da Silva Roxo

TEXTO 1: ACIDENTE NA ESTRADA

Todos os anos eu passava as férias de julho na fazenda dos meus tios, no interior do Rio de Janeiro. Os fatos que vou contar aconteceram em 1989, quando eu tinha 17 anos. Eles mudaram minha fé e visão do mundo. Meu tio, dois primos e eu estávamos jogando baralho enquanto, esperava minha tia terminar o jantar. A fazenda era muito antiga. Minha família morava ali há várias gerações. Infelizmente, nessa época, não havia eletricidade no campo. E os geradores eram muito caros para meu tio, então, era tudo iluminado através da vela e do lampião, o que dava um aspecto tenebroso ao lugar. Nesse dia, chovia muito forte e os cachorros estavam dentro da casa, mesmo assim estavam muito inquietos.

1. Em sua opinião, sobre o que esse texto vai falar?

2. Que parte (título, palavra, frase, trecho) do texto lhe faz imaginar isso? Justifique sua resposta.

3. Que fatos poderiam “mudar a fé e a visão do mundo” de uma pessoa de 17 anos em 1989?

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
Instituto de Ciências Humanas e Sociais
Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS
Mestranda: Viviane Ignacio Rosa Cortez
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria do Rosario da Silva Roxo

“Eu não gosto quando eles estão assim, sempre acontece algo estranho” – disse meu tio apontando os cachorros.

Todos nós rimos do comentário, que, no momento, pareceu engraçado. Ainda estávamos rindo, quando ouvimos alguém bater forte na porta. Todos nós pulamos, por conta do susto. Meu tio foi atender a porta, seguido de minha tia que veio rápido da cozinha ver quem era a visita inesperada. Quando meu tio abriu a porta, vimos um homem que estava todo molhado da chuva. Eu sabia que não era conhecido, porque eu conhecia todos os vizinhos da redondeza.

“Eu capotei meu carro ali na estrada. Preciso de ajuda, pois minha mulher está machucada e precisa de cuidados médicos. Eu vi sua casa da estrada e...” – disse o homem, sem fôlego, até ser interrompido por meu tio.

“Não precisa explicar mais.” – disse meu tio pegando a chave da caminhonete e saindo.

1. Sua opinião acerca do que vai acontecer continua a mesma ou se modificou?

2. Transcreva a(s) parte(s) do texto que confirmaram ou modificaram suas expectativas, e justifique sua resposta.

3. Com base no cenário descrito até agora, que fatos terríveis vêm a sua mente?

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
Instituto de Ciências Humanas e Sociais
Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS
Mestranda: Viviane Ignacio Rosa Cortez
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria do Rosario da Silva Roxo

Sem perguntar nada, eu entrei com eles no veículo e partimos. Em um minuto, já estávamos onde o carro se encontrava. Eu e meu tio corremos para o carro, o homem ficou lá dentro do carro, paralisado, olhando na direção do carro e chorando quieto. Eu e meu tio agachamos, para ver a situação da mulher dele e para nosso choque ali estava o homem que bateu na porta da fazenda, todo ensanguentado. Sua mulher não estava diferente. Eu fiquei com medo, mas meu tio me olhou e disse:

“Rápido temos que levar os dois para o hospital.” – Disse ele, ignorando o fato sinistro e forçando a porta para abrir.

1. Você já consegue sentir (compreender) o que vai acontecer?

2. O que vem a sua mente com as informações que você já tem?

3. Então, o que você acha que vai acontecer?

4. Por que você acha que isso (sua resposta anterior) vai acontecer?

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
Instituto de Ciências Humanas e Sociais
Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS
Mestranda: Viviane Ignacio Rosa Cortez
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria do Rosario da Silva Roxo

Tiramos os dois do carro e os levamos para o hospital. O homem, como eu e meu tio sabíamos, já estava morto. A mulher estava com ferimentos bastante graves, mas sobreviveu. Algumas horas depois, saímos do hospital e fomos de volta para a fazenda. Quando chegamos, contamos a história para meus primos e minha tia. Eles ficaram morrendo de medo. Terminei de contar a história e alguém bateu na porta. Meus primos correram para o quarto com medo. Meu tio abriu a porta, só que desta vez não tinha ninguém.

1. Qual foi o desenrolar da história (o que aconteceu)?

2. Em que partes deste último trecho você se apoiou para responder a questão anterior? Por quê?

3. Suas expectativas se confirmaram?

4. Você achou que os fatos ocorridos neste conto de terror mudaram a fé e visão do mundo do rapaz? Por quê?

Obrigada por sua colaboração,

Professora Viviane Cortez.

ANEXO C - TESTE-PROTOCOLO II

TESTE-PROTOCOLO DE LEITURA II

Data: ____ / ____ / ____ Idade: ____

Identifique-se na linha abaixo com o pseudônimo escolhido por você.

Observe atentamente as orientações a seguir antes de realizar esta atividade de leitura e compreensão.

- O texto abaixo está reproduzido em sua totalidade.
- Acerca de sua compreensão há uma ou mais questões que deverão ser respondidas após a leitura do texto completo.

Portanto:

- Leia todo o texto quantas vezes achar necessário para compreendê-lo, só então vire a página para responder o que se pede;
- Não vire a página antes de terminar a leitura;
- Não volte às páginas já viradas.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
Instituto de Ciências Humanas e Sociais
Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS
Mestranda: Viviane Ignacio Rosa Cortez
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria do Rosario da Silva Roxo

TEXTO 2: AS FLORES DA MORTE

Conta-se que uma moça estava muito doente e teve que ser internada em um hospital. Desenganada pelos médicos, a família não queria que ela soubesse que iria morrer. Todos os seus amigos já sabiam. Menos ela. E para todo mundo que ela perguntava se ia morrer, a afirmação era negada.

Depois de muito receber visitas, ela pediu durante uma oração que lhe enviassem flores. Caso fosse voltar para casa, queria rosas brancas. Caso fosse ficar mais um tempo no hospital e estivesse em estado grave, queria rosas amarelas. E, rosas vermelhas, caso estivesse próxima sua morte.

Certa hora, bate a porta de seu quarto uma mulher e entrega a mãe da moça um maço de rosas vermelhas murchas e sem vida. A mulher se identifica como "mãe da Berenice". Nesse meio tempo, a moça que estava dormindo acordou, e a mãe avisou para ela que uma mulher havia deixado um buquê de rosas. Isso, sem saber do pedido que sua filha havia realizado em oração.

Ela ficou com uma cara de espanto, quando foi informada pela mãe que quem havia trazido as rosas era a mãe da Berenice. A única coisa que a moça conseguiu responder era que a mãe da Berenice estava morta há dez anos. A moça morreu naquela mesma noite. No hospital, ninguém viu a tal mulher entrando ou saindo.

2. Após ler e reescrever o texto, diga qual é o gênero ou tipo textual?

3. Explique como você sabe e como você chegou a essa conclusão?

4. A que situações específicas remetem os trechos abaixo? E o que te faz dizer isso?

a) “Certa hora, bate a porta de seu quarto uma mulher e entrega a mãe da moça um maço de rosas vermelhas murchas e sem vida.”

b) “Ela ficou com uma cara de espanto, quando foi informada pela mãe que quem havia trazido as rosas era a mãe da Berenice.”

c) “No hospital, ninguém viu a tal mulher entrando ou saindo.”

5. Em sua opinião, compreender o texto lido foi fácil ou difícil? Por quê?

Obrigada por sua colaboração,

Professora Viviane Cortez.

ANEXO D

TESTES-PROTOCOLOS RESPONDIDOS PELOS ALUNOS

“Eu não gosto quando eles estão assim, sempre acontece algo estranho” – disse meu tio apontando os cachorros.

Todos nós rimos do comentário, que, no momento, pareceu engraçado. Ainda estávamos rindo, quando ouvimos alguém bater forte na porta. Todos nós pulamos, por conta do susto. Meu tio foi atender a porta, seguido de minha tia que veio rápido da cozinha ver quem era a visita inesperada. Quando meu tio abriu a porta, vimos um homem que estava todo molhado da chuva. Eu sabia que não era conhecido, porque eu conhecia todos os vizinhos da redondeza.

“Eu capotei meu carro ali na estrada. Preciso de ajuda, pois minha mulher está machucada e precisa de cuidados médicos. Eu vi sua casa da estrada e...” – disse o homem, sem fôlego, até ser interrompido por meu tio.

“Não precisa explicar mais.” – disse meu tio pegando a chave da caminhonete e saindo.

1. Sua opinião acerca do que vai acontecer continua a mesma ou se modificou?

Sim.

2. Transcreva a(s) parte(s) do texto que confirmaram ou modificaram suas expectativas, e justifique sua resposta.

“Eu capotei meu carro ali na estrada. Preciso de ajuda, pois minha mulher está machucada e precisa de cuidados médicos. Eu vi sua casa da estrada e...”

3. Com base no cenário descrito até agora, que fatos terríveis vêm a sua mente?

Uma coisa que poderia acontecer a todos...
é que o homem que capoteou o carro...
é o mesmo que capoteou o carro!

Tiramos os dois do carro e os levamos para o hospital. O homem, como eu e meu tio sabíamos, já estava morto. A mulher estava com ferimentos bastante graves, mas sobreviveu. Algumas horas depois, saímos do hospital e fomos de volta para a fazenda. Quando chegamos, contamos a história para meus primos e minha tia. Eles ficaram morrendo de medo. Terminei de contar a história e alguém bateu na porta. Meus primos correram para o quarto com medo. Meu tio abriu a porta, só que desta vez não tinha ninguém.

1. Qual foi o desenrolar da história (o que aconteceu)?

Um dia há estava muito estranho quando fui com meus pais para a fazenda e lá que tudo aconteceu. Quando fomos para o hospital quando fomos para o hospital quando fomos para o hospital.

2. Em que partes deste último trecho você se apoiou para responder a questão anterior? Por quê?

No texto que eu li que o homem já estava morto e a mulher estava com ferimentos graves.

3. Suas expectativas se confirmaram?

Sim.

4. Você achou que os fatos ocorridos neste conto de terror mudaram a fé e visão do mundo do rapaz? Por quê?

Sim. Porque ele ficou muito assustado com o que aconteceu.

Obrigada por sua colaboração,
Professora Viviane Cortez.

PROTOCOLO VERBAL II

PROTOCOLO DE LEITURA II

Data: 02 / 06 / 35 Idade: 32

Identifique-se na linha abaixo com o pseudônimo escolhido por você.

Naíra.

Observe atentamente as orientações a seguir antes de realizar esta atividade de leitura e compreensão.

- O texto abaixo está reproduzido em sua totalidade.
- Acerca de sua compreensão há uma ou mais questões que deverão ser respondidas após a leitura do texto completo.

Portanto:

- Leia todo o texto quantas vezes achar necessário para compreendê-lo, só então vire a página para responder o que se pede;
- Não vire a página antes de terminar a leitura;
- Não volte às páginas já viradas.

TEXTO 2: AS FLORES DA MORTE

Conta-se que uma moça estava muito doente e teve que ser internada em um hospital. Desenganada pelos médicos, a família não queria que ela soubesse que iria morrer. Todos os seus amigos já sabiam. Menos ela. E para todo mundo que ela perguntava se ia morrer, a afirmação era negada.

Depois de muito receber visitas, ela pediu durante uma oração que lhe enviassem flores. Caso fosse voltar para casa, queria rosas brancas. Caso fosse ficar mais um tempo no hospital e estivesse em estado grave, queria rosas amarelas. E, rosas vermelhas, caso estivesse próxima sua morte.

Certa hora, bate a porta de seu quarto uma mulher e entrega a mãe da moça um maço de rosas vermelhas murchas e sem vida. A mulher se identifica como "mãe da Berenice". Nesse meio tempo, a moça que estava dormindo acordou, e a mãe avisou para ela que uma mulher havia deixado um buquê de rosas. Isso, sem saber do pedido que sua filha havia realizado em oração.

Ela ficou com uma cara de espanto, quando foi informada pela mãe que quem havia trazido as rosas era a mãe da Berenice. A única coisa que a moça conseguiu responder era que a mãe da Berenice estava morta há dez anos. A moça morreu naquela mesma noite. No hospital, ninguém viu a tal mulher entrando ou saindo.

1. Reescreva a história que acabou de ler com suas palavras:

Conta-se que uma moça estava muito doente e teve que ser internada em um hospital. Desenganada pelos médicos, a família não queria que ela soubesse que iria morrer. Todos os seus amigos já sabiam. Menos ela. E para todo mundo que ela perguntava se ia morrer, a afirmação era negada.

Depois de muito receber visitas, ela pediu durante uma oração que lhe enviassem flores. Caso fosse voltar para casa, queria rosas brancas. Caso fosse ficar mais um tempo no hospital e estivesse em estado grave, queria rosas amarelas. E, rosas vermelhas, caso estivesse próxima sua morte.

Certa hora, bate a porta de seu quarto uma mulher e entrega a mãe da moça um maço de rosas vermelhas murchas e sem vida. A mulher se identifica como "mãe da Berenice". Nesse meio tempo, a moça que estava dormindo acordou, e a mãe avisou para ela que uma mulher havia deixado um buquê de rosas. Isso, sem saber do pedido que sua filha havia realizado em oração.

Ela ficou com uma cara de espanto, quando foi informada pela mãe que quem havia trazido as rosas era a mãe da Berenice. A única coisa que a moça conseguiu responder era que a mãe da Berenice estava morta há dez anos. A moça morreu naquela mesma noite. No hospital, ninguém viu a tal mulher entrando ou saindo.

X

2. Após ler e reescrever o texto, diga qual é o gênero ou tipo textual?

Narrativa

3. Explique como você sabe e como você chegou a essa conclusão?

Porque li muito uma história sobre a mãe da moça que morreu.

4. A que situações específicas remetem os trechos abaixo? E o que te faz dizer isso?

a) "Certa hora, bate a porta de seu quarto uma mulher e entrega a mãe da moça um maço de rosas vermelhas murchas e sem vida."

Uma situação muito triste.

b) "Ela ficou com uma cara de espanto, quando foi informada pela mãe que quem havia trazido as rosas era a mãe da Berenice."

Uma situação muito mais triste.

c) "No hospital, ninguém viu a tal mulher entrando ou saindo."

Um suspense, pois ninguém viu a mulher.

5. Em sua opinião, compreender o texto lido foi fácil ou difícil? Por quê?

Fácil, porque é um texto muito simples.

Obrigada por sua colaboração,
Professora Viviane Cortez.

PROTOCOLO VERBAL I

PROTOCOLO DE LEITURA I

Data: 02 / 06 / 15 Idade: 14

Identifique-se na linha abaixo com o pseudônimo escolhido por você.

Guilherme Rippi

Observe atentamente as orientações a seguir antes de realizar esta atividade de leitura e compreensão.

- O texto abaixo está reproduzido em sua totalidade. No entanto, encontra-se dividido em partes que serão apresentadas aos poucos, a cada página virada.
- Para cada trecho apresentado há uma ou mais questões que deverão ser respondidas antes da leitura do trecho seguinte.

Portanto:

- Leia cada parte do texto quantas vezes achar necessário para sua compreensão, só então responda o que se pede;
- Não vire a página antes de responder as questões e não volte às páginas já viradas.

TEXTO 1: ACIDENTE NA ESTRADA

Todos os anos eu passava as férias de julho na fazenda dos meus tios, no interior do Rio de Janeiro. Os fatos que vou contar aconteceram em 1989, quando eu tinha 17 anos. Eles mudaram minha fé e visão do mundo. Meu tio, dois primos e eu estávamos jogando baralho enquanto, esperava minha tia terminar o jantar. A fazenda era muito antiga. Minha família morava ali há várias gerações. Infelizmente, nessa época, não havia eletricidade no campo. E os geradores eram muito caros para meu tio, então, era tudo iluminado através da vela e do lampião, o que dava um aspecto tenebroso ao lugar. Nesse dia, chovia muito forte e os cachorros estavam dentro da casa, mesmo assim estavam muito inquietos.

1. Em sua opinião, sobre o que esse texto vai falar?

Sobre o mundo há um dia como mudou, como que ele mudou e o comunismo.

2. Que parte (título, palavra, frase, trecho) do texto lhe faz imaginar isso? Justifique sua resposta.

"Infelizmente, nessa época, não havia eletricidade no campo." Há um dia tem eletricidade em todos os lugares do mundo mudou.

3. Que fatos poderiam "mudar a fé e a visão do mundo" de uma pessoa de 17 anos em 1989?

Os fatos poderiam mudar a fé e a visão do mundo, que eles mudaram o mundo de 17 anos sem melhor no mundo.

“Eu não gosto quando eles estão assim, sempre acontece algo estranho” – disse meu tio apontando os cachorros.

Todos nós rimos do comentário, que, no momento, pareceu engraçado. Ainda estávamos rindo, quando ouvimos alguém bater forte na porta. Todos nós pulamos, por conta do susto. Meu tio foi atender a porta, seguido de minha tia que veio rápido da cozinha ver quem era a visita inesperada. Quando meu tio abriu a porta, vimos um homem que estava todo molhado da chuva. Eu sabia que não era conhecido, porque eu conhecia todos os vizinhos da redondeza.

“Eu capotei meu carro ali na estrada. Preciso de ajuda, pois minha mulher está machucada e precisa de cuidados médicos. Eu vi sua casa da estrada e...” – disse o homem, sem fôlego, até ser interrompido por meu tio.

“Não precisa explicar mais.” – disse meu tio pegando a chave da caminhonete e saindo.

1. Sua opinião acerca do que vai acontecer continua a mesma ou se modificou?

Modificou

2. Transcreva a(s) parte(s) do texto que confirmaram ou modificaram suas expectativas, e justifique sua resposta.

“Não precisa explicar mais” - disse meu tio pegando a chave do caminhonete e saindo

3. Com base no cenário descrito até agora, que fatos terríveis vêm a sua mente?

Uma mãe com mulher nenhuma machucada, que o homem do lugar matou ele e obrigou a família dele.

Sem perguntar nada, eu entrei com eles no veículo e partimos. Em um minuto, já estávamos onde o carro se encontrava. Eu e meu tio corremos para o carro, o homem ficou lá dentro do carro, paralisado, olhando na direção do carro e chorando quieto. Eu e meu tio agachamos, para ver a situação da mulher dele e para nosso choque ali estava o homem que bateu na porta da fazenda, todo ensanguentado. Sua mulher não estava diferente. Eu fiquei com medo, mas meu tio me olhou e disse:

“Rápido temos que levar os dois para o hospital.” – Disse ele, ignorando o fato sinistro e forçando a porta para abrir.

1. Você já consegue sentir (compreender) o que vai acontecer?

não

2. O que vem a sua mente com as informações que você já tem?

uma que eles não sobrevivem

3. Então, o que você acha que vai acontecer?

não parece com nada

4. Por que você acha que isso (sua resposta anterior) vai acontecer?

na

Tiramos os dois do carro e os levamos para o hospital. O homem, como eu e meu tio sabíamos, já estava morto. A mulher estava com ferimentos bastante graves, mas sobreviveu. Algumas horas depois, saímos do hospital e fomos de volta para a fazenda. Quando chegamos, contamos a história para meus primos e minha tia. Eles ficaram morrendo de medo. Terminei de contar a história e alguém bateu na porta. Meus primos correram para o quarto com medo. Meu tio abriu a porta, só que desta vez não tinha ninguém.

1. Qual foi o desenrolar da história (o que aconteceu)?

A mulher sobreviveu e o carro quebrou o homem e a mulher e não continuou andando

2. Em que partes deste último trecho você se apoiou para responder a questão anterior? Por quê?

"A mulher estava com ferimentos bastante graves, mas sobreviveu"

3. Suas expectativas se confirmaram?

não

4. Você achou que os fatos ocorridos neste conto de terror mudaram a fé e visão do mundo do rapaz? Por quê?

acha que não mudou, porque não aconteceu com ele.

Obrigada por sua colaboração,
Professora Viviane Cortez.

PROTOCOLO VERBAL II

PROTOCOLO DE LEITURA II

Data: 02/06/15 Idade: 14

Identifique-se na linha abaixo com o pseudônimo escolhido por você.

Beating Luziano de Oliveira Gomes

Observe atentamente as orientações a seguir antes de realizar esta atividade de leitura e compreensão.

- O texto abaixo está reproduzido em sua totalidade.
- Acerca de sua compreensão há uma ou mais questões que deverão ser respondidas após a leitura do texto completo.

Portanto:

- Leia todo o texto quantas vezes achar necessário para compreendê-lo, só então vire a página para responder o que se pede;
- Não vire a página antes de terminar a leitura;
- Não volte às páginas já viradas.

TEXTO 2: AS FLORES DA MORTE

Conta-se que uma moça estava muito doente e teve que ser internada em um hospital. Desenganada pelos médicos, a família não queria que ela soubesse que iria morrer. Todos os seus amigos já sabiam. Menos ela. E para todo mundo que ela perguntava se ia morrer, a afirmação era negada.

Depois de muito receber visitas, ela pediu durante uma oração que lhe enviassem flores. Caso fosse voltar para casa, queria rosas brancas. Caso fosse ficar mais um tempo no hospital e estivesse em estado grave, queria rosas amarelas. E, rosas vermelhas, caso estivesse próxima sua morte.

Certa hora, bate a porta de seu quarto uma mulher e entrega a mãe da moça um maço de rosas vermelhas murchas e sem vida. A mulher se identifica como "mãe da Berenice". Nesse meio tempo, a moça que estava dormindo acordou, e a mãe avisou para ela que uma mulher havia deixado um buquê de rosas. Isso, sem saber do pedido que sua filha havia realizado em oração.

Ela ficou com uma cara de espanto, quando foi informada pela mãe que quem havia trazido as rosas era a mãe da Berenice. A única coisa que a moça conseguiu responder era que a mãe da Berenice estava morta há dez anos. A moça morreu naquela mesma noite. No hospital, ninguém viu a tal mulher entrando ou saindo.

1. Reescreva a história que acabou de ler com suas palavras:

A mulher no hospital estava muito doente e todos os médicos, todos sabiam menos ela. Sem saber disso, ela no hospital ela pediu Deus que caso fosse para voltar pra casa queria rosas brancas, caso fosse ficar mais um tempo no hospital queria rosas amarelas e caso fosse morrer queria rosas vermelhas. Depois de fazer aquela oração ela recebeu um maço de rosas de uma mulher que se identificou como "mãe da Berenice". Ela ficou espantada com isso, pois ela sabia que a "mãe da Berenice" já havia falecido.

2. Após ler e reescrever o texto, diga qual é o gênero ou tipo textual?

Um fato que já aconteceu.

3. Explique como você sabe e como você chegou a essa conclusão?

Lendo o texto

4. A que situações específicas remetem os trechos abaixo? E o que te faz dizer isso?

a) "Certa hora, bate a porta de seu quarto uma mulher e entrega a mãe da moça um maço de rosas vermelhas murchas e sem vida."

que elas nem tinham sido tocadas, ele já estava morto.

b) "Ela ficou com uma cara de espanto, quando foi informada pela mãe que quem havia trazido as rosas era a mãe da Berenice."

porque a mãe da Berenice morreu.

c) "No hospital, ninguém viu a tal mulher entrando ou saindo."

Porque ela morreu, não sabe.

5. Em sua opinião, compreender o texto lido foi fácil ou difícil? Por quê?

fácil, porque não tem muitas palavras.

Obrigada por sua colaboração,
Professora Viviane Cortez.

PROTOCOLO VERBAL I

PROTOCOLO DE LEITURA I

Data: 02/05/2015 Idade: 42

Identifique-se na linha abaixo com o pseudônimo escolhido por você.

Rygon

Observe atentamente as orientações a seguir antes de realizar esta atividade de leitura e compreensão.

- O texto abaixo está reproduzido em sua totalidade. No entanto, encontra-se dividido em partes que serão apresentadas aos poucos, a cada página virada.
- Para cada trecho apresentado há uma ou mais questões que deverão ser respondidas antes da leitura do trecho seguinte.

Portanto:

- Leia cada parte do texto quantas vezes achar necessário para sua compreensão, só então responda o que se pede;
- Não vire a página antes de responder as questões e não volte às páginas já viradas.

TEXTO 1: ACIDENTE NA ESTRADA

Todos os anos eu passava as férias de julho na fazenda dos meus tios, no interior do Rio de Janeiro. Os fatos que vou contar aconteceram em 1989, quando eu tinha 17 anos. Eles mudaram minha fé e visão do mundo. Meu tio, dois primos e eu estávamos jogando baralho enquanto, esperava minha tia terminar o jantar. A fazenda era muito antiga. Minha família morava ali há várias gerações. Infelizmente, nessa época, não havia eletricidade no campo. E os geradores eram muito caros para meu tio, então, era tudo iluminado através da vela e do lampião, o que dava um aspecto tenebroso ao lugar. Nesse dia, chovia muito forte e os cachorros estavam dentro da casa, mesmo assim estavam muito inquietos.

1. Em sua opinião, sobre o que esse texto vai falar?

Sobre a vida do pessoal.

2. Que parte (título, palavra, frase, trecho) do texto lhe faz imaginar isso? Justifique sua resposta.

Ele fala sobre a vida do pessoal na época de 1989 quando ele tinha 17 anos.

3. Que fatos poderiam “mudar a fé e a visão do mundo” de uma pessoa de 17 anos em 1989?

“Eu não gosto quando eles estão assim, sempre acontece algo estranho” – disse meu tio apontando os cachorros.

Todos nós rimos do comentário, que, no momento, pareceu engraçado. Ainda estávamos rindo, quando ouvimos alguém bater forte na porta. Todos nós pulamos, por conta do susto. Meu tio foi atender a porta, seguido de minha tia que veio rápido da cozinha ver quem era a visita inesperada. Quando meu tio abriu a porta, vimos um homem que estava todo molhado da chuva. Eu sabia que não era conhecido, porque eu conhecia todos os vizinhos da redondeza.

“Eu capotei meu carro ali na estrada. Preciso de ajuda, pois minha mulher está machucada e precisa de cuidados médicos. Eu vi sua casa da estrada e...” – disse o homem, sem fôlego, até ser interrompido por meu tio.

“Não precisa explicar mais.” – disse meu tio pegando a chave da caminhonete e saindo.

1. Sua opinião acerca do que vai acontecer continua a mesma ou se modificou?

Ele pediu ajuda e os pais.

2. Transcreva a(s) parte(s) do texto que confirmaram ou modificaram suas expectativas, e justifique sua resposta.

De posse eu ajudaria os pais que moram na sua casa com a ajuda de meu

3. Com base no cenário descrito até agora, que fatos terríveis vêm a sua mente?

ajuda os pais.

Sem perguntar nada, eu entrei com eles no veículo e partimos. Em um minuto, já estávamos onde o carro se encontrava. Eu e meu tio corremos para o carro, o homem ficou lá dentro do carro, paralisado, olhando na direção do carro e chorando quieto. Eu e meu tio agachamos, para ver a situação da mulher dele e para nosso choque ali estava o homem que bateu na porta da fazenda, todo ensanguentado. Sua mulher não estava diferente. Eu fiquei com medo, mas meu tio me olhou e disse:

“Rápido temos que levar os dois para o hospital.” – Disse ele, ignorando o fato sinistro e forçando a porta para abrir.

1. Você já consegue sentir (compreender) o que vai acontecer?

Não, todos mundo mesmo.

2. O que vem a sua mente com as informações que você já tem?

que todo mundo mesmo e as pessoas ficam triste

3. Então, o que você acha que vai acontecer?

Todo mundo se volta e ninguém fica triste.

4. Por que você acha que isso (sua resposta anterior) vai acontecer?

Porque vai ser os pensamentos de Deus.

PROTOCOLO VERBAL II

PROTOCOLO DE LEITURA II

Data: 02 / 05 / 2015 Idade: 42

Identifique-se na linha abaixo com o pseudônimo escolhido por você.

Prizem

Observe atentamente as orientações a seguir antes de realizar esta atividade de leitura e compreensão.

- O texto abaixo está reproduzido em sua totalidade.
- Acerca de sua compreensão há uma ou mais questões que deverão ser respondidas após a leitura do texto completo.

Portanto:

- Leia todo o texto quantas vezes achar necessário para compreendê-lo, só então vire a página para responder o que se pede;
- Não vire a página antes de terminar a leitura;
- Não volte às páginas já viradas.

TEXTO 2: AS FLORES DA MORTE

Conta-se que uma moça estava muito doente e teve que ser internada em um hospital. Desenganada pelos médicos, a família não queria que ela soubesse que iria morrer. Todos os seus amigos já sabiam. Menos ela. E para todo mundo que ela perguntava se ia morrer, a afirmação era negada.

Depois de muito receber visitas, ela pediu durante uma oração que lhe enviassem flores. Caso fosse voltar para casa, queria rosas brancas. Caso fosse ficar mais um tempo no hospital e estivesse em estado grave, queria rosas amarelas. E, rosas vermelhas, caso estivesse próxima sua morte.

Certa hora, bate a porta de seu quarto uma mulher e entrega a mãe da moça um maço de rosas vermelhas murchas e sem vida. A mulher se identifica como "mãe da Berenice". Nesse meio tempo, a moça que estava dormindo acordou, e a mãe avisou para ela que uma mulher havia deixado um buquê de rosas. Isso, sem saber do pedido que sua filha havia realizado em oração.

Ela ficou com uma cara de espanto, quando foi informada pela mãe que quem havia trazido as rosas era a mãe da Berenice. A única coisa que a moça conseguiu responder era que a mãe da Berenice estava morta há dez anos. A moça morreu naquela mesma noite. No hospital, ninguém viu a tal mulher entrando ou saindo.

1. Reescreva a história que acabou de ler com suas palavras:

Conta-se que uma moça estava muito doente e teve que ser internada em um hospital muito cercado pelos médicos e família queris que ela não soubesse que iria morrer. Todos os seus amigos já sabiam. Menos ela. E para todo mundo que ela perguntava se ia morrer, a afirmação era negada. Depois de muito receber visitas, ela pediu durante uma oração que lhe enviassem um buquê. Caso fosse voltar para casa, queria rosas brancas. Caso fosse ficar mais um tempo no hospital e estivesse em estado grave, queria rosas amarelas. E, rosas vermelhas, caso estivesse próxima sua morte.

2. Após ler o texto, escreva qual é o gênero ou tipo textual?

litterário

3. Explique como você sabe e como você chegou a essa conclusão?

lendo o texto

4. A que situações específicas remetem os trechos abaixo? O que te faz dizer isso?

a) "Certa hora, bate a porta de seu quarto uma mulher e entrega a mãe da moça um maço de rosas vermelhas murchas e sem vida."

ela queria dizer amor

b) "Ela ficou com uma cara de espantô, quando foi informada pela mãe que quem havia trazido as rosas era a mãe da Berenice."

ela não queria

c) "No hospital, ninguém viu a tal mulher entrando ou saindo."

porque ela ficou escondida

5. Em sua opinião, compreender o texto lido foi fácil ou difícil? Por quê?

difícil e não consigo fazer nada

Obrigada por sua colaboração,
Professora Viviane Cortez.

PROTOCOLO VERBAL I

PROTOCOLO DE LEITURA I

Data: 02/06/2015 Idade: 43

Identifique-se na linha abaixo com o pseudônimo escolhido por você.

Beto

Observe atentamente as orientações a seguir antes de realizar esta atividade de leitura e compreensão.

- O texto abaixo está reproduzido em sua totalidade. No entanto, encontra-se dividido em partes que serão apresentadas aos poucos, a cada página virada.
- Para cada trecho apresentado há uma ou mais questões que deverão ser respondidas antes da leitura do trecho seguinte.

Portanto:

- Leia cada parte do texto quantas vezes achar necessário para sua compreensão, só então responda o que se pede;
- Não vire a página antes de responder as questões e não volte às páginas já viradas.

TEXTO 1: ACIDENTE NA ESTRADA

Todos os anos eu passava as férias de julho na fazenda dos meus tios, no interior do Rio de Janeiro. Os fatos que vou contar aconteceram em 1989, quando eu tinha 17 anos. Eles mudaram minha fé e visão do mundo. Meu tio, dois primos e eu estávamos jogando baralho enquanto, esperava minha tia terminar o jantar. A fazenda era muito antiga. Minha família morava ali há varias gerações. Infelizmente, nessa época, não havia eletricidade no campo. E os geradores eram muito caros para meu tio, então, era tudo iluminado através da vela e do lampião, o que dava um aspecto tenebroso ao lugar. Nesse dia, chovia muito forte e os cachorros estavam dentro da casa, mesmo assim estavam muito inquietos.

1. Em sua opinião, sobre o que esse texto vai falar?

que não tem muita eletricidade
que não tem muita eletricidade

2. Que parte (título, palavra, frase, trecho) do texto lhe faz imaginar isso? Justifique sua resposta.

que no início tinha que ter
muito ~~com~~ eletricidade e no
início os preços e muito altos porque
do pelo fazer muita coisa diferente.

3. Que fatos poderiam "mudar a fé e a visão do mundo" de uma pessoa de 17 anos em 1989?

não ter muita estabilidade, não ter
estabilidade de preços e não ter comodidade.

Sem perguntar nada, eu entrei com eles no veículo e partimos. Em um minuto, já estávamos onde o carro se encontrava. Eu e meu tio corremos para o carro, o homem ficou lá dentro do carro, paralisado, olhando na direção do carro e chorando quieto. Eu e meu tio agachamos, para ver a situação da mulher dele e para nosso choque ali estava o homem que bateu na porta da fazenda, todo ensanguentado. Sua mulher não estava diferente. Eu fiquei com medo, mas meu tio me olhou e disse:

“Rápido temos que levar os dois para o hospital.” – Disse ele, ignorando o fato sinistro e forçando a porta para abrir.

1. Você já consegue sentir (compreender) o que vai acontecer?

~~Da mulher~~

2. O que vem a sua mente com as informações que você já tem?

~~Não sei o que vai acontecer, deve~~

3. Então, o que você acha que vai acontecer?

~~não sei o que vai acontecer, deve~~

4. Por que você acha que isso (sua resposta anterior) vai acontecer?

~~porque eu não sei o futuro~~

TEXTO 2: AS FLORES DA MORTE

Conta-se que uma moça estava muito doente e teve que ser internada em um hospital. Desenganada pelos médicos, a família não queria que ela soubesse que iria morrer. Todos os seus amigos já sabiam. Menos ela. E para todo mundo que ela perguntava se ia morrer, a afirmação era negada.

Depois de muito receber visitas, ela pediu durante uma oração que lhe enviassem flores. Caso fosse voltar para casa, queria rosas brancas. Caso fosse ficar mais um tempo no hospital e estivesse em estado grave, queria rosas amarelas. E, rosas vermelhas, caso estivesse próxima sua morte.

Certa hora, bate a porta de seu quarto uma mulher e entrega a mãe da moça um maço de rosas vermelhas murchas e sem vida. A mulher se identifica como "mãe da Berenice". Nesse meio tempo, a moça que estava dormindo acordou, e a mãe avisou para ela que uma mulher havia deixado um buquê de rosas. Isso, sem saber do pedido que sua filha havia realizado em oração.

Ela ficou com uma cara de espanto, quando foi informada pela mãe que quem havia trazido as rosas era a mãe da Berenice. A única coisa que a moça conseguiu responder era que a mãe da Berenice estava morta há dez anos. A moça morreu naquela mesma noite. No hospital, ninguém viu a tal mulher entrando ou saindo.

1. Reescreva a história que acabou de ler com suas palavras:

Uma mulher morreu, mas os
dois filhos dela e os amigos dela já
sabiam que ela ia morrer. E para
todo mundo que ela perguntava se
ela ia morrer, eles diziam que não.
Ela pediu durante uma oração que
lhe enviassem flores. Ela queria
rosas brancas se fosse voltar para
casa, rosas amarelas se fosse
ficar mais um tempo no hospital,
e rosas vermelhas se fosse morrer.
Um dia, bate a porta de seu quarto
uma mulher e entrega a mãe da
moça um maço de rosas vermelhas
murchas e sem vida. A mulher se
identifica como "mãe da Berenice".
Nesse meio tempo, a moça que
estava dormindo acordou, e a mãe
avisou para ela que uma mulher
havia deixado um buquê de rosas.
Isso, sem saber do pedido que
sua filha havia realizado em oração.

Dado

TEXTO 1: ACIDENTE NA ESTRADA

Todos os anos eu passava as férias de julho na fazenda dos meus tios, no interior do Rio de Janeiro. Os fatos que vou contar aconteceram em 1989, quando eu tinha 17 anos. Eles mudaram minha fé e visão do mundo. Meu tio, dois primos e eu estávamos jogando baralho enquanto, esperava minha tia terminar o jantar. A fazenda era muito antiga. Minha família morava ali há várias gerações. Infelizmente, nessa época, não havia eletricidade no campo. E os geradores eram muito caros para meu tio, então, era tudo iluminado através da vela e do lampião, o que dava um aspecto tenebroso ao lugar. Nesse dia, chovia muito forte e os cachorros estavam dentro da casa, mesmo assim estavam muito inquietos.

1. Em sua opinião, sobre o que esse texto vai falar?

De uma fazenda e de uma garota que morava lá.

2. Que parte (título, palavra, frase, trecho) do texto lhe faz imaginar isso? Justifique sua resposta.

"Minha família morava ali há várias gerações"

3. Que fatos poderiam "mudar a fé e a visão do mundo" de uma pessoa de 17 anos em 1989?

O acidente

X

“Eu não gosto quando eles estão assim, sempre acontece algo estranho” – disse meu tio apontando os cachorros.

Todos nós rimos do comentário, que, no momento, pareceu engraçado. Ainda estávamos rindo, quando ouvimos alguém bater forte na porta. Todos nós pulamos, por conta do susto. Meu tio foi atender a porta, seguido de minha tia que veio rápido da cozinha ver quem era a visita inesperada. Quando meu tio abriu a porta, vimos um homem que estava todo molhado da chuva. Eu sabia que não era conhecido, porque eu conhecia todos os vizinhos da redondeza.

“Eu capotei meu carro ali na estrada. Preciso de ajuda, pois minha mulher está machucada e precisa de cuidados médicos. Eu vi sua casa da estrada e...” – disse o homem, sem fôlego, até ser interrompido por meu tio.

“Não precisa explicar mais.” – disse meu tio pegando a chave da caminhonete e saindo.

1. Sua opinião acerca do que vai acontecer continua a mesma ou se modificou?

Modificou

2. Transcreva a(s) parte(s) do texto que confirmaram ou modificaram suas expectativas, e justifique sua resposta.

3. Com base no cenário descrito até agora, que fatos terríveis vêm a sua mente?

De heml que expoeu com o larigo

Sem perguntar nada, eu entrei com eles no veículo e partimos. Em um minuto, já estávamos onde o carro se encontrava. Eu e meu tio corremos para o carro, o homem ficou lá dentro do carro, paralisado, olhando na direção do carro e chorando quieto. Eu e meu tio agachamos, para ver a situação da mulher dele e para nosso choque ali estava o homem que bateu na porta da fazenda, todo ensanguentado. Sua mulher não estava diferente. Eu fiquei com medo, mas meu tio me olhou e disse:

“Rápido temos que levar os dois para o hospital.” – Disse ele, ignorando o fato sinistro e forçando a porta para abrir.

1. Você já consegue sentir (compreender) o que vai acontecer?

Sim

2. O que vem a sua mente com as informações que você já tem?

Que a cara que bateu na porta estava
todo ensanguentado

3. Então, o que você acha que vai acontecer?

Que o homem e a mulher estavam em
hospital

4. Por que você acha que isso (sua resposta anterior) vai acontecer?

Porque eu quero fazer uma de terror.

Tiramos os dois do carro e os levamos para o hospital. O homem, como eu e meu tio sabíamos, já estava morto. A mulher estava com ferimentos bastante graves, mas sobreviveu. Algumas horas depois, saímos do hospital e fomos de volta para a fazenda. Quando chegamos, contamos a história para meus primos e minha tia. Eles ficaram morrendo de medo. Terminei de contar a história e alguém bateu na porta. Meus primos correram para o quarto com medo. Meu tio abriu a porta, só que desta vez não tinha ninguém.

1. Qual foi o desenrolar da história (o que aconteceu)?

Um homem que capotou com o carro e foi pedir ajuda, e esse homem (da casa) ajudou ele para ir.

2. Em que partes deste último trecho você se apoiou para responder a questão anterior? Por quê?

O homem, como eu e... Porque foi mais interessante.

3. Suas expectativas se confirmaram?

Sim

4. Você achou que os fatos ocorridos neste conto de terror mudaram a fé e visão do mundo do rapaz? Por quê?

Sim. Porque ele já sabia que o homem precisava de ajuda.

Obrigada por sua colaboração,
Professora Viviane Cortez.

PROTOCOLO VERBAL II

PROTOCOLO DE LEITURA II

Data: 02/05/2018 Idade: 12

Identifique-se na linha abaixo com o pseudônimo escolhido por você.

Lucre

Observe atentamente as orientações a seguir antes de realizar esta atividade de leitura e compreensão.

- O texto abaixo está reproduzido em sua totalidade.
- Acerca de sua compreensão há uma ou mais questões que deverão ser respondidas após a leitura do texto completo.

Portanto:

- Leia todo o texto quantas vezes achar necessário para compreendê-lo, só então vire a página para responder o que se pede;
- Não vire a página antes de terminar a leitura;
- Não volte às páginas já viradas.

TEXTO 2: AS FLORES DA MORTE

Conta-se que uma moça estava muito doente e teve que ser internada em um hospital. Desenganada pelos médicos, a família não queria que ela soubesse que iria morrer. Todos os seus amigos já sabiam. Menos ela. E para todo mundo que ela perguntava se ia morrer, a afirmação era negada.

Depois de muito receber visitas, ela pediu durante uma oração que lhe enviassem flores. Caso fosse voltar para casa, queria rosas brancas. Caso fosse ficar mais um tempo no hospital e estivesse em estado grave, queria rosas amarelas. E, rosas vermelhas, caso estivesse próxima sua morte.

Certa hora, bate a porta de seu quarto uma mulher e entrega a mãe da moça um maço de rosas vermelhas murchas e sem vida. A mulher se identifica como "mãe da Berenice". Nesse meio tempo, a moça que estava dormindo acordou, e a mãe avisou para ela que uma mulher havia deixado um buquê de rosas. Isso, sem saber do pedido que sua filha havia realizado em oração.

Ela ficou com uma cara de espanto, quando foi informada pela mãe que quem havia trazido as rosas era a mãe da Berenice. A única coisa que a moça conseguiu responder era que a mãe da Berenice estava morta há dez anos. A moça morreu naquela mesma noite. No hospital, ninguém viu a tal mulher entrando ou saindo.

1. Reescreva a história que acabou de ler com suas palavras:

Uma moça estava muito doente, e seus familiares não queriam que ela soubesse que ia morrer, todos sabiam menos ela.

Depois de muitas visitas, pediu em uma oração que lhe enviassem flores, se fosse voltar para casa: flores brancas, se estivesse em estado grave: flores amarelas e, finalmente, caso já estivesse ao perto de sua morte.

Certa hora, bate a porta de seu quarto, e entrega a mãe da moça um maço de rosas vermelhas murchas e sem vida, e a mulher se identifica como "mãe da Berenice". Nesse tempo a moça que estava dormindo acordou, e sua mãe avisou que uma mulher havia deixado um buquê de rosas. Sem saber do pedido da filha.

Ela ficou com uma cara de espanto ao saber que quem lhe enviara as flores brancas era a mãe da Berenice. A única coisa que conseguiu dizer foi que a mãe da Berenice está morta há 10 anos, e a moça morreu naquela noite. No hospital, ninguém viu a moça entrando ou saindo.

2. Após ler e reescrever o texto, diga qual é o gênero ou tipo textual?

Narrativo

3. Explique como você sabe e como você chegou a essa conclusão?

porque alguém contou a história.

4. A que situações específicas remetem os trechos abaixo? E o que te faz dizer isso?

a) "Certa hora, bate a porta de seu quarto uma mulher e entrega a mãe da moça um maço de rosas vermelhas murchas e sem vida."

Deu a mulher entona parte da morte, foi a quem ela pediu em socorro

b) "Ela ficou com uma cara de espanto, quando foi informada pela mãe que quem havia trazido as rosas era a mãe da Berenice."

sim, a mãe da Berenice havia morrido há 10 anos

c) "No hospital, ninguém viu a tal mulher entrando ou saindo."

por que ela foi sua mãe

5. Em sua opinião, compreender o texto lido foi fácil ou difícil? Por quê?

fácil, por que sim

Obrigada por sua colaboração,
Professora Viviane Cortez.

PROTOCOLO VERBAL I

PROTOCOLO DE LEITURA I

Data: 02 / 06 / 2015 Idade: 13

Identifique-se na linha abaixo com o pseudônimo escolhido por você.

Kilroy

Observe atentamente as orientações a seguir antes de realizar esta atividade de leitura e compreensão.

- O texto abaixo está reproduzido em sua totalidade. No entanto, encontra-se dividido em partes que serão apresentadas aos poucos, a cada página virada.
- Para cada trecho apresentado há uma ou mais questões que deverão ser respondidas antes da leitura do trecho seguinte.

Portanto:

- Leia cada parte do texto quantas vezes achar necessário para sua compreensão, só então responda o que se pede;
- Não vire a página antes de responder as questões e não volte às páginas já viradas.

TEXTO 1: ACIDENTE NA ESTRADA

Todos os anos eu passava as férias de julho na fazenda dos meus tios, no interior do Rio de Janeiro. Os fatos que vou contar aconteceram em 1989, quando eu tinha 17 anos. Eles mudaram minha fé e visão do mundo. Meu tio, dois primos e eu estávamos jogando baralho enquanto, esperava minha tia terminar o jantar. A fazenda era muito antiga. Minha família morava ali há varias gerações. Infelizmente, nessa época, não havia eletricidade no campo. E os geradores eram muito caros para meu tio, então, era tudo iluminado através da vela e do lampião, o que dava um aspecto tenebroso ao lugar. Nesse dia, chovia muito forte e os cachorros estavam dentro da casa, mesmo assim estavam muito inquietos.

1. Em sua opinião, sobre o que esse texto vai falar?

dos fatos de uma noite bem ruim

2. Que parte (título, palavra, frase, trecho) do texto lhe faz imaginar isso? Justifique sua resposta.

"Todos os anos eu passava as férias de julho na fazenda"

3. Que fatos poderiam "mudar a fé e a visão do mundo" de uma pessoa de 17 anos em 1989?

naquela

“Eu não gosto quando eles estão assim, sempre acontece algo estranho” – disse meu tio apontando os cachorros.

Todos nós rimos do comentário, que, no momento, pareceu engraçado. Ainda estávamos rindo, quando ouvimos alguém bater forte na porta. Todos nós pulamos, por conta do susto. Meu tio foi atender a porta, seguido de minha tia que veio rápido da cozinha ver quem era a visita inesperada. Quando meu tio abriu a porta, vimos um homem que estava todo molhado da chuva. Eu sabia que não era conhecido, porque eu conhecia todos os vizinhos da redondeza.

“Eu capotei meu carro ali na estrada. Preciso de ajuda, pois minha mulher está machucada e precisa de cuidados médicos. Eu vi sua casa da estrada e...” – disse o homem, sem fôlego, até ser interrompido por meu tio.

“Não precisa explicar mais.” – disse meu tio pegando a chave da caminhonete e saindo.

1. Sua opinião acerca do que vai acontecer continua a mesma ou se modificou?

Continua a mesma

2. Transcreva a(s) parte(s) do texto que confirmaram ou modificaram suas expectativas, e justifique sua resposta.

Não entendi

3. Com base no cenário descrito até agora, que fatos terríveis vêm a sua mente?

tempestades, mantens etc

Sem perguntar nada, eu entrei com eles no veículo e partimos. Em um minuto, já estávamos onde o carro se encontrava. Eu e meu tio corremos para o carro, o homem ficou lá dentro do carro, paralisado, olhando na direção do carro e chorando quieto. Eu e meu tio agachamos, para ver a situação da mulher dele e para nosso choque ali estava o homem que bateu na porta da fazenda, todo ensanguentado. Sua mulher não estava diferente. Eu fiquei com medo, mas meu tio me olhou e disse:

“Rápido temos que levar os dois para o hospital.” – Disse ele, ignorando o fato sinistro e forçando a porta para abrir.

1. Você já consegue sentir (compreender) o que vai acontecer?

não eles não os salvar.

2. O que vem a sua mente com as informações que você já tem?

que vai ter uma pior desastrosa

3. Então, o que você acha que vai acontecer?

não salvar os

4. Por que você acha que isso (sua resposta anterior) vai acontecer?

Rápido temos que levar os dois para o hospital

Tiramos os dois do carro e os levamos para o hospital. O homem, como eu e meu tio sabíamos, já estava morto. A mulher estava com ferimentos bastante graves, mas sobreviveu. Algumas horas depois, saímos do hospital e fomos de volta para a fazenda. Quando chegamos, contamos a história para meus primos e minha tia. Eles ficaram morrendo de medo. Terminei de contar a história e alguém bateu na porta. Meus primos correram para o quarto com medo. Meu tio abriu a porta, só que desta vez não tinha ninguém.

1. Qual foi o desenrolar da história (o que aconteceu)?

Meu tio e a sobrinha dele ficaram horas fora
da casa com medo.

2. Em que partes deste último trecho você se apoiou para responder a questão anterior? Por quê?

meu tio abriu a porta, só que desta vez não tinha
ninguém.

3. Suas expectativas se confirmaram?

sim

4. Você achou que os fatos ocorridos neste conto de terror mudaram a fé e visão do mundo do rapaz? Por quê?

não

Obrigada por sua colaboração,
Professora Viviane Cortez.

2. Após ler e reescrever o texto, diga qual é o gênero ou tipo textual?

narrativo

3. Explique como você sabe e como você chegou a essa conclusão?

por meio dos acontecimentos narrados

4. A que situações específicas remetem os trechos abaixo? E o que te faz dizer isso?

a) "Certa hora, bate a porta de seu quarto uma mulher e entrega a mãe da moça um maço de rosas vermelhas murchas e sem vida."

não entendi

b) "Ela ficou com uma cara de espanto, quando foi informada pela mãe que quem havia trazido as rosas era a mãe da Berenice."

não entendi

c) "No hospital, ninguém viu a tal mulher entrando ou saindo."

não entendi

5. Em sua opinião, compreender o texto lido foi fácil ou difícil? Por quê?

sim por ser narrativo

Obrigada por sua colaboração,
Professora Viviane Cortez.

PROTOCOLO VERBAL I

PROTOCOLO DE LEITURA I

Data: 02/06/75 Idade: 74

Identifique-se na linha abaixo com o pseudônimo escolhido por você.

THOR

Observe atentamente as orientações a seguir antes de realizar esta atividade de leitura e compreensão.

- O texto abaixo está reproduzido em sua totalidade. No entanto, encontra-se dividido em partes que serão apresentadas aos poucos, a cada página virada.
- Para cada trecho apresentado há uma ou mais questões que deverão ser respondidas antes da leitura do trecho seguinte.

Portanto:

- Leia cada parte do texto quantas vezes achar necessário para sua compreensão, só então responda o que se pede;
- Não vire a página antes de responder as questões e não volte às páginas já viradas.

TEXTO 1: ACIDENTE NA ESTRADA

Todos os anos eu passava as férias de julho na fazenda dos meus tios, no interior do Rio de Janeiro. Os fatos que vou contar aconteceram em 1989, quando eu tinha 17 anos. Eles mudaram minha fé e visão do mundo. Meu tio, dois primos e eu estávamos jogando baralho enquanto, esperava minha tia terminar o jantar. A fazenda era muito antiga. Minha família morava ali há várias gerações. Infelizmente, nessa época, não havia eletricidade no campo. E os geradores eram muito caros para meu tio, então, era tudo iluminado através da vela e do lampião, o que dava um aspecto tenebroso ao lugar. Nesse dia, chovia muito forte e os cachorros estavam dentro da casa, mesmo assim estavam muito inquietos.

1. Em sua opinião, sobre o que esse texto vai falar?

Sobre uma história de uma garota que sofreu um acidente durante as férias

2. Que parte (título, palavra, frase, trecho) do texto lhe faz imaginar isso? Justifique sua resposta.

O título

3. Que fatos poderiam “mudar a fé e a visão do mundo” de uma pessoa de 17 anos em 1989?

Uma salvação em um acidente

“Eu não gosto quando eles estão assim, sempre acontece algo estranho” – disse meu tio apontando os cachorros.

Todos nós rimos do comentário, que, no momento, pareceu engraçado. Ainda estávamos rindo, quando ouvimos alguém bater forte na porta. Todos nós pulamos, por conta do susto. Meu tio foi atender a porta, seguido de minha tia que veio rápido da cozinha ver quem era a visita inesperada. Quando meu tio abriu a porta, vimos um homem que estava todo molhado da chuva. Eu sabia que não era conhecido, porque eu conhecia todos os vizinhos da redondeza.

“Eu capotei meu carro ali na estrada. Preciso de ajuda, pois minha mulher está machucada e precisa de cuidados médicos. Eu vi sua casa da estrada e...” – disse o homem, sem fôlego, até ser interrompido por meu tio.

“Não precisa explicar mais.” – disse meu tio pegando a chave da caminhonete e saindo.

1. Sua opinião acerca do que vai acontecer continua a mesma ou se modificou?

mudou

2. Transcreva a(s) parte(s) do texto que confirmaram ou modificaram suas expectativas, e justifique sua resposta.

“Eu capotei meu carro ali na estrada...”

3. Com base no cenário descrito até agora, que fatos terríveis vêm a sua mente?

Um possível acidente

Tiramos os dois do carro e os levamos para o hospital. O homem, como eu e meu tio sabíamos, já estava morto. A mulher estava com ferimentos bastante graves, mas sobreviveu. Algumas horas depois, saímos do hospital e fomos de volta para a fazenda. Quando chegamos, contamos a história para meus primos e minha tia. Eles ficaram morrendo de medo. Terminei de contar a história e alguém bateu na porta. Meus primos correram para o quarto com medo. Meu tio abriu a porta, só que desta vez não tinha ninguém.

1. Qual foi o desenrolar da história (o que aconteceu)?

Um homem que sofreu um acidente e uma mulher também, nos férias da garota.

2. Em que partes deste último trecho você se apoiou para responder a questão anterior? Por quê?

em todo o texto.

3. Suas expectativas se confirmaram?

não

4. Você achou que os fatos ocorridos neste conto de terror mudaram a fé e visão do mundo do rapaz? Por quê?

não, por que não aconteceu nada de mais.

Obrigada por sua colaboração,
Professora Viviane Cortez.

Sem perguntar nada, eu entrei com eles no veículo e partimos. Em um minuto, já estávamos onde o carro se encontrava. Eu e meu tio corremos para o carro, o homem ficou lá dentro do carro, paralisado, olhando na direção do carro e chorando quieto. Eu e meu tio agachamos, para ver a situação da mulher dele e para nosso choque ali estava o homem que bateu na porta da fazenda, todo ensanguentado. Sua mulher não estava diferente. Eu fiquei com medo, mas meu tio me olhou e disse:

“Rápido temos que levar os dois para o hospital.” – Disse ele, ignorando o fato sinistro e forçando a porta para abrir.

1. Você já consegue sentir (compreender) o que vai acontecer?

Mais eu menos

2. O que vem a sua mente com as informações que você já tem?

que algo Terrível vai acontecer.

3. Então, o que você acha que vai acontecer?

Muitas mortes

4. Por que você acha que isso (sua resposta anterior) vai acontecer?

pelo o que está contando na história.

PROTOCOLO VERBAL II

PROTOCOLO DE LEITURA II

Data: 02 / 06 / 75 Idade: 74

Identifique-se na linha abaixo com o pseudônimo escolhido por você.

THUR

Observe atentamente as orientações a seguir antes de realizar esta atividade de leitura e compreensão.

- O texto abaixo está reproduzido em sua totalidade.
- Acerca de sua compreensão há uma ou mais questões que deverão ser respondidas após a leitura do texto completo.

Portanto:

- Leia todo o texto quantas vezes achar necessário para compreendê-lo, só então vire página para responder o que se pede;
- Não vire a página antes de terminar a leitura;
- Não volte às páginas já viradas.

TEXTO 2: AS FLORES DA MORTE

Conta-se que uma moça estava muito doente e teve que ser internada em um hospital. Desenganada pelos médicos, a família não queria que ela soubesse que iria morrer. Todos os seus amigos já sabiam. Menos ela. E para todo mundo que ela perguntava se ia morrer, a afirmação era negada.

Depois de muito receber visitas, ela pediu durante uma oração que lhe enviassem flores. Caso fosse voltar para casa, queria rosas brancas. Caso fosse ficar mais um tempo no hospital e estivesse em estado grave, queria rosas amarelas. E, rosas vermelhas, caso estivesse próxima sua morte.

Certa hora, bate a porta de seu quarto uma mulher e entrega a mãe da moça um maço de rosas vermelhas murchas e sem vida. A mulher se identifica como "mãe da Berenice". Nesse meio tempo, a moça que estava dormindo acordou, e a mãe avisou para ela que uma mulher havia deixado um buquê de rosas. Isso, sem saber do pedido que sua filha havia realizado em oração.

Ela ficou com uma cara de espanto, quando foi informada pela mãe que quem havia trazido as rosas era a mãe da Berenice. A única coisa que a moça conseguiu responder era que a mãe da Berenice estava morta há dez anos. A moça morreu naquela mesma noite. No hospital, ninguém viu a tal mulher entrando ou saindo.

1. Reescreva a história que acabou de ler com suas palavras:

É uma história de uma mulher doente que estava internada no hospital que logo logo ia morrer, mas a sua família não queria que ela soubesse. Ela recebeu muitas visitas

2. Após ler e reescrever o texto, diga qual é o gênero ou tipo textual?

narrador - elseruador

3. Explique como você sabe e como você chegou a essa conclusão?

por que ele não é personagem

4. A que situações específicas remetem os trechos abaixo? E o que te faz dizer isso?

a) "Certa hora, bate a porta de seu quarto uma mulher e entrega a mãe da moça um maço de rosas vermelhas murchas e sem vida."

que uma mulher trouxe flores para ela

b) "Ela ficou com uma cara de espanto, quando foi informada pela mãe que quem havia trazido as rosas era a mãe da Berenice."

que ela ficou espantada com as flores

c) "No hospital, ninguém viu a tal mulher entrando ou saindo."

que ninguém viu a mulher

5. Em sua opinião, compreender o texto lido foi fácil ou difícil? Por quê?

fácil, por que é só lê-lo com atenção para saber

Obrigada por sua colaboração,
Professora Viviane Cortez.

PROTOCOLO VERBAL I

PROTOCOLO DE LEITURA I

Data: 02/06/15 Idade: 13

Identifique-se na linha abaixo com o pseudônimo escolhido por você.

~~XXXXXXXXXX~~ DJ GAN

Observe atentamente as orientações a seguir antes de realizar esta atividade de leitura e compreensão.

- O texto abaixo está reproduzido em sua totalidade.
- Acerca de sua compreensão há uma ou mais questões que deverão ser respondidas após a leitura do texto completo.

Portanto:

- Leia todo o texto quantas vezes achar necessário para compreendê-lo, só então vire a página para responder o que se pede;
- Não vire a página antes de terminar a leitura;
- Não volte às páginas já viradas.

TEXTO 1: ACIDENTE NA ESTRADA

Todos os anos eu passava as férias de julho na fazenda dos meus tios, no interior do Rio de Janeiro. Os fatos que vou contar aconteceram em 1989, quando eu tinha 17 anos. Eles mudaram minha fé e visão do mundo. Meu tio, dois primos e eu estávamos jogando baralho enquanto, esperava minha tia terminar o jantar. A fazenda era muito antiga. Minha família morava ali há várias gerações. Infelizmente, nessa época, não havia eletricidade no campo. E os geradores eram muito caros para meu tio, então, era tudo iluminado através da vela e do lampião, o que dava um aspecto tenebroso ao lugar. Nesse dia, chovia muito forte e os cachorros estavam dentro da casa, mesmo assim estavam muito inquietos.

1. Em sua opinião, sobre o que esse texto vai falar?

que ele aconteceu na
casa dos meus tios.

-2. Que parte (título, palavra, frase, trecho) do texto lhe faz imaginar isso? Justifique sua resposta.

nao estava nao.

3. Que fatos poderiam "mudar a fé e a visão do mundo" de uma pessoa de 17 anos em 1989?

que ele não tinha tido
de antes de sua ida para
a fazenda.

“Eu não gosto quando eles estão assim, sempre acontece algo estranho” – disse meu tio apontando os cachorros.

Todos nós rimos do comentário, que, no momento, pareceu engraçado. Ainda estávamos rindo, quando ouvimos alguém bater forte na porta. Todos nós pulamos, por conta do susto. Meu tio foi atender a porta, seguido de minha tia que veio rápido da cozinha ver quem era a visita inesperada. Quando meu tio abriu a porta, vimos um homem que estava todo molhado da chuva. Eu sabia que não era conhecido, porque eu conhecia todos os vizinhos da redondeza.

“Eu capotei meu carro ali na estrada. Preciso de ajuda, pois minha mulher está machucada e precisa de cuidados médicos. Eu vi sua casa da estrada e...” – disse o homem, sem fôlego, até ser interrompido por meu tio.

“Não precisa explicar mais.” – disse meu tio pegando a chave da caminhonete e saindo.

1. Sua opinião acerca do que vai acontecer continua a mesma ou se modificou?

minha opinião sobre o tio

2. Transcreva a(s) parte(s) do texto que confirmaram ou modificaram suas expectativas, e justifique sua resposta.

quando pulamos eu não gostei
do susto

3. Com base no cenário descrito até agora, que fatos terríveis vêm a sua mente?

quando ele abriu a porta
eu pensei que era um
assassino

Sem perguntar nada, eu entrei com eles no veículo e partimos. Em um minuto, já estávamos onde o carro se encontrava. Eu e meu tio corremos para o carro, o homem ficou lá dentro do carro, paralisado, olhando na direção do carro e chorando quieto. Eu e meu tio agachamos, para ver a situação da mulher dele e para nosso choque ali estava o homem que bateu na porta da fazenda, todo ensanguentado. Sua mulher não estava diferente. Eu fiquei com medo, mas meu tio me olhou e disse:

“Rápido temos que levar os dois para o hospital.” – Disse ele, ignorando o fato sinistro e forçando a porta para abrir.

1. Você já consegue sentir (compreender) o que vai acontecer?

sim

2. O que vem a sua mente com as informações que você já tem?

uma mulher que estava no carro e um homem que estava fora do carro

3. Então, o que você acha que vai acontecer?

o homem vai matar a mulher

4. Por que você acha que isso (sua resposta anterior) vai acontecer?

porque ele estava com sangue

Tiramos os dois do carro e os levamos para o hospital. O homem, como eu e meu tio sabíamos, já estava morto. A mulher estava com ferimentos bastante graves, mas sobreviveu. Algumas horas depois, saímos do hospital e fomos de volta para a fazenda. Quando chegamos, contamos a história para meus primos e minha tia. Eles ficaram morrendo de medo. Terminei de contar a história e alguém bateu na porta. Meus primos correram para o quarto com medo. Meu tio abriu a porta, só que desta vez não tinha ninguém.

1. Qual foi o desenrolar da história (o que aconteceu)?

Um dia eu estava com meu tio e fomos ao hospital. Lá encontramos um homem morto e uma mulher com ferimentos graves. Depois de algumas horas fomos para a fazenda e contamos a história para meus primos e minha tia. Eles ficaram com medo. Quando terminei de contar, alguém bateu na porta. Meus primos correram para o quarto e meu tio abriu a porta, mas não havia ninguém lá.

2. Em que partes deste último trecho você se apoiou para responder a questão anterior? Por quê?

Eu me baseei no trecho em que o tio abriu a porta e não havia ninguém lá, porque isso mostra que não havia ninguém lá.

3. Suas expectativas se confirmaram?

Sim.

4. Você achou que os fatos ocorridos neste conto de terror mudaram a fé e visão do mundo do rapaz? Por quê?

Sim, porque ele ficou com medo e acreditou na história.

Obrigada por sua colaboração,
Professora Viviane Cortez.

PROTOCOLO VERBAL II

PROTOCOLO DE LEITURA II

Data: 02/06/15 Idade: 17

Identifique-se na linha abaixo com o pseudônimo escolhido por você.

DJ GONZ

Observe atentamente as orientações a seguir antes de realizar esta atividade de leitura e compreensão.

- O texto abaixo está reproduzido em sua totalidade.
- ✗ Acerca de sua compreensão há uma ou mais questões que deverão ser respondidas após a leitura do texto completo.

Portanto:

- Leia todo o texto quantas vezes achar necessário para compreendê-lo, só então vire a página para responder o que se pede;
- Não vire a página antes de terminar a leitura;
- Não volte às páginas já viradas.

TEXTO 2: AS FLORES DA MORTE

Conta-se que uma moça estava muito doente e teve que ser internada em um hospital. Desenganada pelos médicos, a família não queria que ela soubesse que iria morrer. Todos os seus amigos já sabiam. Menos ela. E para todo mundo que ela perguntava se ia morrer, a afirmação era negada.

Depois de muito receber visitas, ela pediu durante uma oração que lhe enviassem flores. Caso fosse voltar para casa, queria rosas brancas. Caso fosse ficar mais um tempo no hospital e estivesse em estado grave, queria rosas amarelas. E, rosas vermelhas, caso estivesse próxima sua morte.

Certa hora, bate a porta de seu quarto uma mulher e entrega a mãe da moça um maço de rosas vermelhas murchas e sem vida. A mulher se identifica como "mãe da Berenice". Nesse meio tempo, a moça que estava dormindo acordou, e a mãe avisou para ela que uma mulher havia deixado um buquê de rosas. Isso, sem saber do pedido que sua filha havia realizado em oração.

Ela ficou com uma cara de espanto, quando foi informada pela mãe que quem havia trazido as rosas era a mãe da Berenice. A única coisa que a moça conseguiu responder era que a mãe da Berenice estava morta há dez anos. A moça morreu naquela mesma noite. No hospital, ninguém viu a tal mulher entrando ou saindo.

1. Reescreva a história que acabou de ler com suas palavras:

Handwritten text on lined paper, appearing to be a student's attempt at retelling the story. The text is mostly illegible due to being written upside down and being very faint.



2. Após ler o texto, escreva qual é o gênero ou tipo textual?

Alcunha

3. Explique como você sabe e como você chegou a essa conclusão?

Porque a mãe que deu a rosa

4. A que situações específicas remetem os trechos abaixo? O que te faz dizer isso?

a) "Certa hora, bate a porta de seu quarto uma mulher e entrega a mãe da moça um maço de rosas vermelhas murchas e sem vida."

Porque a mãe da moça deu a rosa

b) "Ela ficou com uma cara de espanto, quando foi informada pela mãe que quem havia trazido as rosas era a mãe da Berenice."

Porque a mãe da Berenice deu a rosa

c) "No hospital, ninguém viu a tal mulher entrando ou saindo."

Porque a mãe da Berenice deu a rosa

5. Em sua opinião, compreender o texto lido foi fácil ou difícil? Por quê?

É fácil porque o texto é curto

Obrigada por sua colaboração,
Professora Viviane Cortez.

PROTOCOLO VERBAL I

PROTOCOLO DE LEITURA I

Data: 02 / 06 / 2015 Idade: 12

Identifique-se na linha abaixo com o pseudônimo escolhido por você.

LF Dantas

Observe atentamente as orientações a seguir antes de realizar esta atividade de leitura e compreensão.

- O texto abaixo está reproduzido em sua totalidade. No entanto, encontra-se dividido em partes que serão apresentadas aos poucos, a cada página virada.
- Para cada trecho apresentado há uma ou mais questões que deverão ser respondidas antes da leitura do trecho seguinte.

Portanto:

- Leia cada parte do texto quantas vezes achar necessário para sua compreensão, só então responda o que se pede;
- Não vire a página antes de responder as questões e não volte às páginas já viradas.

TEXTO 1: ACIDENTE NA ESTRADA

Todos os anos eu passava as férias de julho na fazenda dos meus tios, no interior do Rio de Janeiro. Os fatos que vou contar aconteceram em 1989, quando eu tinha 17 anos. Eles mudaram minha fé e visão do mundo. Meu tio, dois primos e eu estávamos jogando baralho enquanto, esperava minha tia terminar o jantar. A fazenda era muito antiga. Minha família morava ali há várias gerações. Infelizmente, nessa época, não havia eletricidade no campo. E os geradores eram muito caros para meu tio, então, era tudo iluminado através da vela e do lampião, o que dava um aspecto tenebroso ao lugar. Nesse dia, chovia muito forte e os cachorros estavam dentro da casa, mesmo assim estavam muito inquietos.

1. Em sua opinião, sobre o que esse texto vai falar?

relata uma experiência que aconteceu durante férias de julho

2. Que parte (título, palavra, frase, trecho) do texto lhe faz imaginar isso? Justifique sua resposta.

no interior rio de janeiro por que quase todas pessoas que moram na via de janeiro sem água

3. Que fatos poderiam "mudar a fé e a visão do mundo" de uma pessoa de 17 anos em 1989?

não sei

“Eu não gosto quando eles estão assim, sempre acontece algo estranho” – disse meu tio apontando os cachorros.

Todos nós rimos do comentário, que, no momento, pareceu engraçado. Ainda estávamos rindo, quando ouvimos alguém bater forte na porta. Todos nós pulamos, por conta do susto. Meu tio foi atender a porta, seguido de minha tia que veio rápido da cozinha ver quem era a visita inesperada. Quando meu tio abriu a porta, vimos um homem que estava todo molhado da chuva. Eu sabia que não era conhecido, porque eu conhecia todos os vizinhos da redondeza.

“Eu capotei meu carro ali na estrada. Preciso de ajuda, pois minha mulher está machucada e precisa de cuidados médicos. Eu vi sua casa da estrada e...” – disse o homem, sem fôlego, até ser interrompido por meu tio.

“Não precisa explicar mais.” – disse meu tio pegando a chave da caminhonete e saindo.

1. Sua opinião acerca do que vai acontecer continua a mesma ou se modificou?

a mesma

2. Transcreva a(s) parte(s) do texto que confirmaram ou modificaram suas expectativas, e justifique sua resposta.

não sei

3. Com base no cenário descrito até agora, que fatos terríveis vêm a sua mente?

Quem bate na porta um misterioso quem era

Sem perguntar nada, eu entrei com eles no veículo e partimos. Em um minuto, já estávamos onde o carro se encontrava. Eu e meu tio corremos para o carro, o homem ficou lá dentro do carro, paralisado, olhando na direção do carro e chorando quieto. Eu e meu tio agachamos, para ver a situação da mulher dele e para nosso choque ali estava o homem que bateu na porta da fazenda, todo ensanguentado. Sua mulher não estava diferente. Eu fiquei com medo, mas meu tio me olhou e disse:

“Rápido temos que levar os dois para o hospital.” – Disse ele, ignorando o fato sinistro e forçando a porta para abrir.

1. Você já consegue sentir (compreender) o que vai acontecer?

mais de medo

2. O que vem a sua mente com as informações que você já tem?

que vai acontecer uma coisa de mal com a família

3. Então, o que você acha que vai acontecer?

Eles não morrem na final

4. Por que você acha que isso (sua resposta anterior) vai acontecer?

por que tá acontecendo com todo mundo

Tiramos os dois do carro e os levamos para o hospital. O homem, como eu e meu tio sabíamos, já estava morto. A mulher estava com ferimentos bastante graves, mas sobreviveu. Algumas horas depois, saímos do hospital e fomos de volta para a fazenda. Quando chegamos, contamos a história para meus primos e minha tia. Eles ficaram morrendo de medo. Terminei de contar a história e alguém bateu na porta. Meus primos correram para o quarto com medo. Meu tio abriu a porta, só que desta vez não tinha ninguém.

1. Qual foi o desenrolar da história (o que aconteceu)?

Deu quem e que estava batendo na porta.

2. Em que partes deste último trecho você se apoiou para responder a questão anterior? Por quê?

Tiramos os dois do carro para hospital

3. Suas expectativas se confirmaram?

meu

4. Você achou que os fatos ocorridos neste conto de terror mudaram a fé e visão do mundo do rapaz? Por quê?

Por que ele estava com muito medo

Obrigada por sua colaboração,
Professora Viviane Cortez.

PROTOCOLO VERBAL II

PROTOCOLO DE LEITURA II

Data: 02 / 06 / 2013 Idade: 12

Identifique-se na linha abaixo com o pseudônimo escolhido por você.

J F dante

Observe atentamente as orientações a seguir antes de realizar esta atividade de leitura e compreensão.

- O texto abaixo está reproduzido em sua totalidade.
- Acerca de sua compreensão há uma ou mais questões que deverão ser respondidas após a leitura do texto completo.

Portanto:

- Leia todo o texto quantas vezes achar necessário para compreendê-lo, só então vire a página para responder o que se pede;
- Não vire a página antes de terminar a leitura;
- Não volte às páginas já viradas.



TEXTO 2: AS FLORES DA MORTE

Conta-se que uma moça estava muito doente e teve que ser internada em um hospital. Desenganada pelos médicos, a família não queria que ela soubesse que iria morrer. Todos os seus amigos já sabiam. Menos ela. E para todo mundo que ela perguntava se ia morrer, a afirmação era negada.

Depois de muito receber visitas, ela pediu durante uma oração que lhe enviassem flores. Caso fosse voltar para casa, queria rosas brancas. Caso fosse ficar mais um tempo no hospital e estivesse em estado grave, queria rosas amarelas. E, rosas vermelhas, caso estivesse próxima sua morte.

Certa hora, bate a porta de seu quarto uma mulher e entrega a mãe da moça um maço de rosas vermelhas murchas e sem vida. A mulher se identifica como "mãe da Berenice". Nesse meio tempo, a moça que estava dormindo acordou, e a mãe avisou para ela que uma mulher havia deixado um buquê de rosas. Isso, sem saber do pedido que sua filha havia realizado em oração.

Ela ficou com uma cara de espanto, quando foi informada pela mãe que quem havia trazido as rosas era a mãe da Berenice. A única coisa que a moça conseguiu responder era que a mãe da Berenice estava morta há dez anos. A moça morreu naquela mesma noite. No hospital, ninguém viu a tal mulher entrando ou saindo.

1. Reescreva a história que acabou de ler com suas palavras:

Para mim o amigos tinham que ela iria morrer
por que ela queria evitar a vida por que doiram
ajudar ela

2. Após ler e reescrever o texto, diga qual é o gênero ou tipo textual?

memória

3. Explique como você sabe e como você chegou a essa conclusão?

por que poderia ajudar

4. A que situações específicas remetem os trechos abaixo? E o que te faz dizer isso?

a) “Certa hora, bate a porta de seu quarto uma mulher e entrega a mãe da moça um maço de rosas vermelhas murchas e sem vida.”

memória

b) “Ela ficou com uma cara de espanto, quando foi informada pela mãe que quem havia trazido as rosas era a mãe da Berenice.”

mãe e pai

c) “No hospital, ninguém viu a tal mulher entrando ou saindo.”

memória

5. Em sua opinião, compreender o texto lido foi fácil ou difícil? Por quê?

mas eu não

Obrigada por sua colaboração,
Professora Viviane Cortez.

PROTOCOLO VERBAL I

PROTOCOLO DE LEITURA I

Data: 02/06/2015 Idade: 13

Identifique-se na linha abaixo com o pseudônimo escolhido por você.

Samara

Observe atentamente as orientações a seguir antes de realizar esta atividade de leitura e compreensão.

- O texto abaixo está reproduzido em sua totalidade. No entanto, encontra-se dividido em partes que serão apresentadas aos poucos, a cada página virada.
- Para cada trecho apresentado há uma ou mais questões que deverão ser respondidas antes da leitura do trecho seguinte.
Portanto:
- Leia cada parte do texto quantas vezes achar necessário para sua compreensão, só então responda o que se pede;
- Não vire a página antes de responder as questões e não volte às páginas já viradas.

TEXTO 1: ACIDENTE NA ESTRADA

Todos os anos eu passava as férias de julho na fazenda dos meus tios, no interior do Rio de Janeiro. Os fatos que vou contar aconteceram em 1989, quando eu tinha 17 anos. Eles mudaram minha fé e visão do mundo. Meu tio, dois primos e eu estávamos jogando baralho enquanto, esperava minha tia terminar o jantar. A fazenda era muito antiga. Minha família morava ali há várias gerações. Infelizmente, nessa época, não havia eletricidade no campo. E os geradores eram muito caros para meu tio, então, era tudo iluminado através da vela e do lampião, o que dava um aspecto tenebroso ao lugar. Nesse dia, chovia muito forte e os cachorros estavam dentro da casa, mesmo assim estavam muito inquietos.

1. Em sua opinião, sobre o que esse texto vai falar?

Salvo pessoas que ele não quer
sair da casa do tio

2. Que parte (título, palavra, frase, trecho) do texto lhe faz imaginar isso? Justifique sua resposta.

mae Seiva

3. Que fatos poderiam “mudar a fé e a visão do mundo” de uma pessoa de 17 anos em 1989?

Eles mudaram minha fé e visão do mundo
meu tio, dois primos e eu estávamos
fazendo Baralho

“Eu não gosto quando eles estão assim, sempre acontece algo estranho” – disse meu tio apontando os cachorros.

Todos nós rimos do comentário, que, no momento, pareceu engraçado. Ainda estávamos rindo, quando ouvimos alguém bater forte na porta. Todos nós pulamos, por conta do susto. Meu tio foi atender a porta, seguido de minha tia que veio rápido da cozinha ver quem era a visita inesperada. Quando meu tio abriu a porta, vimos um homem que estava todo molhado da chuva. Eu sabia que não era conhecido, porque eu conhecia todos os vizinhos da redondeza.

“Eu capotei meu carro ali na estrada. Preciso de ajuda, pois minha mulher está machucada e precisa de cuidados médicos. Eu vi sua casa da estrada e...” – disse o homem, sem fôlego, até ser interrompido por meu tio.

“Não precisa explicar mais.” – disse meu tio pegando a chave da caminhonete e saindo.

1. Sua opinião acerca do que vai acontecer continua a mesma ou se modificou?

Sim

2. Transcreva a(s) parte(s) do texto que confirmaram ou modificaram suas expectativas, e justifique sua resposta.

não sei

3. Com base no cenário descrito até agora, que fatos terríveis vêm a sua mente?

tio apontando os cachorros

Sem perguntar nada, eu entrei com eles no veículo e partimos. Em um minuto, já estávamos onde o carro se encontrava. Eu e meu tio corremos para o carro, o homem ficou lá dentro do carro, paralisado, olhando na direção do carro e chorando quieto. Eu e meu tio agachamos, para ver a situação da mulher dele e para nosso choque ali estava o homem que bateu na porta da fazenda, todo ensanguentado. Sua mulher não estava diferente. Eu fiquei com medo, mas meu tio me olhou e disse:

“Rápido temos que levar os dois para o hospital.” – Disse ele, ignorando o fato sinistro e forçando a porta para abrir.

1. Você já consegue sentir (compreender) o que vai acontecer?

nao

2. O que vem a sua mente com as informações que você já tem?

nao Sei

3. Então, o que você acha que vai acontecer?

Muita coisa

4. Por que você acha que isso (sua resposta anterior) vai acontecer?

nao Sei

X

Tiramos os dois do carro e os levamos para o hospital. O homem, como eu e meu tio sabíamos, já estava morto. A mulher estava com ferimentos bastante graves, mas sobreviveu. Algumas horas depois, saímos do hospital e fomos de volta para a fazenda. Quando chegamos, contamos a história para meus primos e minha tia. Eles ficaram morrendo de medo. Terminei de contar a história e alguém bateu na porta. Meus primos correram para o quarto com medo. Meu tio abriu a porta, só que desta vez não tinha ninguém.

1. Qual foi o desenrolar da história (o que aconteceu)?

Eles tiramos os dois carros e os levamos para o hospital. O homem como eu e meu tio sabíamos já estava morto.

2. Em que partes deste último trecho você se apoiou para responder a questão anterior? Por quê?

porque eles sabiam que estava morto

3. Suas expectativas se confirmaram?

não

4. Você achou que os fatos ocorridos neste conto de terror mudaram a fé e visão do mundo do rapaz? Por quê?

não sei

Obrigada por sua colaboração,
Professora Viviane Cortez.

PROTOCOLO VERBAL II

PROTOCOLO DE LEITURA II

Data: 02 / 06 / 2015 Idade: 13

Identifique-se na linha abaixo com o pseudônimo escolhido por você.

Jcemaria

Observe atentamente as orientações a seguir antes de realizar esta atividade de leitura e compreensão.

- O texto abaixo está reproduzido em sua totalidade.
- ✶ Acerca de sua compreensão há uma ou mais questões que deverão ser respondidas após a leitura do texto completo.

Portanto:

- Leia todo o texto quantas vezes achar necessário para compreendê-lo, só então vire a página para responder o que se pede;
- Não vire a página antes de terminar a leitura;
- Não volte às páginas já viradas.

TEXTO 2: AS FLORES DA MORTE

Conta-se que uma moça estava muito doente e teve que ser internada em um hospital. Desenganada pelos médicos, a família não queria que ela soubesse que iria morrer. Todos os seus amigos já sabiam. Menos ela. E para todo mundo que ela perguntava se ia morrer, a afirmação era negada.

Depois de muito receber visitas, ela pediu durante uma oração que lhe enviassem flores. Caso fosse voltar para casa, queria rosas brancas. Caso fosse ficar mais um tempo no hospital e estivesse em estado grave, queria rosas amarelas. E, rosas vermelhas, caso estivesse próxima sua morte.

Certa hora, bate a porta de seu quarto uma mulher e entrega a mãe da moça um maço de rosas vermelhas murchas e sem vida. A mulher se identifica como "mãe da Berenice". Nesse meio tempo, a moça que estava dormindo acordou, e a mãe avisou para ela que uma mulher havia deixado um buquê de rosas. Isso, sem saber do pedido que sua filha havia realizado em oração.

Ela ficou com uma cara de espanto, quando foi informada pela mãe que quem havia trazido as rosas era a mãe da Berenice. A única coisa que a moça conseguiu responder era que a mãe da Berenice estava morta há dez anos. A moça morreu naquela mesma noite. No hospital, ninguém viu a tal mulher entrando ou saindo.

1. Reescreva a história que acabou de ler com suas palavras:

Eu conta-se uma moça estava muito doente
e teve que ser internada em um hospital.
Flores ela ficou nesse tempo a moça

2. Após ler e reescrever o texto, diga qual é o gênero ou tipo textual?

amor

3. Explique como você sabe e como você chegou a essa conclusão?

não sei

4. A que situações específicas remetem os trechos abaixo? E o que te faz dizer isso?

a) "Certa hora, bate a porta de seu quarto uma mulher e entrega a mãe da moça um maço de rosas vermelhas murchas e sem vida."

e a vida

b) "Ela ficou com uma cara de espanto, quando foi informada pela mãe que quem havia trazido as rosas era a mãe da Berenice."

não sei tia

c) "No hospital, ninguém viu a tal mulher entrando ou saindo."

sumiu

5. Em sua opinião, compreender o texto lido foi fácil ou difícil? Por quê?

não

Obrigado

Obrigada por sua colaboração,
Professora Viviane Cortez.

PROTOCOLO VERBAL I

PROTOCOLO DE LEITURA I

Data: 02 / 06 / 18 Idade: 12

Identifique-se na linha abaixo com o pseudônimo escolhido por você.

Carolina de Jesus

Observe atentamente as orientações a seguir antes de realizar esta atividade de leitura e compreensão.

- O texto abaixo está reproduzido em sua totalidade. No entanto, encontra-se dividido em partes que serão apresentadas aos poucos, a cada página virada.
- Para cada trecho apresentado há uma ou mais questões que deverão ser respondidas antes da leitura do trecho seguinte.
Portanto:
- Leia cada parte do texto quantas vezes achar necessário para sua compreensão, e então responda o que se pede;
- Não vire a página antes de responder as questões e não volte às páginas já viradas.

“Eu não gosto quando eles estão assim, sempre acontece algo estranho” – disse meu tio apontando os cachorros.

Todos nós rimos do comentário, que, no momento, pareceu engraçado. Ainda estávamos rindo, quando ouvimos alguém bater forte na porta. Todos nós pulamos, por conta do susto. Meu tio foi atender a porta, seguido de minha tia que veio rápido da cozinha ver quem era a visita inesperada. Quando meu tio abriu a porta, vimos um homem que estava todo molhado da chuva. Eu sabia que não era conhecido, porque eu conhecia todos os vizinhos da redondeza.

“Eu capotei meu carro ali na estrada. Preciso de ajuda, pois minha mulher está machucada e precisa de cuidados médicos. Eu vi sua casa da estrada e...” – disse o homem, sem fôlego, até ser interrompido por meu tio.

“Não precisa explicar mais.” – disse meu tio pegando a chave da caminhonete e saindo.

1. Sua opinião acerca do que vai acontecer continua a mesma ou se modificou?

É a de ir ao hospital

2. Transcreva a(s) parte(s) do texto que confirmaram ou modificaram suas expectativas, e justifique sua resposta.

3. Com base no cenário descrito até agora, que fatos terríveis vêm a sua mente?

Se o carro dele capotou e pegando fogo e todo mundo acalorada

Sem perguntar nada, eu entrei com eles no veículo e partimos. Em um minuto, já estávamos onde o carro se encontrava. Eu e meu tio corremos para o carro, o homem ficou lá dentro do carro, paralisado, olhando na direção do carro e chorando quieto. Eu e meu tio agachamos, para ver a situação da mulher dele e para nosso choque ali estava o homem que bateu na porta da fazenda, todo ensanguentado. Sua mulher não estava diferente. Eu fiquei com medo, mas meu tio me olhou e disse:

“Rápido temos que levar os dois para o hospital.” – Disse ele, ignorando o fato sinistro e forçando a porta para abrir.

1. Você já consegue sentir (compreender) o que vai acontecer?

sim, não sei o quê.

2. O que vem a sua mente com as informações que você já tem?

3. Então, o que você acha que vai acontecer?

que ela vá morrer.

4. Por que você acha que isso (sua resposta anterior) vai acontecer?

mãe dele

Tiramos os dois do carro e os levamos para o hospital. O homem, como eu e meu tio sabíamos, já estava morto. A mulher estava com ferimentos bastante graves, mas sobreviveu. Algumas horas depois, saímos do hospital e fomos de volta para a fazenda. Quando chegamos, contamos a história para meus primos e minha tia. Eles ficaram morrendo de medo. Terminei de contar a história e alguém bateu na porta. Meus primos correram para o quarto com medo. Meu tio abriu a porta, só que desta vez não tinha ninguém.

1. Qual foi o desenrolar da história (o que aconteceu)?

foi que o homem morreu

2. Em que partes deste último trecho você se apoiou para responder a questão anterior? Por quê?

Não

3. Suas expectativas se confirmaram?

4. Você achou que os fatos ocorridos neste conto de terror mudaram a fé e visão do mundo do rapaz? Por quê?

Não

Obrigada por sua colaboração,
Professora Viviane Cortez.